



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

LUÍS VALENTIM CORREIA COSTA

Ser pão para os outros.

A caridade: a ação cristã na relação com o outro.
Uma reflexão no contexto de EMRC.

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Professor Doutor Américo José Pinheira Pereira
Mestre Juan Francisco Garcia Ambrosio

Lisboa
2023

«Ainda que distribua todos os meus bens em esmolas e entregue o meu corpo a fim de ser queimado, se não tiver caridade, de nada me aproveita».
(1 Cor 13,3)

Índice

SIGLAS E ABREVIATURAS	5
INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1 – A CARIDADE: PRÁTICA PESSOAL DO AMOR E DEVER DA IGREJA. A CARIDADE NAS ENCÍCLICAS <i>DEUS CARITAS EST</i> E <i>FRATELLI TUTTI</i>	11
1. A caridade é uma dimensão praxica	11
1.1. Os domínios pessoal, relacional e histórico-cultural da caridade	11
1.2. A Igreja como comunidade de amor é essência do dever e expressão da caridade	17
2. A Carta Encíclica <i>Deus caritas est</i>, um contributo doutrinal sobre a caridade	21
2.1. Razão da publicação	22
2.2. Estrutura e conteúdos-chave	24
2.3. Deus é Amor	30
2.4. A inevitabilidade cristã de viver a caridade	34
3. A Carta Encíclica <i>Fratelli Tutti</i>, o contributo da caridade para a fraternidade universal.	38
3.1. A contextualização	38
3.2. Estrutura e conteúdos-chave	40
3.3. Do amor ao próximo ao coração aberto ao mundo inteiro	47
3.4. Caridade social e política	51
4. A caridade une os Homens e faz entrar a luz de Deus no mundo	55
CAPÍTULO 2 – A CARIDADE COMO AÇÃO PELA QUAL SE EXERCE A JUSTIÇA E A MISERICÓRDIA	59
1. O mundo de hoje e algumas das suas interpelações	59
1.1. As questões sociais gritantes no meio da fragilidade	60
1.2. Sinais de espiritualidade da sociedade dos nossos tempos	64
2. Estruturas e ações de caridade ao serviço do mundo	72
2.1. Estruturas da Igreja	72
2.1.1. Sociais	73
2.1.2. Ordens e Congregações Religiosas	76
2.1.3. Laicais	80
2.2. Ações construtivas de vida com sentido	84
2.2.1. Pe. Américo, o “Pai dos pobres”	84
2.2.2. Madre Teresa de Calcutá, “ícone do bom samaritano”	91

CAPÍTULO 3 – A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA (PES)	100
1. Contextualização da PES	100
1.1. Caraterização da escola a que pertence o Núcleo da Prática de Ensino Supervisionada	100
1.2. Caraterização da turma em que decorreu a PES.....	103
2. A Unidade letiva 3, A partilha do pão	105
2.1. A caridade como missão da Igreja	106
2.1.1. Nascida do Evangelho	107
2.1.2. Nas primeiras comunidades cristãs.....	108
2.1.3. Ao longo dos séculos.....	109
2.1.4. No confronto com a modernidade	111
2.1.5. A caridade nas palavras dos Papas	112
2.1.6. A caridade em modo de solidariedade social	114
2.1.7. A caridade para além da solidariedade	115
3. Prática letiva.....	117
3.1. Aula 1 da UL 3	117
3.2. Aula 2 da UL 3	119
3.3. Aula 3 da UL 3	121
3.4. Aula 4 da UL 3	123
3.5. Aula 5 da UL 3	125
3.6. Aula 6 da UL 3	127
3.7. Aula 7 da UL 3	130
3.8. Aula 8 da UL 3	132
3.9. Aula 9 da UL 3	135
3.10. Aula 10 da UL 3	138
3.11. Aula 11 da UL 3	140
4. Sugestões depois da lecionação.....	142
CONCLUSÃO	145
BIBLIOGRAFIA.....	149

RESUMO

Resultado da Prática de Estágio Supervisionada, com vista à habilitação profissional de docência em Educação Moral e Religiosa Católica, o presente trabalho é uma reflexão sobre a caridade, como dever e essência do cristão na sua relação com o outro, tendo como base as encíclicas *Deus Caritas Est*, do Papa Bento XVI, e *Fratelli Tutti*, do Papa Francisco, em conexão com a Tradição e com a Doutrina Social da Igreja. A partir do significado evangélico do termo caridade, da sua etimologia, percorre-se um itinerário que vai da teoria à concretização na práxis cristã. A caridade não tem existência na teoria, não subsiste sem a práxis. S. João resume esta verdade dizendo que «se alguém disser: “Eu amo a Deus”, mas odiar a seu irmão, é mentiroso, pois quem não ama a seu irmão, ao qual vê, como pode amar a Deus, que não vê?» (1 Jo 4,20). A caridade requer prática e, como tal, a caridade é a ação cristã, pessoal e da Igreja. A caridade é ser pão para o outro.

Palavras-chave

Caridade, amor, solidariedade, justiça, misericórdia, compaixão, partilha, pão.

ABSTRACT

Result of the Supervised Internship Practice, aimed at professional qualification for teaching in Catholic Moral and Religious Education, this work is a reflection on charity, as the duty and essence of the Christian in their relationship with others, based on the encyclicals *Deus Caritas Est*, by Pope Benedict XVI, and *Fratelli Tutti*, by Pope Francis, in connection with Tradition and the Social Doctrine of the Church. Starting from the evangelical meaning of the term charity and its etymology, we traverse a path from theory to realization in Christian praxis. Charity does not exist in theory, it does not subsist without praxis. St. John summarizes this truth by saying that “if anyone says: “I love God”, but hates his brother, he is a liar, for whoever does not love his brother, whom he sees, how can he love God, who does not see?» (1 John 4:20). Charity requires practice and, as such, charity is the Christian action, both personal and of the Church. Charity is to be bread for the other.

Keywords:

Charity, love, solidarity, justice, mercy, compassion, sharing, bread.

SIGLAS E ABREVIATURAS

AA = Decreto sobre o Apostolado dos Leigos *Apostolicam Actuositatem*

At = Atos dos Apóstolos

CA = Carta Encíclica *Centesimus Annus*

CDSI = Compêndio da Doutrina Social da Igreja

CIC = Catecismo da Igreja Católica

CinV = Carta Encíclica *Caritas in Veritate*

1 Cor = Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios

CV = Exortação Apostólica *Christus Vivit*

DCE = Carta Encíclica *Deus Caritas Est*

DM = Carta Encíclica *Dives in Misericordia*

DSI = Doutrina Social da Igreja

DV = Carta Encíclica *Dominum et Vivificantem*

Dt = Livro do Deuteronomio

EG = Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*

EMRC = Educação Moral e Religiosa Católica

ES = Carta Encíclica *Ecclesiam Suam*

Ex = Livro do Êxodo

FT = Carta Encíclica *Fratelli Tutti*

Gal = Carta de São Paulo aos Gálatas

Gn = Livro do Génesis

GS = Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*

Jo = Evangelho segundo S. João

1 Jo = Primeira Carta de S. João

Lc = Evangelho segundo S. Lucas

LS = Carta Encíclica *Laudato Si*

Lv = Livro do Levítico

Mc = Evangelho segundo S. Marcos

MeM = Carta Apostólica *Misericordia et Misera*

MM = Carta Encíclica *Mater et Magistra*

MV = Bula *Misericordiae Vultus*

Mt = Evangelho segundo S. Mateus

Os = Livro do Profeta Oseias

PES = Prática de Ensino Supervisionada

PP = Carta Encíclica *Populorum Progressio*

PT = Carta Encíclica *Pacem in Terris*

QA = Carta Encíclica *Quadragesimo Anno*

Rm = Carta de S. Paulo aos Romanos

RN = Rerum Novarum

Sir = Livro do Bem Sirá

Sl = Livro dos Salmos

SRS = Carta Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*

Tg = Carta de S. Tiago

UL = Unidade Letiva

UL 3 = Unidade Letiva 3

INTRODUÇÃO

Este trabalho é o resultado de uma reflexão no contexto da Prática de Ensino Supervisionada em Educação Moral e Religiosa Católica sobre o papel determinante da caridade na ação da Igreja e dos cristãos, o entendimento sobre o seu conteúdo e alcance, com base nos Evangelhos, na Tradição e na Doutrina Social da Igreja, sobretudo nas encíclicas *Deus Caritas Est*, do Papa Bento XVI, e *Fratelli Tutti*, do Papa Francisco, exemplificada pelos testemunhos de Madre Teresa de Calcutá e do Padre Américo.

Quão profunda é a afirmação de S. Paulo, «... ainda que distribua todos os meus bens em esmolas e entregue o meu corpo a fim de ser queimado, se não tiver caridade, de nada me aproveita» (1 Cor 13,3). É reveladora da importância da caridade. Esclarece, de uma forma clara, que a caridade não é de forma alguma, como tantas vezes foi interpretada, o simples ato de dar. E se não é o ato de dar, o que significa então? Em que é que se substancia? Será que podemos dizer que a caridade é a ação cristã na relação com os outros? Não será uma palavra gasta, datada, anacrónica, com um sentido um tanto ou quanto pejorativo? Porque é que caiu em desuso? Como é que isso aconteceu, se é um conceito evangélico? Tomáš Halík diz que «se hoje em dia quisermos falar de questões divinas, temos de “curar” certas palavras e ressuscitá-las, porque estas se esgotaram sob o peso dos inúmeros significados diferentes que as pessoas lhes foram impondo ao longo dos séculos».¹ A palavra caridade será uma das que precisa de cura muito provavelmente. O meu objetivo com este trabalho é pensar um pouco sobre o verdadeiro sentido de caridade e como poder usar a palavra sem medo das reminiscências negativas que ela comporta, fruto do mau uso ao longo dos tempos, também em contexto escolar.

O tema da caridade suscitou em mim um grande interesse no início da juventude. Mais tarde, tornou-se até uma inquietação. Numa determinada fase da vida, tive contacto com a *Obra da Rua*, através dos escritos do Pe. Américo. Numa linguagem simples, ele conseguia transportar-nos para a essência do Evangelho: o Amor. Essa literatura levou-me a olhar com bastante interesse para tudo o que eram obras sociais da Igreja. Parecia ser o maior compromisso que a Igreja tinha com o mundo. Desconhecia totalmente a Doutrina Social da Igreja, o que pensava o Magistério sobre as questões sociais. Pouco tempo depois, tive a oportunidade de conhecer a figura de Madre Teresa de Calcutá, a sua bibliografia e obra. Fiquei totalmente fascinado com a sua radicalidade, da forma como olhava para o outro, como vivia o Evangelho.

¹Tomáš Halík, *Paciência com Deus* (Prior Velho: Paulinas, 2019), 42.

Alargado um pouco mais o meu conhecimento sobre estes assuntos, comecei a trabalhar numa instituição particular de solidariedade social, de carácter aconfessional, com crianças e jovens provenientes de famílias desestruturadas. Nessa altura, no contacto com os técnicos da área social, apercebi-me da tensão existente, muito evidente, entre o saber fazer da Igreja e o saber fazer de outras instituições dedicadas à solidariedade social, nomeadamente as do Estado. Tal tensão mostrava-se, sobretudo, na linguagem utilizada pelos técnicos e num olhar desconfiado para a ação social da Igreja, rotulada de “caridadezinha”, tão caricaturalmente retratada na canção de José Barata Moura, “Vamos brincar à caridadezinha”.² As instituições do Estado já tinham quadros técnicos alargados e o trabalho era feito duma forma mais ou menos profissional. Ao invés, muitas das instituições da Igreja, ou de inspiração cristã, faziam valer mais a dimensão vocacional, o gosto pela área, das pessoas que aí trabalhavam. De um lado, a técnica; do outro, um certo voluntarismo. Era assim em muitas das instituições. É evidente, que esta tensão trazia ao de cima o pior dos dois modelos: por um lado, a frieza da técnica; por outro, a pouca formação de algumas pessoas que se diziam vocacionadas para o serviço aos outros. Não raras vezes, era notória a desadequada maneira de trabalhar das últimas, com boas intenções, mas com abordagens muito pouco cristãs, contrariando «o sentido do agir sociocaritativo da Igreja»³ que deve seguir, obrigatoriamente, os critérios evangélicos. Como diz José Eduardo Borges de Pinho,

quando uma instituição eclesial presente e ativa neste campo não se distingue na atitude das pessoas que a servem, na transparência também financeira de tudo o que faz, nas prioridades que tem, no modo como se organiza e estrutura, estamos num caminho de perigosa contradição, porventura até de contratestemunho. Nunca se pode esquecer que estão sempre em causa pessoas e o modo humano de lidar com elas.⁴

Parece-me evidente que é necessário o conhecimento que advém das ciências sociais. A este propósito, o Papa João XXIII, já tinha afirmado na encíclica *Pacem in Terris*: «Para impregnarem de retas normas e princípios cristãos uma civilização, não basta gozar da luz da fé e arder no desejo do bem. É necessário para tanto inserir-se nas suas instituições e trabalhá-las eficientemente por dentro (PT, 146)». E completa: «A cultura atual salienta-se sobretudo por sua índole científica e técnica. Assim ninguém pode penetrar nas suas instituições se não

²José Barata Moura, «Vamos brincar à caridadezinha», acessido a 9 de fevereiro de 2023, <https://www.youtube.com/watch?v=ZHieMBabirY>.

³José Eduardo Borges de Pinho, «Igreja, anúncio e testemunho da misericórdia», em Juan Ambrosio (coord.), *A misericórdia de Deus. Coração pulsante do Evangelho* (Lisboa: UCP, 2016),164.

⁴Borges de Pinho, «Igreja, anúncio e testemunho da misericórdia»,165.

for cientificamente competente, tecnicamente capaz, profissionalmente perito» (PT,147). De qualquer modo, como conciliar o saber científico com o amor? O Padre Américo costumava dizer que «técnico é aquele que ama». No fundo, o que o Pe. Américo queria dizer é que qualquer ação a favor dos outros, deve ser acompanhada pelo amor.

Numa altura em que Portugal deu um salto qualitativo no que diz respeito à legislação sobre as instituições sociais, e intervenção da Segurança Social nas mesmas (ver, como exemplo, o Plano DOM - Desafios, Oportunidades e Mudanças, em 2007, intervenção do Instituto de Segurança Social em Lares de Infância e Juventude no sentido de os qualificar)⁵ ficou bem patente o conflito de que falava. Todas as instituições tinham de cumprir os mesmos requisitos, em virtude de uma uniformização de práticas, tanto pedagógicas, como laborais, logísticas, administrativas e outros procedimentos. Com essa uniformização, poderíamos sempre perguntar o que distinguiria então uma instituição da Igreja, de uma outra. É evidente que a Igreja tinha o património da caridade; o estado, o da solidariedade. Os dois serão a mesma coisa? Se não, qual a diferença? A Igreja deve praticar a solidariedade, mas com o imperativo da caridade. Mas, como se faz isso na prática?

A intenção que está por trás deste trabalho é, para além de responder às perguntas que temos feito nesta introdução, demonstrar que a caridade é de tal maneira importante que é essência da própria Igreja, porque essência do Evangelho, que se testemunha e se concretiza na sua ação concreta com o outro. Para chegar a dizer que a caridade é a ação cristã na relação com o outro, que é o que tento explorar com este relatório final, no primeiro capítulo deste trabalho vou deixar-me guiar pelas Encíclicas *Deus Caritas Est*, do Papa Bento XVI, e *Fratelli Tutti*, do Papa Francisco, descortinar o que a Igreja diz da caridade, fazendo também algumas incursões pela Tradição e pela Doutrina Social da Igreja. Como a caridade requer a prática, irei no segundo capítulo fazer referência a obras concretas de caridade surgidas no meio da Igreja ao longo dos séculos e de dois exemplos de quem viveu esta dimensão do amor no concreto, e de uma forma radical. São os casos do Pe. Américo e da Madre Teresa de Calcutá.

Por fim, no terceiro capítulo, apresentarei o resultado da minha experiência de estágio de prática da lecionação de EMRC, realizado na Escola 2,3 de Santo António, na Parede, Cascais, numa turma de 6º ano. A Unidade trabalhada foi a nº 3, *A Partilha do Pão*. O que

⁵Cf. Plano DOM, acedido a 12 de fevereiro de 2023, [Plano DOM - Desafios, Oportunidades e Mudanças - seg-social.pt](https://www.social.pt/pt/planos-dom).

pretendo apresentar é a forma como, no trabalho concreto com alunos de 6º ano, alunos de 11 e 12 anos, abordei a questão da caridade, valorizando a mesma palavra como a ação dos cristãos com os outros. Pretendi que os alunos entendessem a realidade para que o termo aponte, que soubessem diferenciar a caridade do conceito de solidariedade. Será importante esta diferenciação? Penso que sim. *A Partilha do Pão*, o tema da Unidade letiva trabalhada, sugere a caridade e enfatiza o símbolo do pão. Desde sempre o pão significou a alimentação, a vida. Para a maior parte das culturas, o pão significa muito mais do que um alimento, é o símbolo da alimentação, imprescindível para a vida. Para o Judaísmo e para o Cristianismo, o pão tem um significado também religioso. Para os judeus, o maná é o pão caído do céu e é fruto do amor de Deus para com o seu povo; para os cristãos, Jesus faz-se pão, dá a Sua vida, para que sejamos pão para os outros, para que dêmos a vida pelos outros. Dar-se é a atitude do cristão. Os alunos de 6º ano, crianças pré-adolescentes, estarão capazes de entender esta linguagem? O desafio é fazer entender que a ação cristã não está tanto no dar mas como se dá, com amor, à semelhança de Jesus. O desafio é ajudar a construir vidas com sentido.

CAPÍTULO 1 – A CARIDADE: PRÁTICA PESSOAL DO AMOR E DEVER DA IGREJA. A CARIDADE NAS ENCÍCLICAS *DEUS CARITAS EST* E *FRATELLI TUTTI*

A caridade é uma virtude. Segundo o CIC, «a virtude é uma disposição habitual e firme para fazer o bem».⁶ As virtudes humanas são sustentadas pela graça divina, pois «radicam nas virtudes teologais»⁷, ou seja, participam da natureza divina, o que significa que o bem vem sempre de Deus. Em S. Paulo vemos referidas as três virtudes teologais e afirma que a caridade é a maior delas (Cf. 1 Cor 13,13). Porquê? O Catecismo responde: «A caridade é a virtude teologal pela qual amamos a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmo, por amor d’Ele».⁸ Como se concretiza na prática?

1. A caridade é uma dimensão praxica

Este capítulo pretende ser uma reflexão sobre a caridade, tendo como base as encíclicas *Deus caritas est*, do Papa Bento XVI, e a *Fratelli Tutti*, do Papa Francisco, em conexão com a Tradição e com a Doutrina Social da Igreja. Parte do significado evangélico da palavra “caridade”, da sua etimologia, até à sua concretização na práxis cristã. A caridade em si mesma não tem existência na teoria, não subsiste sem a práxis. A caridade requer prática e, como tal, a caridade é a ação cristã, pessoal e da Igreja.

1.1. Os domínios pessoal, relacional e histórico-cultural da caridade

A caridade tem a sua origem no amor de Deus e «ocorre sempre no âmbito das relações humanas. Relações interpessoais, sociais e políticas. A caridade ocorre na história, num espaço e num tempo preciso. A caridade é histórica, não é um princípio abstrato».⁹

Embora esse não seja o propósito deste trabalho, é desejável, em primeiro lugar, situar o significado do termo “caridade”, conhecendo o seu campo etimológico e semântico, a fim de

⁶Catecismo da Igreja Católica, (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993), 1803.

⁷Catecismo, 1812.

⁸Catecismo, 1822.

⁹Luciano Manicardi, *A caridade dá que fazer* (Prior Velho: Paulinas, 2016), 17.

se perceber o seu uso ao longo do mesmo.¹⁰ Há um sentido particular da palavra caridade mas também há um significado conjuntural.¹¹ Muitas vezes, a palavra caridade não foi usada com o sentido original e confundiu-se com outros significados no mesmo campo semântico. Hoje, na linguagem corrente, fala-se de caridade com o mesmo significado de solidariedade, sem fazer distinção. O tempo vai acrescentando novos significados às palavras na interação com outras e, na sua voracidade, vai esquecendo o sentido original das mesmas. É o que acontece com a palavra “caridade”. Frequentemente palavras como a misericórdia, a justiça, a compaixão são usadas com o sentido de caridade. No caso da misericórdia, há uma ligação muito profunda com a caridade.

O Papa Bento XVI, ao falar da caridade na sua terceira encíclica, *Caritas in Veritate*, diz que

O amor - «caritas» - é uma força extraordinária, que impele as pessoas a comprometeram-se, com coragem e generosidade, no campo da justiça e da paz. É uma força que tem a sua origem em Deus, Amor eterno e Verdade absoluta. [...] A caridade é amor recebido e dado; é «graça» (charis). A sua nascente é o amor frontal do Pai, pelo Filho, no Espírito Santo. É amor que, pelo Filho, desce sobre nós. É amor criador, pelo qual existimos; amor redentor, pelo qual somos recriados. Amor revelado e vivido por Cristo (cf. Jo 13,1), é «derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo» (Rm 5,5). Destinatários do amor de Deus, os seres humanos são constituídos sujeitos de caridade, chamados a fazerem-se eles mesmos instrumentos da graça, para difundir a caridade de Deus e tecer redes de caridade (CV, 1-5).

Que significa, então, “caridade”? O Papa Bento XVI diz que é amor (tradução latina) e é graça (tradução grega). Ainda há uma outra palavra grega para definir o amor, que é usada por S. João, a palavra *ἀγάπη* (ágape), que encontramos condensada na Bula *Misericordiae Vultus*, do Papa Francisco:

Com o olhar fixo em Jesus e no seu rosto misericordioso, podemos perceber o amor na Santíssima Trindade. A missão, que Jesus recebeu do Pai, foi de revelar o mistério do amor divino na sua plenitude. «Deus é amor» (1 Jo 4, 8): afirma, pela primeira e única vez em toda a Escritura, o evangelista João. Agora este amor tornou-se visível e palpável em toda a vida de Jesus. A sua pessoa não é senão amor, um amor que se dá gratuitamente. O seu relacionamento com as pessoas, que

¹⁰Cf. Dicionário Enciclopédico da Bíblia (Petrópolis: Vozes, 1971), 59-64.

¹¹Cf. Domingos Lourenço Vieira, *Doutrina Social da Igreja, Introdução à ética social* (Lisboa: Paulus, 2013), 36.

se abeiram d'Ele, manifesta algo de único e irrepitível. Os sinais que realiza, sobretudo para com os pecadores, as pessoas pobres, marginalizadas, doentes e atribuladas, decorrem sob o signo da misericórdia. Tudo n'Ele fala de misericórdia. N'Ele, nada há que seja desprovido de compaixão (MV, 8)

Assim, caridade é amor, graça, dom recebido e dado (ágape). Relacionadas com caridade, no campo semântico, a misericórdia, a compaixão e a justiça são suas manifestações. Muitas vezes falamos da misericórdia para substituir a palavra caridade. A caridade é amor que se vive na misericórdia, no perdão, na compaixão, na justiça. Como diz José Tolentino Mendonça sobre a misericórdia, esta não pode ser definida só de uma maneira. E, para compreendê-la é necessário apresentar exemplos.¹²

Misericórdia é compaixão, misericórdia é bondade, misericórdia é perdão, misericórdia é colocar-se no lugar do outro, misericórdia é levar o outro aos ombros, misericórdia é reconciliação profunda. É tudo isso. Mas é isso realizado também com um determinado estilo, que é o estilo do pai da parábola de Jesus. Não há misericórdia sem dádiva, sem doação.¹³

Há na misericórdia «um excesso de amor». Na parábola do Filho Pródigo vemos que a misericórdia suplanta a justiça. O pai podia receber o filho sem abraços e sem festa. Até podia não recebê-lo. Podia mesmo tratá-lo como a um criado. A lógica do pai não é essa. Salva o filho através da misericórdia.¹⁴

Deus revela o seu amor/caritas através da misericórdia. O Papa Francisco na bula de proclamação do Ano Jubilar da Misericórdia, dá uma série de exemplos da misericórdia de Jesus: a multidão da qual Jesus teve compaixão (cf. Mt 9,36); a cura dos doentes (cf. Mt 14,14); as multidões que são saciadas por Jesus, a partir de uns peixes e de alguns pães (cf. Mt 15,37); a ressurreição do filho da viúva de Naim (Cf. Lc 7,15); a cura do homem gesareno possuído por um espírito impuro (Cf. Mc 5, 19); finalmente, as parábolas dedicadas à misericórdia, a da ovelha extraviada, da moeda perdida e a do filho pródigo (Cf. Lc 15, 1-32). Na parábola do Filho Pródigo (Cf. Lc 15, 11-32), podemos perceber que «a misericórdia é o rosto de Deus».¹⁵ Se «Deus é amor» (1 Jo 4,8), manifesta-se assim através da misericórdia (Cf. MV, 14-16) . Como diz o Papa Francisco na *Misericordiae Vultus*,

¹²Cf. José Tolentino Mendonça, «A Misericórdia precisa de um espelho: voltar à parábola do Filho Pródigo», em *A Misericórdia de Deus: Coração Pulsante do Evangelho*, coord. Juan Ambrosio (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2016), 57.

¹³José Tolentino, «A Misericórdia precisa de um espelho», 58.

¹⁴Cf. José Tolentino, «A Misericórdia precisa de um espelho», 56-57.

¹⁵José Tolentino, «A Misericórdia precisa de um espelho», 60.

a misericórdia de Deus não é uma ideia abstrata mas uma realidade concreta, pela qual Ele revela o seu amor como o de um pai e de uma mãe que se comovem pelo próprio filho até ao mais íntimo das suas vísceras. É verdadeiramente caso para dizer que se trata de um amor «visceral». Provém do íntimo como um sentimento profundo, natural, feito de ternura e compaixão, de indulgência e perdão (MV, 6).

Como se pode ver nos relatos do Evangelho, a misericórdia é a palavra-chave para indicar o agir de Deus para com os Homens. Não é uma teoria, uma abstração, uma afirmação retórica; é uma realidade concreta, palpável (Cf. MV, 6).

A misericórdia de Deus traz consequências para os cristãos, porque «tal como ama o pai, assim também amam os filhos. Tal como Ele é misericordioso, assim somos chamados a ser misericordiosos um para com os outros» (MV, 9).

Walter Kasper diz que, a partir da misericórdia de Deus, aparece a resposta da misericórdia cristã que

consiste, no fundo, em encontrar-se com Jesus Cristo na pessoa que sofre. Daí que a misericórdia não seja em primeiro lugar uma questão de moral, mas de fé em Cristo, de seguimento de Cristo. Como evidencia a parábola do bom samaritano, o que conta é a pessoa que sofre, com quem me encontro de modo concreto, e que assim se converte no meu próximo e necessita da minha ajuda (Cf. Lc 10, 25-37). Nesse pobre, é o próprio Jesus Cristo quem vem ao meu encontro.¹⁶

Sabendo que o amor ao próximo também tem «consequências sociais e políticas que ultrapassam o âmbito individual»,

o compromisso social e político só será credível quando, longe de se limitar a formular exigências junto de instituições estatais, eclesiais ou de qualquer outro tipo, viva de modo concreto e exemplar o seguimento de Cristo e a proexistência cristã no próprio âmbito pessoal e no encontro social imediato. Um tal testemunho criará escola e levará também outros ao compromisso concreto. Assim, a identificação com Jesus Cristo nos pobres vai para além de um encontro particular e tem relevância para os outros e para a Igreja.¹⁷

E, a respeito do perdão, o Papa Francisco refere a resposta que Jesus deu ao doutor da Lei, sobre quantas vezes devia perdoar, a que Jesus responde: «Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete» (Mt 18, 22) e, ainda, a parábola do servo mau que, obtendo um

¹⁶Walter Kasper, *A Misericórdia, condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã* (Cascais: Lucerna, 2015), 183.

¹⁷Kasper, *A Misericórdia, condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, 183-184.

perdão de uma grande dívida, reclamou uma pequena dívida a um companheiro (Cf. Mt 18, 23-35). Acrescenta ainda que

a parábola contém um ensinamento profundo para cada um de nós. Jesus declara que a misericórdia não é apenas o agir do Pai, mas torna-se o critério para saber quem são os seus verdadeiros filhos. Em suma, somos chamados a viver de misericórdia, porque, primeiro, foi usada misericórdia para conosco. O perdão das ofensas torna-se a expressão mais evidente do amor misericordioso e, para nós cristãos, é um imperativo de que não podemos prescindir (MV, 9).

Se, no princípio do Cristianismo, a palavra caridade não trazia qualquer tensão, já no século XVIII as coisas começaram a ser contornos diferentes. Com o advento da Revolução Industrial, e com os novos problemas sociais que apareceram, as novas ideias começaram a olhar para a palavra caridade com desdém, pois era sinónimo de conservadorismo. A crítica mais feroz à caridade era que esta não conseguia alterar o sistema vigente o *status quo*. Era, de alguma maneira, até cúmplice das políticas da época.

É quando Leão XIII apela para a doutrina da Igreja, apresentando a Encíclica *Rerum Novarum*, em 1891. Vem dizer que não é deixando de fazer o bem imediato que se resolvem os problemas sociais, mas que esse gesto é, (em si mesmo) de alguma maneira, denúncia da injustiça. A partir desses gestos podemos antever uma sociedade melhor. A pessoa que tem necessidade de comer não pensa como é que vai ser a sociedade dentro de um ano; o que quer é saciar de imediato a sua fome. De qualquer maneira, cada vez que o cristão dá de comer a quem tem fome, denuncia a injustiça de quem passa fome. A solução para Leão XIII é a caridade em que cada um deve fazer o que lhe compete, para não acontecer que «adiando o remédio, se torne incurável o mal, já de si tão grave» (RN, 35).

Deus Caritas Est, é o título da primeira encíclica de Bento XVI. Essa é a definição de caridade. Caridade é amor. Portanto, sem a referência a Deus, a caridade só diz parte do conteúdo. A caridade pressupõe sempre o acolhimento do amor de Deus para, depois, tornar-se dom também para os outros na pessoa de quem se doa.

A caridade parte sempre do encontro pessoal com Cristo. Cristo toma a iniciativa e o crente aceita ou não. Essa experiência de amor leva a pessoa a perceber que o amor recebido gratuitamente só é pleno se o levar aos outros. A história da caridade faz-se na intercessão destas duas experiências.

Três qualidades tem o amor de Cristo: é um amor prévio, que não espera que o amemos, para nos amar a nós; é um amor persistente que, mesmo a quem o trai,

chama ainda amigo; é um amor infindo, que, mesmo para quem o crucifica, continua a pedir perdão. É pois um amor que contradiz e muito as contas demasiado curtas e interesseiras que nos diminuiriam a alma e a convivência .¹⁸

A caridade dá verdadeira substância à relação pessoal com Deus e com o próximo

Diversamente do mundo grego e romano, já o Cristianismo primitivo desenvolveu a assistência aos pobres não só no plano privado, mas também no plano comunitário. E assim se consolidou desde cedo um cuidado institucionalizado aos pobres e aos enfermos, que era considerado uma responsabilidade dos bispos, os quais se serviam dos diáconos para o realizar. A partir do século IV apareceram residências de enfermos e albergues de peregrinos ou asilos para os pobres, que mais tarde se transformaram em modelo para hospitais medievais para pobres e enfermos, bem como para algumas ordens dedicadas especificamente ao cuidado dos enfermos. O Cristianismo exerceu com isso uma influência duradoura na cultura europeia e na cultura da humanidade, influência essa que continua a fazer-se sentir na atualidade se bem que, frequentemente, sob formas secularizadas. Sem este impulso cristão não é possível compreender a história cultural e social da Europa nem da humanidade.¹⁹

Na Carta Apostólica *Misericordia et misera*, aquando do encerramento do Jubileu da Misericórdia, o Papa Francisco afirma:

Somos chamados a fazer crescer uma cultura de misericórdia, com base na redescoberta do encontro com os outros: uma cultura na qual ninguém olhe para o outro com indiferença, nem vire a cara quando vê o sofrimento dos irmãos. As obras de misericórdia são «artesanais»: nenhuma delas é cópia da outra; as nossas mãos podem moldá-las de mil modos e, embora seja único o Deus que as inspira e única a «matéria» de que são feitas, ou seja, a própria misericórdia, cada uma adquire uma forma distinta (MeM, 20).

D. José da Cruz Policarpo, na homilia da Ordenação Episcopal de D. Carlos Azevedo, a propósito do ministério apostólico, diz que esse ministério é apresentado nos Atos dos Apóstolos, «como construtor da comunhão fraterna» e que «pouco valeria a unidade na verdade se ela não traduzisse, na Igreja, na unidade da caridade. A Igreja é, no seu acontecer sob a condução dos bispos, escola de comunhão. [...] Isso exige, mais uma vez, que se

¹⁸Manuel Clemente, *Uma Casa aberta a todos* (Prior Velho: Paulinas, 2013), 107.

¹⁹Kasper, *A misericórdia: Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, 37.

apaguem as dimensões pessoais para que em tudo, nele brilhe o mistério da Igreja comunhão».²⁰ Estamos aqui a falar do domínio relacional da caridade.

Walter Kasper diz que o dever da misericórdia (e usa a palavra misericórdia como rosto da caridade), é tanto do cristão individual, como também da Igreja no seu conjunto. É que o mandamento da misericórdia está no alicerce da Igreja como corpo de Cristo: «daí que a Igreja não seja uma espécie de agência de serviços sociais e de caridade; enquanto Corpo de Cristo, a Igreja é sacramento da permanente e eficaz presença de Cristo no mundo e, por último, sacramento de misericórdia».²¹ A Igreja, assim, tem de perceber que, se não tiver caridade e misericórdia, não pode ser a Igreja de Jesus Cristo.²²

1.2. A Igreja como comunidade de amor é essência do dever e expressão da caridade

A Igreja, nascida do amor de Deus, é expressão desse amor na ação com os outros. Não pode ser de outra forma. O Vaticano II afirma :

A luz dos povos é Cristo: por isso, este sagrado Concílio, reunido no Espírito Santo, deseja ardentemente iluminar com a Sua luz, que resplandece no rosto da Igreja, todos os homens, anunciando o Evangelho a toda a criatura (cf. Mc 16,15). Mas porque a Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano, pretende ela, na sequência dos anteriores concílios, explicar com maior insistência, aos fiéis e a todo o mundo, a sua natureza e missão universal. E as condições do nosso tempo tornam ainda mais urgente este dever da Igreja, para que deste modo os homens todos, hoje mais estreitamente ligados uns aos outros, pelos diversos laços sociais, técnicos e culturais, alcancem também a plena unidade em Cristo (LG, 1).

A Igreja, como uma comunidade de fé e de amor, não vive para si mesma. Partindo de Deus, tem sempre como missão o anúncio de Deus que ilumina o viver humano.²³ É sempre a partir deste quadro referencial que nós podemos entender a ação da Igreja. Não o fazer, é não entender a missão e o sentido da Igreja, é despir a própria Igreja da sua essência. É a partir da vida de Jesus, apresentada no Evangelho, que nós percebemos

²⁰José da Cruz Policarpo, *Obras Escolhidas: Missão na Cidade* (Lisboa: UCP, 2005), 211.

²¹Kasper, *A misericórdia, condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, 191.

²²Cf. Kasper, *A misericórdia, condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, 192.

²³Cf. Eduardo Borges de Pinho, «Diaconia e caridade, uma aproximação eclesiológica», *Communio*, nº 2 (2009): 196.

que o anúncio cristão de Deus tem de passar pelo testemunho de um Deus que é amor compassivo, de um Deus que no seu amor criador e salvador coloca no centro da existência humana a capacidade e a exigência da doação, a abertura à interpelação do outro e suas necessidades, o dom e a responsabilidade do serviço aos irmãos, (na fé e na humanidade).²⁴

O âmago do Evangelho é a centralidade e a unidade indissolúvel do amor a Deus e ao próximo (cf. Mc 12,28-34; Mt 22,34-40; Lc 10,25-37). «O amor de Deus é pressuposto e consequência do amor a Deus, do mesmo modo que o amor ao próximo é pressuposto e consequência do amor a Deus».²⁵ Na parábola do bom Samaritano (cf. Lc 10,25-37), Jesus explica quem é o próximo, desafiado pela pergunta do doutor da Lei. O próximo é todo aquele que precisa de nós. Não é só aquele que vive na minha casa, que pertence ao meu povo, que fala a minha língua. Essa era a lógica do pensamento judaico. Desafiando esse mesmo pensamento, é curioso que Jesus apresenta um samaritano, alguém que era detestado pelos judeus, para dar o exemplo de quem se faz próximo, de quem usa de misericórdia para com o frágil, o necessitado. Ao contrário do sacerdote e do levita, que «vinham de Jerusalém, possivelmente da realização de serviços religiosos no templo»²⁶, o samaritano «esquece os assuntos de que provavelmente ia tratar»,²⁷ para socorrer o homem que jazia por terra, vítima dos assaltantes. O samaritano faz-se próximo. Portanto, eu posso ser o próximo de alguém, sempre que ele precise do meu cuidado, ou mesmo se não precisar.

Jesus não prega o amor àqueles que estão longe, mas sim ao próximo, àqueles que estão perto de nós. Este amor não fica sujeito a vínculos familiares, nem à amizade, nem à pertença a um determinado grupo religioso ou étnico. Concretiza-se na pessoa concreta que sofre e que tem necessidades e com a qual nos encontramos no caminho.²⁸

No relato do Juízo Final (cf. Mt 25,31-46), Jesus identifica-se com o próximo: «Tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber, era peregrino e recolhestes-me, estava nu e destes-me que vestir, adoeci e visitastes-me, estive na prisão e fostes ter comigo (cf. Mt 25, 35-36). «Uma exemplificação e uma lista de seis gestos de caridade que, se forem

²⁴Borges de Pinho, «Diaconia e caridade, uma aproximação eclesiológica»,196.

²⁵Borges de Pinho, «Diaconia e caridade, uma aproximação eclesiológica», 196.

²⁶Fernando Sampaio, «Misericórdia e arte de cuidar», em *A Misericórdia de Deus: coração pulsante do Evangelho*, coord. Juan Ambrosio (Lisboa: UCP, 2016), 202.

²⁷Walter Kasper, *A misericórdia: Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã* (Cascais: Lucerna, 2015), 89.

²⁸Kasper, *A misericórdia: Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, 89.

feitos a um pobre, a um pequeno, são feitos, de facto, ao próprio Jesus».²⁹ Ou seja, sempre que fizermos qualquer coisa, seja a quem for, é sempre a Jesus que o fazemos. As obras de misericórdia aparecem, assim, como o critério cristão de vida que afirma a necessidade de fazer o bem. Walter Kasper diz que a condenação descrita no Juízo final afeta muito mais a omissão do bem do que, propriamente, o não cumprimento dos mandamentos.³⁰

É curioso como normalmente se desvaloriza a omissão. No entanto, no início da Eucaristia, os fiéis são chamados a confessá-la como uma culpa, através do ato penitencial.

Como diz Walter Kasper, «na sua misericórdia, Deus revela-se como o totalmente outro e ao mesmo tempo, paradoxalmente, como o totalmente próximo».³¹

As primeiras comunidades cristãs perceberam muito cedo que seguir Jesus exigia a prática da caridade. Jesus tinha manifestado o rosto de Deus, que é amor, que é misericórdia. O guia do cristão passava por amar, por ser misericordioso. Assim, como descreve o livro dos Atos dos Apóstolos, «todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuía o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um» (At 3, 44-45). Com o crescer das comunidades, tornou-se difícil viver a caridade desta maneira. A questão do serviço às viúvas dos gregos foi a deixa para que os apóstolos convocassem uma assembleia para escolher sete homens que coordenassem a tarefa da caridade (cf. At 6, 1-6). Estava instituído o diaconado. A palavra diaconia, apesar de pertencer a um contexto semântico diferente da palavra caridade, acabou por ser usada com a mesma conotação. Trata-se, efetivamente, do serviço dos cristãos aos mais necessitados, por terem experienciado o amor de Deus.³² Assim a diaconia/caridade é um dever e missão da Igreja. Por isso, como diz o Papa Bento XVI, «para a Igreja a caridade não é uma espécie de atividade de assistência social que se poderia mesmo deixar a outros, mas pertence à sua natureza, é expressão irrenunciável da sua própria essência» (DCE, 25). A caridade faz parte do tríptico dever da Igreja: o anúncio da Palavra de Deus (kerygma-martyria), a celebração dos Sacramentos (leiturgia) e o serviço da caridade (diakonia) (Cf. DCE, 25).

A propósito do cuidado com os outros, identitário da Igreja, Tomáš Halík diz que,

Ao longo da história da Igreja, a solidariedade para como o pobres e os socialmente desfavorecidos, o cuidado dos doentes e dos inválidos, e a coragem para defender os oprimidos, os explorados e os perseguidos, sempre fizeram parte do testemunho

²⁹Luciano Manicardi, *A caridade dá que fazer*, 65.

³⁰Cf. Kasper, *A misericórdia: Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, 175-176.

³¹Kasper, *A misericórdia: Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, 69.

³²Borges de Pinho, «Diaconia e caridade, uma aproximação eclesiológica», 195.

cristão neste mundo, que talvez seja hoje mais necessário do que nunca. Realizando essas coisas, sendo o sal da terra e levando o perfume do céu até aos recantos mais sombrios e malcheirosos da terra, podemos estar certos de que estamos a seguir as pegadas de Cristo e dos milhares de santos do passado.³³

O tempo que nós vivemos não é o mesmo das primeiras comunidades. Ao longo dos séculos foram aparecendo desafios diferentes. Atualmente há políticas de assistência social, mas a Igreja não fica dispensada da caridade porque a caridade não exige necessidade. A caridade é amor, é dom gratuito. Por isso, a reflexão sobre a caridade deve ser constante, para que a Igreja não se desvie da sua missão. Em 1966, o Papa Paulo VI insiste que a Igreja não pode esquecer a caridade:

Nós julgamos que é necessário dar finalmente à caridade o lugar que lhe compete: o primeiro, o mais alto na escala dos valores religiosos e morais, não só na estimativa mas também na prática da vida cristã. Isto vale tanto da caridade para com Deus que o seu Amor derramou sobre nós, como da caridade, que, por reflexo, nós devemos efundir sobre o próximo, isto é, sobre todo o género humano. [...] Quem dentre nós ignora estas coisas? E se as conhecemos, não é esta a hora da caridade? (ES, 32)

Cinquenta anos depois, o Papa Francisco é portador da mesma preocupação:

Mas cuidado: é indispensável e louvável que a pastoral das nossas comunidades esteja aberta às muitas pobreza e emergências que existem por toda a parte. A caridade é sempre a via mestra do caminho de fé, da perfeição da fé. Mas é necessário que as obras de solidariedade, as obras de caridade que fazemos, não distraiam do contacto com o Senhor Jesus. A caridade cristã não é uma simples filantropia mas, por um lado, consiste em olhar para o outro com os próprios olhos de Jesus e, por outro, em ver Jesus no rosto do pobre. Este é o verdadeiro caminho da caridade cristã, com Jesus no centro, sempre.³⁴

A Igreja como comunidade de amor é essência do dever e expressão da caridade e «as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo (GS, 1).

³³Tomáš Halík, *Paciência com Deus* (Prior Velho: Paulinas, 2019), 48.

³⁴Papa Francisco, Angelus, acedido a 23 de março de 2023, <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-08/papa-francisco-angelus-23-agosto-2020.html> .

Para concluir este primeiro número, parece-me evidente que, no contexto de EMRC, é necessário apresentar aos alunos a verdade que estivemos a refletir. Muitas vezes, a caridade é apresentada como algo etéreo, a cheirar ao incenso das grandes celebrações litúrgicas e ao mofo das sacristias, algo que nada tem a ver com a essência da palavra. De algum modo, isso aconteceu por culpa própria dos cristãos que muitas vezes a viveram dessa forma. No entanto, a caridade não se confunde com uma prática piedosa. É missão da Igreja, é missão essencial de todos os cristãos. É uma condição sem a qual a Igreja não cumpre a sua missão.

Nas aulas de EMRC, durante o tempo de estágio, como podemos ver no terceiro capítulo deste Relatório, procurei transmitir isto mesmo aos alunos. As crianças de 11 e 12 anos estão numa fase de desenvolvimento em que começam a abrir-se aos outros. Assim, torna-se fácil transmitir a mensagem da caridade na prática pedagógica. Ao apresentar as palavras do Evangelho, as intervenções do Magistério, o papel das Instituições de Solidariedade Social da Igreja e o testemunho concreto de exemplos de dedicação aos outros, como foi o caso de Madre Teresa de Calcutá, quis demonstrar que a caridade é uma dimensão prática, que é algo que obriga à ação, que não pode ficar no domínio da teoria.³⁵ É uma mensagem que os alunos desta idade percebem.

2. A Carta Encíclica *Deus caritas est*, um contributo doutrinal sobre a caridade

A doutrina social da Igreja, formulada pelos Papas, desde Leão XIII, partindo sempre da preocupação com a dignidade das pessoas, enfatiza a questão da justiça, recorrendo à ajuda dos princípios complementares da subsidiariedade e da solidariedade: a subsidiariedade como um mecanismo para que, usado corretamente, uma pessoa ou um grupo de pessoas possa desenvolver o seu potencial, um contributo para a sua autonomia; a solidariedade como instrumento para que ninguém viva privado do mínimo de condições dignas de vida. Tanto uma como outra, são reguladas pelos Estados e, muitas vezes reféns de uma teia burocrática. A esta “justiça burocrática”, a doutrina social da Igreja vem contrapor a caridade, o amor, a misericórdia. O próprio Papa João Paulo II vai constatar que «a experiência do passado e do nosso tempo demonstra que a justiça, por si só, não basta e que pode até levar à negação e ao aniquilamento de si própria, se não se permitir àquela força

³⁵Ver capítulo 3 deste trabalho, planificação da aula nº 10, da UL 3, *A partilha do pão*. Para aceder aos materiais utilizados, consultar o Portefólio, 202-206.

mais profunda que é o amor, plasmar a vida humana nas suas dimensões» (DM, 12). Na sua primeira encíclica, *Deus Caritas Est*, «o Papa Bento XVI vai dar um passo decisivo em frente [...]. Fez, não só da justiça, mas também do amor, o ponto de partida sistemático da sua doutrina social».³⁶

2.1. Razão da publicação

Para alguma crítica, parece ter sido uma surpresa o facto de, com esta encíclica, não terem sido traçadas, como de costume nos Papas, as linhas do pontificado, referindo-se só ao amor e à caridade. Para outros, as linhas parecem estar bem definidas. É o caso do Cardeal Gregorio Rosa Chávez, de El Salvador. Para o Cardeal Gregorio Chávez, esta encíclica é mesmo programática do pontificado de Bento XVI. Está centrada no essencial: o Ser profundo de Deus.

Trata-se de um documento programático em que os temas “Deus”, “Cristo” e “Amor” se fundem, como guia central da fé em Deus, nesse Deus que assumiu um rosto e um coração humanos. A fé não é uma teoria que se possa assumir ou pôr de lado. É uma realidade muito concreta: é o critério que decide o nosso estilo de vida.³⁷

O mesmo cardeal refere que o Papa Bento XVI, no dia vinte e três de janeiro de 2006, dois dias antes da apresentação oficial da Encíclica, numa intervenção que fez num Congresso sobre a Caridade, afirmou que era seu objetivo recuperar o significado da palavra amor, que estava atualmente desacreditada, e convidava a todos a retomar a palavra e a purificá-la, devolvendo-lhe o esplendor original.³⁸ Portanto, para o cardeal Gregorio Chávez, não há dúvida sobre as razões da publicação da Encíclica. É um programa para o pontificado.

Uma semana depois de Bento XVI publicar a sua primeira encíclica, o Papa é convidado a escrever aos leitores do semanário italiano, “Famiglia Cristiana”, para fazer a apresentação do documento. O texto é publicado também num suplemento especial da revista dos Paulistas. Bento XVI admite que a encíclica pode parecer «difícil e teórica». No entanto, a sua intenção foi responder a um conjunto de perguntas práticas para a vida cristã. Na

³⁶Kasper, *A misericórdia: Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, 229.

³⁷Baltasar Ochoa et al., *Guia para o estudo e aplicação da Encíclica Deus é Amor de Bento XVI* (Prior Velho: Paulinas, 2007), 13.

³⁸Cf. Ochoa et al., *Guia para o estudo e aplicação da Encíclica Deus é Amor de Bento XVI*, 13.

primeira parte, três questões: Podemos amar verdadeiramente a Deus e o amor pode ser imposto?; Podemos amar o próximo, que nos é estranho ou até antipático?; O eros não é tornado amargo pela Igreja com todas as suas proibições? Na segunda parte, em que fala da caridade como serviço comunitário da Igreja, tenta responder a duas perguntas: A Igreja não poderia deixar o serviço da caridade a outras organizações filantrópicas?; Não seria necessário, em vez do serviço da caridade, trabalhar por uma ordem justa, na qual não haveria mais necessitados e em que a caridade seria supérflua?³⁹ Estas perguntas feitas por Bento XVI refletem a sua preocupação genuína por colocar a palavra amor no centro do debate e da ação cristã, a partir do seu conceito evangélico.

O próprio Papa Bento XVI explica as razões da publicação da Encíclica *Deus Caritas Est*, dizendo na “introdução”:

Num mundo em que ao nome de Deus se associa, às vezes, a vingança ou mesmo o dever do ódio e da violência, esta é uma mensagem de grande atualidade e de significado muito concreto. Por isso, na minha primeira Encíclica, desejo falar do amor com que Deus nos cumula e que deve ser por nós comunicado aos outros. Estão assim indicadas as duas grandes partes que compõem esta Carta, profundamente ligadas entre si. [...] O meu desejo é insistir sobre alguns elementos fundamentais, para deste modo suscitar no mundo um renovado dinamismo de empenhamento na resposta humana ao amor divino (DCE, 1).

No final da encíclica, Bento XVI diz que «o amor é possível, e nós somos capazes de o praticar porque criados à imagem de Deus» (DCE, 39). Depois, convida a que vivamos o amor e, deste modo, façamos «entrar a luz de Deus no mundo» (cf. DCE, 39). A Igreja «não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça. Deve inserir-se nela pela via da argumentação racional e despertar as forças espirituais, sem as quais a justiça, que sempre requer renúncias, não pode afirmar-se nem prosperar» (DCE, 28). Voltando à “introdução”, o seu desejo é «insistir sobre alguns elementos fundamentais, para deste modo suscitar, no mundo, um renovado dinamismo de empenhamento na resposta humana ao amor divino» (DCE ,1)

³⁹Cf. Papa Bento XVI, consultado a 24 de maio de 2023, <https://agencia.ecclesia.pt/portal/deus-caritas-est-e-resposta-a-perguntas-concretas-da-vida-crista/>.

2.2. Estrutura e conteúdos-chave

A Encíclica *Deus Caritas Est* está dividida em duas partes. Na primeira parte, com «uma índole mais especulativa», intitulada de “A Unidade do Amor na Criação e na história da Salvação”, o Papa Bento XVI fala, primeiramente, da questão da linguagem, de como a palavra amor está gasta, pelos inúmeros sentidos que lhe são atribuídos, muito diferentes entre si. Apesar de Bento XVI pretender centrar-se no sentido bíblico e no significado que o amor teve ao longo da Tradição da Igreja, não foge ao vasto campo semântico da palavra, refletindo na diferença entre o eros, a philia e a ágape. Num segundo momento, Bento XVI apresenta a novidade da fé bíblica quanto ao amor, a nova imagem de Deus e, conseqüentemente, a imagem do Homem. Em terceiro lugar, fala da figura de Jesus Cristo, amor encarnado de Deus. Finalmente, como consequência lógica desta primeira parte, a importância do amor a Deus e o amor ao próximo.

Na segunda parte, com «um caráter mais concreto», Bento XVI vai tratar a caridade como “a prática do amor pela Igreja enquanto comunidade de amor”. A caridade da Igreja é manifestação do amor trinitário, é um dever, que não é apagado pela justiça, porque «o amor – caritas – será sempre necessário, mesmo na sociedade mais justa» (DCE, 28), e que é a origem de múltiplas estruturas de serviço caritativo no atual contexto social. Bento XVI traça depois o perfil específico da atividade caritativa da Igreja e, por fim, fala dos responsáveis da ação caritativa da Igreja. Na conclusão, Bento XVI enumera alguns santos que se distinguiram na prática da caridade, guardando as últimas palavras para Maria, aquela que nos mostra « o que é o amor e donde este tem a sua origem e recebe incessantemente a sua força» (DCE,42).

Porque o Papa tem consciência de que a palavra amor tem várias interpretações conforme o contexto e a cultura, e apesar de querer dar mais importância ao amor segundo a Bíblia e a Tradição, começa a primeira parte da encíclica fazendo um périplo pelo vasto campo da semântica da palavra. Entre outros dados, socorre-se da cultura grega e da hebraica para esclarecer a diferença que existe entre os conceitos de «eros», de «philia» e de «ágape». Apesar do peso histórico das palavras, e, no caso de «eros», de todas as críticas que foram feitas à Igreja a partir do iluminismo, Bento XVI vai dizer que, por exemplo, as dimensões do «eros» e da «ágape», esta usada várias vezes no Novo Testamento, pertencem a «uma única realidade». O que se altera é o facto de, conforme o caso, «uma dimensão sobressair mais». Se houver uma completa separação, surge então «uma forma redutora do amor» (DCE,8).

A primeira novidade da fé bíblica consiste na noção de Deus que, ao contrário das culturas vizinhas de Israel, é proclamado como «o único Senhor» (Dt 6,4), o único Deus verdadeiro e «autor de toda a realidade», que ama o Homem, porque criado por Ele, que ama de uma forma completamente gratuita, e que «é amor que perdoa». Por sua vez, o Homem, sentindo-se amado por Deus, percebe que não pode viver longe de Deus, que só unido a Deus é que se realiza (cf. DCE,9). Na solidão por ele sentida, descrita na narração bíblica da criação, Deus cria a mulher para que o homem se complete. Assim, «o matrimónio baseado num amor exclusivo e definitivo torna-se o ícone do relacionamento de Deus com o seu povo e, vice-versa, o modo de Deus amar torna-se medida do amor humano». Bento XVI não deixa de caracterizar esta relação de Deus com o Homem como «eros» e «ágape». Eros, porque Deus vai ao encontro do Homem; ágape porque, para lá de uma relação totalmente gratuita, procura o bem do outro, e é amor que perdoa (cf. DCE,11) .

Este amor de Deus, que é apresentado no Antigo Testamento, é no Novo Testamento encarnado em Jesus Cristo. Jesus é o amor misericordioso, que mostra «a explicação do seu próprio ser e agir» nas parábolas do Bom Pastor, da mulher que procura a dracma, e do pai que abraça o filho pródigo, que se dá na Eucaristia e se entrega na Cruz.

Só à luz desta verdade, Jesus dá-se em alimento para nós sermos alimento para os outros, é que se pode fazer uma leitura correta das parábolas de Jesus, nomeadamente a do rico avarento (cf. Lc 16, 19-31), que sugere o que acontece a quem ignora o pobre, e a do Bom Samaritano (cf. Lc 10, 25-37), em que se encontra o conceito de próximo. Agora o próximo não é só aquele que pertence ao meu grupo, à minha etnia, à minha língua, mas é também todo aquele que encontro no meu caminho e que precisa de mim, e de quem me aproximo, ou fica longe na mesma. Estamos a falar da prática do amor, não de um vã teoria. É este amor que serve de critério para se perceber «o valor [importância] ou a inutilidade duma vida humana, como vemos no Evangelho de Mateus, ao descrever o Juízo Final (cf. Mt 25, 31-46). Jesus identifica-se com os mais frágeis, dizendo que «sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequenino, a Mim o fizestes» (Mt 25,40). Portanto, amar a Deus e amar os outros formam uma única realidade. Encontramos Deus no mais pequeno (cf. DCE, 15).

No final do primeiro capítulo, Bento XVI esclarece melhor a questão do amor a Deus e o amor ao próximo, a partir de duas perguntas. A primeira, se se pode amar a Deus sem O ver; a segunda, se o amor pode ser mandado. Quanto à primeira questão, S. João diz que «se alguém disser: “Eu amo a Deus”, mas odiar a seu irmão, é mentiroso, pois quem não ama a

seu irmão, ao qual vê, como pode amar a Deus, que não vê?» (1 Jo 4,20). Então, como posso amar a Deus, que não vejo? Bento XVI diz que João mostra que o amor ao próximo é uma via para chegar até Deus. O outro é caminho para Deus. «Há um nexos indivisível entre o amor a Deus e o amor ao próximo». Assim, «Deus não é totalmente invisível». Amou-nos primeiro, apareceu no meio de nós, fazendo-se visível em Jesus Cristo, entrega-se pelos Homens na Cruz, «guiou o caminho da Igreja nascente» e acompanha a história da Igreja. A Sua presença é permanente através da Sua Palavra, nos Sacramentos, especialmente na Eucaristia. A experiência do amor de Deus sente-se na comunidade que se reúne, e aprende-se a vivê-la no dia a dia. À iniciativa de amor por parte de Deus, nasce a resposta dos Homens, não sendo um caminho fácil, pois exige amadurecimento (cf. DCE,17). No entanto, quando amadurecido, Deus torna-se realmente o meu bem estar e refúgio (Cf. Sal 73/72, 23-28). Dá-se aqui, o que Bento XVI chama de «comunhão de vontade», que é a coincidência entre a vontade de Deus e o nosso querer. Portanto, a partir daqui, olho para o outro com a perspectiva de Jesus, dando-lhe, não só a ajuda material mas, sobretudo, «olhar de amor de que ele precisa». Olhar para o outro com os olhos de Jesus, sabendo que Ele amou primeiro, é então, o único mandamento. Esta experiência interior de quem se sente amado primeiro, faz com que o amor ao próximo não seja tanto consequência de um mandato, «mas de uma experiência do amor proporcionada do interior, um amor que, por sua natureza, deve ser ulteriormente comunicado aos outros» (cf. DCE,18).

Na segunda parte da Encíclica, Bento XVI detém-se no serviço da caridade, afirmando que a caridade é manifestação do amor trinitário, citando Santo Agostinho: «Se vês a caridade, vês a Trindade». Deus, movido pelo amor, envia o Seu Filho para redimir o homem e envia o Seu Espírito para renovar a Igreja. Portanto, toda a ação da Igreja é «manifestação dum amor que procura o bem integral do homem» (cf. DCE, 19).

Bento XVI, depois de explicar a importância da ação caritativa da Igreja, que existe desde os primórdios (veremos no ponto 2.4.), e de realçar a sua profunda ligação aos Sacramentos e à Palavra, afirma que a caridade «é expressão irrenunciável da sua própria essência» e que, à exigência da universalidade do mandamento do amor, «existe também uma exigência especificamente eclesial», isto é, que a caridade começa pela própria comunidade eclesial (cf. DCE,25). Como diz S. Paulo na carta aos Gálatas, «portanto, enquanto temos tempo, pratiquemos o bem para com todos, mas principalmente, para com os irmãos na fé» (Gal 6,10).

O Papa continua a sua reflexão introduzindo um elemento novo: a justiça. Situa a tensão entre justiça e a caridade no séc. XIX, mais precisamente com o advento do marxismo. O marxismo tem uma objeção fundamental sobre a atividade caritativa da Igreja. Para esta corrente de pensamento, a caridade seria uma forma de manter o *status quo*. Porquê? A caridade impediria a mudança, a revolução. Os pobres não precisavam de obras de caridade, mas de justiça. As obras de caridade, entendidas como esmolas, eram uma espécie de lavagem de consciência por parte dos ricos. Ao fazerem caridade, estariam a tranquilizar as suas consciências, e nunca lutariam pela justiça, ou seja, por uma ordem nova, uma ordem justa. A caridade estaria, assim, a perpetuar as injustiças. Os ricos nunca estariam dispostos a abrir mão dos seus privilégios. Portanto, acabar com a pobreza era o fundamento da justiça. A finalidade da justiça era cada um ter parte nos bens comuns (cf. DCE, 26).

Apesar de Bento XVI não estar de acordo com o que dizia o marxismo, reconhece alguma verdade nas suas objeções, sobretudo no que diz respeito à justiça, não quanto à caridade, porque, como afirma, «o amor – caritas – será sempre necessário, mesmo na sociedade mais justa» (DCE, 28). Se é verdade que a Igreja reagiu lentamente às mudanças operadas na sociedade industrial no século XIX, fê-lo de uma forma contundente através da Encíclica *Rerum Novarum*, de Leão XIII, em 1891. Depois, ao longo do século XX, o magistério pontifício enfrentou com uma crescente insistência a questão social. Bento XVI enumera a *Quadragesimo Anno*, de Pio XI, em 1931, a Encíclica *Mater et Magistra*, de João XXIII, em 1961, a Encíclica *Populorum Progressio*, de Paulo VI, de 1967, a Carta Apostólica *Octagesima adveniens*, também de Paulo VI, de 1971, as Encíclicas sociais de João Paulo II, *Laborem exercens*, em 1981, *Sollicitudo rei socialis*, em 1987, e a *Centesimus annus*, em 1991. Aos poucos, a Igreja «vai desenvolvendo uma doutrina social católica, que, em 2004 foi apresentada de modo orgânico no Compêndio da doutrina social da Igreja, redigido pelo Pontifício Conselho “Justiça e paz”» (cf. DCE, 27).

Perante o fim do sonho do marxismo, e no atual estado da globalização da economia, Bento XVI afirma que a doutrina social da Igreja é «uma indicação fundamental, que propõe válidas orientações muito para além das fronteiras eclesiais» (DCE, 27). Assim, que ligação há entre a justiça e a caridade?

Bento XVI diz que o dever do Estado é promover uma ordem justa. Isso é uma tarefa fundamental da política e da economia. Não é, de facto, uma tarefa imediata da Igreja. Estado e Igreja distinguem-se nos seus objetivos. No entanto, devem respeitar-se mutuamente e facilitar uma recíproca relação. O problema da justiça é, muitas vezes, a leitura ideológica que

se faz dela. Por isso, Bento XVI diz que «a razão deve ser continuamente purificada». A fé pode purificar a razão, através da formação ética. Assim, a Igreja deve contribuir para a construção da justiça, não substituindo a missão do Estado, mas também não ficando à margem na luta pela justiça. O que a doutrina social da Igreja pretende é simplesmente purificar a razão, no sentido de formar consciências para que as verdadeiras exigências da justiça sejam percebidas, reconhecidas e realizadas (cf. DCE, 28).

Haverá, então, espaço para o amor/caridade, se os estados implementarem realmente a justiça? Bento XVI diz que «o amor será sempre necessário», mesmo onde houver justiça. Porquê? Porque o amor é intrínseco à própria condição humana. Sem os dinamismos do amor, o Homem não consegue sobreviver. O Homem não precisa só de pão, não se esgota no material. Por exemplo, se alguém sofre de solidão, necessita de uma atenção especial, de «uma amorosa dedicação pessoal». Essa atenção não é de ordem material, mas espiritual. A observação do marxismo sobre a caridade só leva em consideração um lado da caridade: o gesto de dar. Não consegue perceber que a atividade caritativa organizada da Igreja é acompanhada por um grande empenho na construção da justiça. A caridade, de que a doutrina social da Igreja fala, não é separada do empenho pela justiça. Este empenho pela justiça é da Igreja, enquanto instituição e, evidentemente, dos cristãos individualmente falando. De facto, os leigos «são chamados a participar na vida pública», a favor do bem comum, seja na política como nas várias atividades da sociedade, económicas, sociais, culturais, etc. Para Bento XVI, os cristãos devem estar imbuídos da caridade em todo o lugar e, no caso da atividade política, esta deve ser vivida como «caridade social» (cf. DCE, 29). É também o que diz o *Catecismo da Igreja*.⁴⁰

Na atualidade, sublinha Bento XVI, há, felizmente, múltiplas estruturas de serviço caritativo, desde as pertencentes aos estados até às entidades particulares. A globalização consegue, por um lado, através da comunicação social, mostrar as fragilidades do mundo; por outro, apresenta imensas possibilidades de ajuda humanitária. As fronteiras desaparecem e vemos uma solidariedade à escala planetária (Cf DCE, 30). Bento XVI lembra, a este propósito, o que diz o Vaticano II no decreto *Apostolicam actuositatem*: «Entre os sinais do nosso tempo, é digno de especial menção o crescente e inelutável sentido de solidariedade entre todos os povos» (AA, 8).

⁴⁰O CIC afirma, no parágrafo nº 1939: «O princípio da solidariedade, também enunciado sob o nome de “amizade” ou de “caridade social”, é uma exigência direta da fraternidade humana e cristã». *Catecismo da Igreja Católica*, (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993) 420.

As estruturas do Estado e as associações humanitárias desempenham a solidariedade de várias maneiras expressa pela sociedade civil. Por sua vez, na Igreja Católica e noutras Igrejas surgiram e continuam a surgir novas formas de atividade caritativa. A necessidade de eficácia entre todos os intervenientes foi desenvolvendo múltiplas formas de colaboração. A colaboração deve ser no sentido de «potenciar a eficácia do serviço caritativo». Bento XVI mostra contentamento com o empenho social das múltiplas instituições, da Igreja Católica, das outras igrejas e civis, e lembra a importância do voluntariado, sobretudo aquele que é realizado pelos jovens, que é «escola de vida» porque doação ao outro (cf. DCE, 30).

O Papa apresenta três características essenciais da caridade cristã: deve ser uma resposta às necessidades imediatas, seguindo o modelo da parábola do bom Samaritano, deve ser independente de partidos e ideologias e, finalmente, não pode ser com intenções proselitistas. Quanto à primeira característica, a Igreja deve ir além da competência profissional. Todos os que trabalham nas instituições da Igreja devem fazê-lo a partir dum encontro pessoal com Cristo para que, fazendo a experiência desse amor, vejam o próximo com «um coração que vê», à semelhança do bom Samaritano. Em segundo lugar, a independência da atividade caritativa cristã dos partidos e das ideologias serve para evitar depender das «estratégias mundanas». A caridade cristã é a obrigação de amar no imediato. Não é a intelectualização ideológica de um mundo que há-de vir, mas também não é a conservação do *status quo*, como acusava o marxismo. Pelo contrário, ao fazer o bem agora, o cristão está a contribuir para um mundo melhor. Finalmente, a caridade cristã não deve ser um meio para fazer proselitismo. O amor é gratuito, não tem outro fim que não seja amar, o que não significa deixar de parte Cristo, nem impô-lo. Aliás, o amor é o melhor testemunho do Deus em que acredita (cf. DCE, 31).

Aproximando-se do fim da Encíclica, Bento XVI reflete sobre os responsáveis da ação caritativa da Igreja. Começa por afirmar que o sujeito das várias organizações sócio-caritativas católicas é sempre a Igreja. Por isso, os bispos têm a responsabilidade de coordenar todas essas atividades, respeitando as suas idiossincrasias (cf. DCE, 33), garantindo que o hino à caridade de São Paulo (1Cor 13) seja a carta magna de todo o serviço eclesial, para protegê-lo do risco de cair num puro ativismo (cf. DCE, 34). Este amor, alimentado no encontro com Cristo, deve ser sempre um dom, um dom que se dá, não que humilha. A lógica cristã deste dom não é apenas dar algo de material, mas dar-se como pessoa (cf. DCE, 34).

Este dom é graça. É dom que tem de ser continuamente alimentado na oração para evitar o desânimo perante aquilo que parecer ser o fracasso. Além da oração é preciso ter a

humildade necessária para aceitar os seus limites e confiar em Deus, tendo a consciência de que a ação caritativa é, em primeira instância, prestada ao Senhor (cf. DCE, 35).

Sem o contacto com Cristo, a descoberta das muitas carências pode levar os cristãos a seguir uma mera ideologia da salvação do mundo ou, por outro lado, desanimar perante a montanha de problemas, optando pela inércia. Portanto, o caminho não pode ser nem a soberba, nem a resignação. Bento XVI vai reforçar a ideia da oração como remédio para a tentação do ativismo e do secularismo, frequente no trabalho caritativo (cf. DCE, 37). A Beata Teresa de Calcutá é apresentada como um exemplo de alguém que, esmagada pelo serviço caritativo, reserva sempre um tempo dedicado a Deus (cf. DCE, 36). E mesmo, no meio da incompreensão do sofrimento, de que Job é um protótipo, os cristãos «permanecem inabaláveis na certeza de que Deus é Pai e nos ama, ainda que o Seu silêncio seja incompreensível para nós» (DCE,38). «A fé, a esperança e a caridade caminham juntas». A fé dos cristãos deve transformar a incerteza em esperança; por sua vez, a fé no amor de Deus, que pode ser contemplado no coração trespassado, suscita o amor. É o amor de Deus que dá a força para o agir, «para fazer entrar a luz de Deus no mundo» (cf. DCE,39).

Na conclusão, Bento XVI, lembrando o discurso escatológico de Jesus (Mt 25, 36.40), apresenta o exemplo de vários santos que levaram até à última consequência a virtude da caridade: S. Martinho de Tours, Santo Antão Abade, São Francisco de Assis, Inácio de Loiola, João de Deus, Camilo de Lélis, Vicente de Paulo, etc. (cf. DCE, 40). Entre todos os santos, Bento XVI salienta a figura de Maria, a mulher que ama, que é a serva do Senhor, que espera e confia totalmente nas promessas de Deus, que se tornou na mãe de todos os crentes. Por isso, Bento XVI confia a Maria o serviço da caridade da Igreja, para «podermos, também nós, tornar-nos capazes de verdadeiro amor e ser fontes de água-viva no meio de mundo sequioso» (cf. DCE, 41).

2.3. Deus é Amor

Na introdução da Encíclica *Deus Caritas Est*, o Papa Bento XVI cita S. João, ao afirmar que «Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele» (1 Jo 4, 16). É a partir desta verdade que o Papa Bento XVI vai estabelecer o itinerário desta carta, porque aí está o centro da fé cristã, aí está espelhada, não só a imagem cristã de Deus, mas também a «imagem do homem e do seu caminho» (DCE,1). O *Catecismo da Igreja* diz que «desejar

Deus é um sentimento inscrito no coração do homem, porque o homem foi criado por Deus e para Deus. Deus não cessa de atrair o homem para Si e só em Deus é que o homem encontra a verdade e a felicidade que não se cansa de procurar».⁴¹ Santo Agostinho vai dizer que Deus incentiva o Homem a louvá-Lo, «porque nos fizeste para Ti e o nosso coração não descansa enquanto não repousar em Ti».⁴² E o Concílio completa estes dois pensamentos dizendo que

a razão mais sublime da dignidade humana consiste na sua vocação à união com Deus. Desde o começo da sua existência, o homem é convidado a dialogar com Deus: pois, se existe, é só porque, criado por Deus por amor, é por Ele, e por amor, constantemente conservado; nem pode viver plenamente segundo a verdade, se não reconhecer livremente esse amor e não se entregar ao seu Criador (GS 19,1).

Deste modo, a ação de procurar de Deus, a razão da busca do sentido da vida, já indicia que Deus é Amor. Porque sou criatura, o Criador olhou para mim, com um especial interesse. Como S. Paulo diz a respeito dos pagãos, «o que se pode conhecer de Deus é claro para eles, porque Deus manifestou-lho desde a criação do mundo. As suas perfeições invisíveis, o seu poder e a sua divindade tornam-se, pelas suas obras, visíveis à inteligência, de modo que não se podem desculpar» (Rm 1, 19-20).

A afirmação de S. João de que «Deus é amor» (1 Jo 4,16) é a única vez que aparece na Bíblia desta forma. Mas S. João não escreve essa frase de uma forma gratuita. Ele tem a experiência de ter convivido com Jesus, mas tem também presente o contexto das Escrituras. Se lermos atentamente o Antigo Testamento, esse amor de Deus está suposto, é proclamado de outras maneiras. A questão do Povo de Deus, o Povo eleito, a Aliança, as intervenções de Deus na história de Israel, os temas da misericórdia e do perdão, tudo conflui para o Amor. Essa é uma verdade que se vai desvelando ao longo da história de Israel, através dos acontecimentos, da fé, dos profetas, «por meio de ações e palavras, intimamente relacionadas entre si e esclarecendo-se mutuamente» (DV 2). O *Catecismo da Igreja* diz que este processo comporta uma «pedagogia divina: Deus comunica-se gradualmente ao Homem e prepara-o, por etapas, para receber a Revelação sobrenatural que faz de Si e que vai culminar na pessoa e missão do verbo Encarnado, Jesus Cristo».⁴³

O *Deuterónimo* diz bem claro qual é a lei: «Escuta, ó Israel! O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças» (Dt 6,4). Deus é o único Senhor, não há outro que possa defender e

⁴¹CIC, 27

⁴²Santo Agostinho, *Confissões* (Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1984), I,1.1.

⁴³CIC, 53.

amar Israel. O povo tem de retribuir esse amor. Por isso o salmista canta «alegre-se o coração dos que procuram o Senhor» (Sl 104,3). Ao longo do Antigo Testamento vão passando imagens, episódios que nos levam ao Amor de Deus: a promessa de Deus a Abraão sobre a sua descendência (Cf. Gn 17, 15-17), a libertação do cativo do Egito (Cf. Ex 12, 35-51), a Aliança (Cf. Ex 19, 1-6), o Deus misericordioso (Cf. Ex 34, 6; Sl 86,15), o Deus que se comove (Cf. Os 11,8), muitos outros textos e, como síntese desse Deus de Amor, o salmo do Bom Pastor que fala do Deus presente, que cuida (Cf. Sl 23).

O Novo Testamento evidencia a centralidade do amor de Deus em Jesus Cristo. À vivência do mandamento proclamado no *Livro do Deuteronomio*, do amor a Deus, o “Shema”, Jesus junta o amor ao próximo salientado no *Livro do Levítico*: «Amarás o teu próximo como a ti mesmo» (Lev 19,18). Mas, como diz S. João, «nisto consiste o seu amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi Ele que nos amou e enviou o Seu Filho como propiciação pelos nossos pecados» (1 Jo 4,10). E na sequência deste texto, João acrescenta ainda: «Caríssimos, se Deus nos amou assim, também nós nos devemos amar uns aos outros» (1 Jo 4,11). Bento XVI diz que, sendo Deus o primeiro a amar-nos, então «agora o amor já não é apenas um “mandamento”, mas é a resposta ao dom do amor com que Deus vem ao nosso encontro» (DCE, 1).

Jesus vive e anuncia a misericórdia. Tem compaixão do leproso e cura-o (Cf. Mc 1,41), comove-se com aquela mãe que perdeu o seu único filho e salva-o da morte (Cf. Lc 7,13), cura vários doentes (Cf. Mt 14,14), faz o milagre da multiplicação do pão e do peixe porque há uma multidão com fome (Cf. Mt 15,32), restitui a vista aos cegos (Cf. Mt 20,34), ressuscita o seu amigo Lázaro (Cf. Jo 11, 35-38), perdoa à mulher adúltera (Cf. Jo 8,1-11, perdoa ao bom ladrão (Cf. Lc 23, 34), etc. Como diz Walter Kasper, «a novidade da mensagem de Jesus em relação ao Antigo Testamento é que Ele anuncia a misericórdia divina de forma definitiva e para todos».⁴⁴ Por isso é que Jesus aceitava sentar-se à mesa com os publicanos e com os pecadores, atitude repudiada pelos fariseus e pelos doutores da Lei. A missão de Jesus não era salvar os que tinham saúde (Cf. Lc 5,31).

O centro da mensagem de Jesus é a novidade de Deus como Pai, aquele que cuida e protege. W. Kasper diz que esta mensagem, que é passada na oração do “Pai Nosso”, ensinada por Jesus, «expressa o cerne mais profundo da nossa compreensão de Deus e da nossa relação com Ele. Diz-nos que estamos numa relação pessoal com um Tu divino que nos conhece e

⁴⁴Kasper, *A misericórdia: Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, 86.

escuta, nos ampara e ama».⁴⁵ Deus sabe aquilo que precisamos (Cf. Mt 6,8) porque «é nosso Pai e pai de todos os seres humanos; todos somos seus filhos e filhas. [...] Assim, pois, não vivemos num cosmos infinito, insensível, órfão; não somos o produto do acaso, nem de uma evolução totalmente carente de sentido e de meta».⁴⁶

O Papa João Paulo II diz, recordando a parábola do filho pródigo (Cf. Lc 15, 20), que «Deus ama-nos como um Pai» e que a parábola «recorda essa verdade de forma evidente». O amor paternal de Deus é «um amor sempre pronto a perdoar e ansioso por nos mostrar que somos bem-vindos».⁴⁷

O amor encarnado de Deus é tão radical que se entrega pelo Homem na Cruz, dando a Sua vida pela Salvação do mesmo. É olhando para o coração trespassado de Jesus que «o cristão encontra o caminho do seu viver e amar». Esse coração trespassado, apresentado no Evangelho de S. João (Jo 19, 34), é o maior sinal do amor de Deus (cf. DCE,12). É a contemplação deste coração aberto que vai estar na origem da fundação de muitas Congregações Religiosas dedicadas ao Coração de Jesus, tanto femininas, como masculinas. O coração aberto é o dom que Deus nos dá. Como S. João, podemos afirmar, «se conhecesses o dom de Deus...» (Jo 4,10). E para tornar o Amor de Jesus numa «presença duradoura», antes da Paixão Jesus institui a Eucaristia, na Última Ceia. Nesse momento, Jesus antecipa o seu ato de entrega na Cruz, no pão e no vinho. Assim, o Logos transforma-se em alimento para nós. E, ao tomarmos esse alimento, envolvemo-nos «na dinâmica da Sua doação». Bento XVI fala da mística deste Sacramento que consiste «no abaixamento de Deus até nós» (cf. DCE,13). Fundamental é a consequência social que deriva deste Sacramento: nesta comunhão sacramental ficamos unidos ao Senhor, como todos os que comungam. Não podemos estar unidos a Cristo sem estarmos unidos uns aos outros. Aqui vem ao de cima a verdade do Duplo Mandamento. Como diz São Paulo, «formamos um só corpo porque todos participamos do mesmo pão» (1 Cor 10,17). Por isso, também se dá o nome de ágape à Eucaristia, porque o amor de Deus vem até nós para sermos agentes da Sua ação para com os outros. O gesto do lava-pés, que João colocou na última Ceia, é isso que simboliza: amar é pôr-se ao serviço dos outros (Cf. Jo 13, 1-13).

Na comunhão eucarística «está contido o ser amado e o amar, por sua vez, os outros». Daqui resulta uma característica importante para se entender este amor: porque este amor nos é

⁴⁵Kasper, *A misericórdia: Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, 87.

⁴⁶Kasper, *A misericórdia: Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, 89.

⁴⁷Papa João Paulo II, *As reflexões para o ano 2000*, (Lisboa: Livros do Brasil, 1994), 91.

dado, pode ser «mandado», como diz Bento XVI. Essa é a essência da caridade. Porque fazemos a experiência deste amor, não podemos ficar com ele só para nós. O amor de Deus exige devolução aos outros (cf. DCE,14). Como diz o Papa Bento XVI, «o ser humano é redimido pelo amor» (SS ,25). Se «Deus é Amor», «a verdadeira esperança do ser humano, que resiste apesar de todas as desilusões, só pode ser Deus – o Deus que nos amou, e ama ainda agora “até ao fim”, “até à plena consumação” (SS, 27).

2.4. A inevitabilidade cristã de viver a caridade

Se «Deus é Amor» e se devemos amarmo-nos uns aos outros (Cf. Jo 13,34), então a caridade é um dever dos cristãos. É inevitável, porque o amor ao próximo tem a sua fonte no amor de Deus. Quem é amado, tem o dever de amar. Na sua primeira carta, S. João pergunta: «Se alguém possuir bens deste mundo e, vendo o seu irmão com necessidade, lhe fechar o seu coração, como é que o amor de Deus pode permanecer nele? (Cf. 1 Jo 3, 17). É que os discípulos de Jesus serão reconhecidos pelo amor (Cf. Jo, 13,35). S. Tiago também pergunta: «De que aproveitará, irmãos, a alguém dizer que tem fé se não tiver obras? Acaso essa fé poderá salvá-lo?» (Tg 2, 14-14). E acrescenta :

Se um irmão ou irmã estiverem nus e precisarem de alimento quotidiano, e um de vós lhes disser: “Ide em paz, aquecei-vos e saciai-vos, sem em lhes dar o que é necessário ao corpo, de que lhes aproveitará? Assim também a fé: se ela não tiver obras, é morta em si mesma (Tg 2, 15-17).

Na Encíclica *Deus Caritas Est*, o Papa Bento XVI especifica que a caridade não se trata só de uma obrigação de cada um dos fiéis, mas da comunidade eclesial inteira, da Igreja particular e da Igreja universal. Para que isso aconteça de uma forma ordenada, com eficácia, é necessária a organização. A Igreja primitiva teve consciência disso desde o início. Vemos isso manifestado no livros dos *Atos dos Apóstolos*: «Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um» (Act 2, 44-45). Esta forma de agir, «a comunhão» (koinonia), enquadrava-se no seguimento do «ensino dos Apóstolos», na «fração do pão» e nas «orações» (Cf. Act 2,42). Com o crescimento do número dos cristãos, esta forma de organização caritativa da Igreja começou a ser difícil por colocar em prática e foi preciso pensar uma alternativa (cf. DCE,20).

Assim, na estrutura fundamental da Igreja, surgiu a «diaconia», a escolha dos sete homens (Cf. Act. 6, 5-6), como serviço de amor ao próximo, realizado na comunidade e de uma forma ordenada. Este serviço da caridade era suportado pela vida espiritual. Por isso, os homens escolhidos são «cheios do Espírito Santo e de sabedoria» (cf. Act. 6, 1-6), o que deixa claro que o exercício da caridade também é um exercício espiritual (cf. DCE,21). A diaconia cristã como função fundamental da Igreja reconhece e sublinha a centralidade evangélica do amor a Deus e ao próximo. O serviço da caridade é tão importante para a Igreja, que nunca poderia deixar aos outros essa tarefa, sob pena de perder a sua essência (Cf. DCE, 25). A Igreja pode exercer a diaconia de diversas formas, conforme a necessidades e contextos, mas deverá ser sempre um serviço de amor fraterno, uma condição de credibilidade do testemunho cristão. A caridade é testemunho do amor de Deus.

Com o crescimento progressivo da Igreja, a caridade foi-se definindo como um dos aspetos mais importantes, a par dos Sacramentos e da Palavra. Ficou claro para a Igreja, desde o princípio, que a prática do amor faz parte da sua essência, como fazem parte os Sacramentos e a Palavra. Bento XVI refere que, a propósito desta tripla missão da Igreja, o mártir Justino relacionava a ação caritativa com a Eucaristia (cf. DCE, 22). O Catecismo da Igreja realça essa característica caritativa da Eucaristia, dizendo que «a Eucaristia compromete-nos com os pobres. Para receber, na verdade, o Corpo e o Sangue de Cristo entregue por nós, temos de reconhecer Cristo na pessoa dos mais pobres, seus irmãos» (CIC. 1349). E o Catecismo lembra um texto de uma homilia de S. João Crisóstomo para mostrar a responsabilidade de participar na mesa do Senhor:

Saboreaste o sangue do Senhor e não reconheces sequer o teu irmão. Desonras esta mesa, se não julgas digno de partilhar o teu alimento aquele que foi julgado digno de tomar parte nesta mesa. Deus libertou-te de todos os teus pecados e chamou-te para ela; e tu nem então te tornaste mais misericordioso (CIC, 1397).

No caso da caridade, é tão evidente a sua importância para a Igreja antiga, e tão visível para os que não pertenciam à comunidade crente, que o imperador Juliano diz, numa das suas cartas, que «o único aspeto do Cristianismo que o maravilhava era a atividade caritativa da Igreja». Aquele, ao restaurar o paganismo, movido pelo exemplo dos cristãos, constrói também um serviço equivalente ao da caridade cristã (cf. DCE, 24).

Faz parte da história da Igreja a concretização do mandamento do amor, em muitos e diversificados empreendimentos caritativos, desde a ação dos mosteiros até às instituições de solidariedade social dos nossos dias, concretizado por milhões de cristãos anónimos e por

figuras carismáticas como S. Basílio, S. Francisco de Assis, S. Vicente de Paulo, S. João de Deus, D. Bosco, Madre Teresa de Calcutá, Padre Américo e tantos outros

O Cristianismo não é uma religião que se possa viver só dentro de portas. Não existe Cristianismo sem a relação com o próximo, sem a saída para as periferias, como diz o Papa Francisco repetidamente. Para o Evangelho, o próximo é todo aquele que precisa de ajuda e é evidente a predileção de Jesus pelos mais pobres, pelos mais frágeis da sociedade. Existe uma ligação entre o Evangelho e os pobres (Cf. EG, 186). Essa foi uma mensagem que as primeiras comunidades cristãs perceberam imediatamente. Não foram necessárias grandes elaborações teóricas sobre o amor para que os cristãos percebessem a sua inevitabilidade. Quando S. Paulo vai a Jerusalém ter com os Apóstolos para discernir, «se estava a correr ou tinha corrido em vão» (Gl 2,2) , o critério-chave de autenticidade que lhe indicaram foi que não se esquecesse dos pobres (Cf. Gl 2, 10). O pano de fundo era sempre a mensagem de Jesus sobre a caridade.

Aquando do episódio da multiplicação do pão e do peixe, Jesus deu uma ordem aos discípulos: «Dai-lhes vós mesmos de comer (Mc 6,37). Foi o pedido que Jesus fez aos seus discípulos e é também o convite que Jesus continua a fazer a todos os cristãos, no sentido de colaborarem todos na edificação de um mundo melhor. Esta frase de Jesus a todos compromete. Ser cristão é dar pão, é partilhar, é “ser pão para os outros”.⁴⁸ Como diz o Papa Francisco,

ninguém pode exigir-nos que releguemos a religião para a intimidade secreta das pessoas, sem qualquer influência na vida social e nacional, sem nos preocuparmos com a saúde das instituições da sociedade civil, sem nos pronunciarmos sobre os acontecimentos que interessam aos cidadão (EG, 183).

Com o tempo, e com algum conformismo na ação social da Igreja, diz-nos Luciano Manicardi que é preciso «reaprender a gramática elementar da caridade»⁴⁹ Perante os novos problemas, porque o «critério de autenticação da experiência espiritual cristã é o caráter concreto, a visibilidade, a tangibilidade, o quotidiano do amor ao irmão: “Aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus a quem não vê” (1 Jo 4, 20)».⁵⁰ Para reaprender a gramática elementar da caridade é preciso, segundo Manicardi, ter em

⁴⁸A Unidade Letiva trabalhada com os alunos de 6º ano no contexto da Prática do Ensino Supervisionada (PES), foi a «Partilha do Pão». O objetivo principal foi procurar saber o que é “ser pão para os outros”, a caridade.

⁴⁹Manicardi, *A caridade dá que fazer*, 13.

⁵⁰Manicardi, *A caridade dá que fazer*, 18.

consideração a caridade da razão e a caridade crítica e autocrítica.⁵¹ A caridade da razão é o reconhecimento corajoso de que o mal existe, que provoca tristeza, que não é passível de ser combatido com comodismo, tanto na ação como nas palavras. As palavras podem ser também elas sinais de comodismo. É preciso falar dos grandes princípios evangélicos com coragem, reclamar justiça para os pobres, é preciso lembrar os direitos, denunciar os problemas sem subterfúgios e apelar para a «urgência da caridade». No fundo, não ficar na lamentação, mas construir a práxis cristã na base da justiça e da caridade, sem adiamentos. O que é a caridade crítica? A caridade crítica é olhar para a sociedade pondo-se no lugar dos mais frágeis, tentando olhar com os seus olhos, procurando entender melhor o que sentem, os seus medos e humilhações, com a finalidade de nunca os transformar em bodes expiatórios. Numa altura em que aumentam os problemas com os migrantes em que existem muitos tipos de exclusão, é necessário chegar à conclusão de que a vergonha não está na pobreza mas nas razões da pobreza. Daí a necessidade de a Igreja ser pobre, estar com os pobres. E a caridade autocrítica? Manicardi refere a caridade autocrítica como aquela que se esforça para que o excluído deixe essa condição.⁵² Para isso, é preciso seguir o Evangelho. «A caridade pede que se diga a verdade, que nos ponhamos do lado da vítima, dando-lhe voz, tornando-nos a voz daqueles que não têm voz».⁵³

O Novo Testamento é o caminho porque não tem medo da denúncia. Lembremo-nos das palavras contundentes de Tiago:

E agora vós, ó ricos, chorai em altos gritos por causa das misérias que virão sobre vós. As vossas riquezas estão apodrecidas e os vossos vestidos estão comidos pela traça. O vosso ouro e a vossa prata enferrujaram-se e a sua ferrugem dará testemunho contra vós: devorará a vossa carne como o fogo. Entesouraste nos últimos dias! O salário dos trabalhadores, que ceifaram os vossos campos, foi defraudado por vós, e clama: e os clamores dos ceifeiros chegaram aos ouvidos do Senhor do universo». (Tg 5, 1-5)

S. Paulo diz, na *Carta aos Coríntios*, que «se não tiver amor, nada sou» (1 Cor 13,1-13). Este texto belíssimo de S. Paulo, o Hino da Caridade, mostra-nos a necessidade do amor. Podemos fazer muitas coisas pelos outros mas se não tivermos amor, nada somos. «Esta passagem deve ser entendida na sua crítica aguda e na sua frontalidade face [relativamente] a eventuais estímulos de entusiasmo fácil. São Paulo quer introduzir o *unum necessarium* do

⁵¹Cf. Manicardi, *A caridade dá que fazer*, 18-28.

⁵²Cf. Manicardi, *A caridade dá que fazer*, 29-36.

⁵³Manicardi, *A caridade dá que fazer*, 34.

amor para corrigir eventuais impulsos de entusiasmo fácil». ⁵⁴ Tudo o resto, todos os dons que possamos ter, nada é sem o amor. O Cristianismo é a exigência e a inevitabilidade da prática do amor.

3. A Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, o contributo da caridade para a fraternidade universal.

A Carta Encíclica *Fratelli Tutti* é a terceira encíclica do Papa Francisco, se considerarmos como primeira a *Lumen Fidei*, iniciada pelo Papa Bento XVI, mas terminada e assinada pelo Papa Francisco. A *Fratelli Tutti* foi assinada pelo Papa Francisco no dia 3 de Outubro de 2020, em Assis, na véspera da memória litúrgica de S. Francisco de Assis, em pleno tempo da pandemia Covid 19. O facto de grande parte do seu conteúdo ter sido trabalhado durante esta época tão significativa para a humanidade acentua mais a necessidade de pensarmos a importância da sua mensagem: a fraternidade e a amizade social. É um documento marcante, um texto corajoso, um pôr o dedo na ferida. É um texto que a todos nos compromete, nos engaja na transformação do nosso mundo. ⁵⁵

3.1. A contextualização

O Papa Francisco iniciou o seu pontificado a 13 de Março de 2013, na sequência da renúncia do Papa Bento XVI. É a primeira vez na história da Igreja que é eleito um Papa vindo do continente americano, mais concretamente da América do Sul. A América do Sul foi, e ainda é, palco de muita injustiça social, de governos ditatoriais, de lutas sangrentas, de instabilidade social e económica. É neste contexto que nasce a Teologia da Libertação que, em alguns lugares, esteve na base da ação da Igreja durante décadas. O clamor dos injustiçados, dos pobres, dos sem terra, contra o poder dos fortes e dos políticos sem escrúpulos, colocou a Igreja numa situação bastante difícil. A Argentina passou pela mesma situação. Portanto, não é de estranhar a apetência do Papa Francisco para as questões sociais.

⁵⁴Kasper, *A misericórdia: Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, 167.

⁵⁵Cfr. Entrevista do Cardeal D. Tolentino à Unisinos, acedido a 14 de março de 2023,

<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/603661-texto-contexto-e-pretexto-da-enciclica-fratelli-tutti>.

O Papa carrega para Roma as suas preocupações. Na Europa, perante uma Igreja em grande parte instalada, e influenciado necessariamente pelo seu percurso de vida, o Papa Francisco percebe a urgência de uma Igreja em saída, na prossecução do Vaticano II. A leitura que faz do mundo é influenciada compreensivelmente pela sua experiência de vida. Os bairros sociais de Buenos Aires ajudaram-no a perceber o que são as periferias, não só as geográficas, mas também as existenciais

Na sua primeira Encíclica, *Lumen Fidei*, um documento de grande conteúdo teológico sobre a fé, de iniciativa e parte da redação do Papa Bento XVI, já aparece no capítulo V a preocupação com o bem comum. Também na primeira Exortação Apostólica, *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco aborda a reforma da Igreja em saída missionária, da inclusão social dos pobres e da paz e o diálogo social.

A segunda encíclica, *Laudato si*, tendo como preocupação o cuidado da casa comum, a ecologia integral, é uma encíclica social porque há uma relação íntima entre os mais pobres e a fragilidade da Terra. Nesta encíclica, o Papa afirma que «o ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto; e não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental, se não prestamos atenção às causas que têm a ver com a degradação humana e social» (LS, 48).

A Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, inspirada em S. Francisco de Assis, é uma encíclica que revela todas as preocupações do Papa em relação ao mundo de hoje, situando muito bem os problemas, apontando soluções e aconselhando os dirigentes políticos e todos os que de alguma maneira têm poder, também as religiões.

As sociedades modernas foram fundadas com base no ideal da liberdade, igualdade e fraternidade, inspiradas na Revolução Francesa. A liberdade e a igualdade acabaram por entrar nos Direitos e até nas Constituições de alguns países. No entanto, a fraternidade tem sido um projeto adiado. Em tempo da pandemia, o Papa afirma que o futuro depende da construção da fraternidade. É pela fraternidade que vamos, porque sem fraternidade a liberdade e a igualdade tornam-se abstratas e inconclusivas (Cf. FT, 103-104). A fraternidade é uma tarefa humana fundamental.

Enquanto o Papa pensava e escrevia a encíclica, aconteceu a pandemia Covid 19. A pandemia serviu de pano de fundo para uma melhor compreensão deste documento porque, de alguma maneira, veio afirmar quão urgente é a fraternidade. Todos nos lembramos do dia 27 de Março de 2020: a imagem poderosa do Papa Francisco a caminhar sozinho na Praça de S. Pedro, completamente vazia (para lá da sua presença), num cenário de chuva e de vento. O

eco da sua mensagem correu o mundo: Estamos todos neste barco. Ninguém se salva sozinho (Cf. FT, 32).

A *Fratelli Tutti* faz eco dessa mensagem do Papa. A ideia de que estamos todos no mesmo barco e de que ninguém se salva sozinho perpassa pelo documento todo, apontando a necessidade da fraternidade como resposta a um mundo em que a liberdade e a igualdade não são plenas. Estas só se realizam plenamente com o amor, a caridade, a fraternidade e com amizade social. E, como o Papa diz, «o amor coloca-nos em tensão para a comunhão universal» (FT, 95). A progressiva abertura do amor é «ir além dos próprios limites». (FT, 96).

3.2. Estrutura e conteúdos-chave

A Carta Encíclica *Fratelli Tutti* desenvolve-se ao longo de oito capítulos, seguindo um itinerário concreto e esclarecedor, utilizando uma linguagem acessível. Parte da constatação de como o mundo se apresenta, para uma proposta de solução baseada na fraternidade e na amizade social, apelando ao contributo de todos os Homens, dos dirigentes políticos e das religiões. Sem a fraternidade, a igualdade e a liberdade não conseguem atingir a sua plenitude. Mais, A crise da igualdade e a crise da liberdade nascem da falta de fraternidade.

No primeiro capítulo, com o título “As sobras de um mundo fechado”, o Papa Francisco põe o dedo na ferida. Quando pensávamos ter atingido um patamar civilizacional superior, eis que o que parecia inquestionável, é posto em causa. Há muitos sinais de regressão. O Papa dá alguns exemplos, entre outros, o fim da consciência histórica, a falta de um projeto para todos, capaz de incluir a todos, o descarte dos mais velhos e fragilizados, os Direitos humanos não respeitados, as muitas situações de conflito e medo, e a situação dos migrantes. Tudo isto, resultado da falta da fraternidade.⁵⁶

A pandemia aparece como uma espécie de despertador para lembrar que ninguém se salva sozinho. Com esta tempestade global, percebemos que somos mais vulneráveis do que pensávamos. Todos nos sentimos frágeis, em necessidade, a precisar dos outros. Mas, como será depois de passada a crise sanitária? O Papa Francisco interroga-se sobre esta questão porque sabe que os Homens esquecem facilmente as lições da história.

⁵⁶Desenvolvo com mais pormenor este primeiro capítulo da *Fratelli Tutti* no segundo capítulo deste Relatório final, no ponto 1.1., com o título “As questões sociais gritantes no meio da fragilidade”.

Passada a crise sanitária, a pior reação seria cair ainda mais num consumismo febril e em novas formas de autoproteção egoísta: No fim, oxalá já não existam «os outros», mas apenas um «nós». Oxalá não nos esqueçamos dos idosos que morrem por falta de respiradores, em parte como resultado de sistemas de saúde que foram desmantelados ano após ano. Oxalá não seja inútil tanto sofrimento, mas tenhamos dado um salto para uma nova forma de viver e descubramos, enfim, que precisamos e somos devedores uns dos outros, para que a Humanidade renasça com todos os rostos, todas as mãos e todas as vozes, livre das fronteiras que criamos (FT, 35).

O Papa Francisco termina o primeiro capítulo da *Fratelli Tutti* com palavras de esperança, referindo a multidão de pessoas que durante a pandemia se entregaram ao serviço dos outros, desde o pessoal de saúde, até aos empregados de supermercados, lutando pela fraternidade.

No segundo capítulo, com o título “Um estranho no caminho”, o Papa lembra, a partir da parábola do Bom Samaritano, a responsabilidade que temos de construir a fraternidade. Não podemos esperar que os outros, nomeadamente os governos, façam tudo. Somos corresponsáveis na transformação do mundo. Como diz o Papa,

hoje temos à nossa frente a grande ocasião de expressar o nosso ser irmãos, de ser outros bons samaritanos que tomam sobre si a dor dos fracassos, em vez de fomentar ódios e ressentimentos. Como o viandante ocasional da nossa história, é preciso apenas o desejo gratuito, puro e simples de ser povo, de ser constantes e incansáveis no compromisso de incluir, integrar, levantar quem está caído. [...] Alimentemos o que é bom e coloquemo-nos ao serviço do bem (FT, 77).

A fraternidade não é instantânea. A parábola do Bom Samaritano «recolhe uma perspectiva de séculos». Se recuarmos ao livro do *Génesis*, vemos narrada a morte de Abel. E Deus pergunta a Caim: “Onde está Abel, teu irmão?” (Gn 4,9). É interessante que o Papa diz que esta pergunta de Deus vai pôr em questão «todo o tipo de determinismo ou fatalismo que pretenda justificar como única resposta possível a indiferença». O que é preciso é uma cultura diferente, que vá ao encontro do cuidado dos outros. A fraternidade é uma construção ética, uma decisão. Por isso, esta pergunta de Deus parece ressoar várias vezes ao longo da *Fratelli Tutti*. Caim, ao afirmar que não tem de guardar o irmão, é a antítese desta fraternidade.

A parábola do Bom Samaritano aparece como ícone da fraternidade. «Revela-nos uma característica essencial do ser humano, frequentemente esquecida: fomos criados para a plenitude, que só se alcança no amor». Aplicada ao mundo atual, «dia a dia enfrentamos a

opção de ser bons samaritanos ou viandantes indiferentes que passam ao largo». E o Papa Francisco acrescenta que todos temos algo do ferido, do salteador, daqueles que passam ao largo e do bom samaritano».

A parábola do Bom Samaritano não pode ser dissociada do texto de Mateus sobre o Juízo final (Mt 25, 31-46). Acolher o outro, o pobre, o estrangeiro, o que necessita, é reconhecer nele o próprio Jesus Cristo.

O terceiro capítulo denominado “Pensar e gerar um mundo aberto”, aborda a verdade de que uma pessoa só se realiza plenamente no ato de dar-se aos outros, como diz o Concílio Vaticano II (GS, 24). Este capítulo fala do poder radical da caridade, como força capaz de transformar a sociedade humana. O Papa diz que

as pessoas podem desenvolver algumas atitudes que apresentam como valores morais: fortaleza, sobriedade, laboriosidade e outras virtudes. Mas, para orientar adequadamente os atos das várias virtudes morais, é necessário considerar também a medida em que eles realizam um dinamismo de abertura e união para com outras pessoas. Este dinamismo é a caridade, que Deus infunde (FT, 91).

Esta abertura aos outros está para além do pequeno grupo e da família nuclear. É preciso ir mais além da nossa teia de relações. É preciso «superar um mundo de sócios». É preciso transbordar, irradiar de amor . «O amor coloca-nos em tensão para a comunhão universal. Ninguém amadurece nem alcança a sua plenitude isolando-se». E o Papa realça:

Pela sua própria dinâmica, o amor exige uma progressiva abertura, maior capacidade de acolher os outros, numa aventura sem fim, que faz convergir todas as periferias rumo a um sentido pleno de mútua pertença. Disse-nos Jesus: “Vós sois todos irmãos” (Mt 23,8), (FT,95).

Como muitas vezes no seu ministério petrino, o Papa Francisco lembra-nos a questão das periferias:

Existem periferias que estão próximas de nós, no centro de uma cidade ou na própria família. Também há um aspeto da abertura universal do amor que não é geográfico, mas existencial: a capacidade diária de alargar o meu círculo, chegar àqueles que espontaneamente não sinto como parte do meu mundo de interesses, embora se encontrem perto de mim (FT, 97).

Destas periferias, o Papa realça os «estrangeiros existenciais», que são os ignorados pela sociedade, e as pessoas com deficiência, que apelida de «exilados ocultos», dizendo que é preciso «ungi-las de dignidade».

Neste terceiro capítulo, o Papa refere o conceito de «amizade social», como trampolim para a abertura universal, que leva a uma globalização policromática, a um «amor universal que promove as pessoas». Promover as pessoas é promover o bem moral, com destaque para a solidariedade. Solidariedade «é pensar e agir em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns. É também lutar contra causas estruturais da pobreza, a desigualdade, a falta de trabalho, a terra e a casa, a negação dos direitos sociais e laborais» (FT, 116).

Há um outro assunto essencial que o Papa nos lembra: a função da propriedade privada. No fundo, do que se trata é de repropor a sua função. Sobre a nossa propriedade privada recai uma hipoteca social, ao que possuímos e também ao que somos. O amor, o serviço, é um dever que nasce do sentido de tudo aquilo que me foi dado e do que sou. «Como comunidade, temos o dever de garantir que cada pessoa viva com dignidade e disponha de adequadas oportunidades para o seu desenvolvimento integral» (FT, 118). Segundo a tradição cristã,

O direito à propriedade privada só pode ser considerado como direito natural secundário e derivado do princípio do destino universal dos bens criados, e isto tem consequências muito concretas que se devem refletir no funcionamento da sociedade. Mas acontece, muitas vezes, que os direitos secundários se sobrepõem aos prioritários e primordiais, deixando-os sem relevância prática (FT, 120).

Um mundo aberto é o dos Direitos sem fronteiras, em que «os confins e as fronteiras dos Estados não podem impedir a dignidade de todas as pessoas. «A justiça exige reconhecer e respeitar não só os direitos individuais, mas também os direitos sociais e os direitos dos povos» (FT, 126).

O capítulo IV tem como tema “Um coração aberto ao mundo inteiro”. É um capítulo muito importante porque concreto, sem ficar na abstração. Um problema concreto é o da emigração. Conhecendo nós a complexidade do assunto, e sabendo que a melhor solução seria resolver na origem as razões da saída dos seus países de milhões e milhões de pessoas, há que respeitar o seu direito a encontrar uma vida melhor. Segundo o Papa, «os nossos esforços a favor dos migrantes que chegam podem resumir-se em quatro verbos: acolher, proteger, promover, integrar» (FT, 129). E nas situações mais urgentes é necessário ter uma atitude mais proativa, com a facilitação dos vistos e a criação das condições para a integração destas pessoas. Para os migrantes que já estão há mais tempo, o Papa desafia a robustecer o conceito de cidadania. Não é só ter papéis em ordem, mas ter uma cidadania mais plena e não discriminatória.

O Papa Francisco diz que os migrantes também são dons. Enriquecem o país acolhedor com a sua cultura, «uma oportunidade de enriquecimento e desenvolvimento humano integral para todos» como já afirmara na Exortação Apostólica pós-sinodal *Christus vivit* (CV, 93). Este intercâmbio cultural nunca pode fazer diminuir a cultura minoritária. O mesmo se passa no diálogo entre as nações e na ajuda mútua. Todos temos a aprender com os outros, o Ocidente com o Oriente, o Oriente com o Ocidente. Os países mais desenvolvidos devem ajudar os mais pobres, e a globalização económica e cultural não deve matar a economia e a cultura local. É necessário haver um equilíbrio entre a globalização e a localização. «O universal não deve ser o domínio homogéneo, uniforme e padronizado de uma única forma cultural imperante, que perderá as cores do poliedro e ficará enfadonha» (FT, 144).

Outro capítulo bastante concreto e desafiador, é o quinto, com o título “A política melhor”. Nele, há duas ideologias que estão muito presentes: o populismo, com a demagogia, exacerbando os nacionalismos; a visão liberal radical, que baseia a construção política em dois pressupostos, a economia e o indivíduo. É um capítulo em que o Papa critica o paradigma tecnocrático e o mercado. O que acontece ao nível local, acontece ao nível internacional. O poder, seja qual for o tipo, económico, militar, o político, não deve ficar refém dos interesses. O Papa diz que nada se aprendeu com a crise financeira dos anos 2007 e 2008. Até parece que o individualismo cresceu ainda mais. Como diz o Papa,

o século XXI “assiste a uma perda de poder dos Estados nacionais, sobretudo porque a dimensão económico-financeira, de carácter transnacional, tende a prevalecer sobre a política. Neste contexto, torna-se indispensável a maturação de instituições internacionais mais fortes e eficazmente organizadas, com autoridades designadas de maneira imparcial por meio de acordos entre governos nacionais e dotadas de poder de sancionar”.⁵⁷ Quando se fala de uma possível forma de autoridade mundial regulada pelo direito, não se deve necessariamente pensar numa autoridade pessoal. Mas deveria prever-se pelo menos a criação de organizações mundiais mais eficazes, dotadas de autoridade para assegurar o bem comum mundial, a erradicação da fome e da miséria e a justa defesa dos direitos humanos fundamentais (FT, 172).

Para o Papa Francisco, o caminho da fraternidade passa, não só pelas vontades de muitos que «ajudam a compensar as debilidades da Comunidade Internacional», utilizando o mecanismo da subsidiariedade, mas sobretudo, por uma política fundamentada em grandes princípios e que pense sempre no bem comum. O bem comum é olhar para os outros como

⁵⁷O Papa cita a *Laudato Si*, (LS, 175).

irmãos, «procurar uma amizade social», que integre todos. O Papa diz que este processo é «um exercício da caridade», «a caridade social», a «caridade política». «O amor expressa-se não só nas relações íntimas e próximas, mas também nas macrorrelações» (FT, 181). Política como caridade e amor. Uma política amadurecida, pensando-se não a partir do *marketing*, mas fundada no bem comum. A verdadeira política tem de desencadear processos mais do que conseguir frutos no imediato, e preferindo sempre os últimos.

O capítulo VI é uma reflexão filosófica e antropológica sobre a amizade social, amizade que é cimentada pelo diálogo. Há neste capítulo um grande elogio do diálogo, como chave para uma nova cultura, uma cultura de encontro, uma cultura como um poliedro. «O poliedro representa uma sociedade em que as diferenças convivem integrando-se, enriquecendo-se e iluminando-se reciprocamente, embora isso envolva discussões e desconfianças» (FT, 215). Nesta nova cultura ninguém pode ser considerado supérfluo, inútil. A minha visão é completada pela visão do outro. Como afirma o Papa,

O diálogo social autêntico pressupõe a capacidade de respeitar o ponto de vista do outro, aceitando como possível que contenha convicções ou interesses legítimos. A partir da própria identidade, o outro tem algo para dar, e é desejável que aprofunde e exponha a sua posição para que o debate público seja ainda mais completo (FT, 203).

O Papa diz que a base dos consensos não pode ser com o relativismo porque, «sob o véu de uma presumível tolerância, acaba por se facilitar que os valores morais sejam interpretados pelos poderosos, segundo as conveniências da hora» (FT, 206). É preciso uma cultura que reconheça princípios que sejam reconhecidos universalmente, que coloque no centro a verdade e que «tenha apego às verdades fundamentais» (FT, 207). E «para que uma sociedade tenha futuro, é preciso ter amadurecido um vivo respeito pela verdade da dignidade humana, à qual nos submetemos» (FT, 207).

O diálogo tem de estar sempre presente numa sociedade pluralista, mas nunca pode abdicar da verdade e do consenso. O diálogo favorece a cultura do encontro e o encontro deve transformar-se em cultura, na medida em que consiga fazer parte das «convicções mais profundas e no estilo de vida» dos povos. O fim é sempre a paz social que deve ser construída através de «processos de encontro» (Cf. FT, 211-217).

O Papa fala da alegria de viver a fraternidade. Esta só se consegue pelo reconhecimento do outro, com as suas opiniões, a sua cultura, sem entrar na «busca de falsa tolerância».

O último tema do sexto capítulo tem a ver com a necessidade de «recuperar a amabilidade». O Papa convida-nos a redescobrir a amabilidade, a revermos a nossa forma de tratar os outros. A sugestão do Papa passa por gestos tão simples como o dizer «com licença», «desculpe» e «obrigado». O Papa Francisco usa uma expressão muito bela para afirmar a função da amabilidade:

A amabilidade é uma libertação da crueldade que às vezes penetra nas relações humanas, da ansiedade que não nos deixa pensar nos outros, da urgência distraída que ignora que os outros também têm direito de ser felizes. [...] facilita a busca de consensos e abre caminhos onde a exasperação destrói todas as pontes (FT, 223).

No penúltimo capítulo da *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco fala da reconciliação, a partir do tema “Percurso de um novo caminho”. A reconciliação, que é uma condição para a paz social, deve ser feita sempre a partir da verdade, por muito difícil que seja de se encarar. Como diz o Papa, «o percurso para a paz não implica homogeneizar a sociedade, mas permite-nos trabalhar juntos» (FT, 228). Assim, todos são chamados a ajudar a encontrar soluções para a melhor convivência, a fazer negociações pensando sempre no bem comum. «cada pessoa pode ser um fermento eficaz com o seu estilo de vida diária» (FT, 231).

O Papa Francisco diz que «nunca está terminada a construção da paz social num país» (FT, 232). Construir a paz não é fácil, porque a paz não é só a ausência de guerra. Há sempre feridas para cicatrizar. Por isso mesmo, é necessário enfrentar as feridas para se poder atingir a fraternidade. Qual o caminho?

O Papa Francisco apresenta um caminho, o do perdão. É preciso aceitar e compreender a importância do perdão. O Papa diz que «não se trata de propor um perdão, renunciando aos próprios direitos perante um poderoso corrupto, um criminoso ou alguém que degrada a nossa dignidade» (FT, 241). Trata-se de amar o prevaricador sem compactuar com os seus atos, pedindo justiça, mas sem alimentar o ódio ou a vingança. E o Papa acrescenta que o perdão não é amnésia social, «não implica esquecimento» (FT, 250). Sem memória não há perdão. As pessoas que perdoam verdadeiramente, «não esquecem, mas renunciam a deixar-se dominar pela mesma força destruidora que os lesou» (FT, 251).

No final do capítulo o Papa Francisco aborda duas situações com as quais a Igreja está em desacordo. Trata-se da guerra e da pena de morte. A guerra é sempre injusta. «Toda a guerra deixa sempre o mundo pior» (FT, 261). No entanto, as guerras proliferam e sempre com uma justificação. Mesmo na situação de legítima defesa, que o Catecismo da Igreja aceita, é necessário medir bem todas as razões, para que não surjam consequências ainda

piores. O Papa afirma que hoje é muito difícil sustentar o conceito de «guerra justa» (Cf. FT, 258).

Sobre a pena de morte, o Papa diz que «é inadmissível» (Cf. FT, 263). Apesar de haver muitos argumentos contra a pena de morte, desde a possibilidade de erros judiciais ao mau uso dos governos ditatoriais, o que deve prevalecer é o princípio de que todo o ser humano tem uma «dignidade inalienável» e que tem «lugar neste universo».(Cf. FT, 269).

Finalmente, no capítulo VIII, o Papa Francisco termina a *Fratelli Tutti* convocando as religiões para o serviço da fraternidade no mundo. O argumento é muito claro: se acreditamos em Deus, a fraternidade tem em Deus o fundamento. As religiões têm de se irmanar, de descobrir a fraternidade. Este processo é muito importante pois, como diz o Papa,

temos de reconhecer que “entre as causas mais importantes da crise do mundo moderno, se contam uma consciência humana anestesiada e o afastamento dos valores religiosos, bem como o predomínio do individualismo e das filosofias materialistas que divinizam o homem e colocam os valores mundanos e materiais no lugar dos princípios supremos e transcendentés”(FT, 275).

Não deixando de valorizar a ação de Deus nas outras religiões, o Papa afirma que é no Evangelho que a Igreja encontra «o manancial de dignidade humana e fraternidade».

Para terminar, o Papa faz dois apelos: em primeiro lugar, o cumprimento do direito à liberdade religiosa em todos os países; em segundo, que haja um caminho de paz entre todas as religiões e que estas estejam ao serviço do diálogo, da paz e da fraternidade, nunca incentivando o ódio, a violência e o derramamento de sangue.

3.3. Do amor ao próximo ao coração aberto ao mundo inteiro.

Quando Jesus narra a Parábola do Bom Samaritano (Lc 10,25-37) não podemos esquecer a cultura judaica de então. O amar o próximo geralmente era entendido como uma obrigação dos israelitas entre si. Os estrangeiros não eram contemplados com esta obrigação por parte dos judeus. No entanto, na *Bíblia* já havia referências a um amor que tinha de ultrapassar os limites do próprio povo. Há alguns episódios em que se percebe muito bem que o acolhimento ao estrangeiro deve ser feito. Há como que uma pedagogia, lenta, mas existe, para preparar a mensagem que Jesus vai trazer. Aliás, nas comunidades judaicas da diáspora,

e eram muitas,⁵⁸ começava a entender-se esse amor como amor a todos. No fundo, é preciso sair da nossa terra para percebermos que, para além de nós, da nossa casa e da nossa cultura, existem os outros, que nos acolhem, com as suas especificidades próprias, com os seus anseios e sonhos, com a sua identidade própria. Portanto, da nossa parte deve haver a reciprocidade. No livro do *Ben Sirá* diz-se que «a compaixão do homem tem por objeto o próximo, mas a misericórdia divina estende-se a todo o ser vivo» (Sir 18,13). Para a cimentação desta atitude de abrir-se aos outros, muito contribuiu o facto de o povo judeu ter feito a experiência do estrangeiro no Egito. É uma referência que constantemente aparece na *Bíblia* no “Pentateuco”. Dois exemplos: «Não usarás de violência contra o estrangeiro residente nem o oprimirás, porque fostes estrangeiro residente na terra do Egito» (Ex 22, 21); «O estrangeiro que reside convosco será tratado como um dos vossos compatriotas, e amá-lo-ás como a ti mesmo, porque fostes estrangeiros na terra do Egito» (Lv 19,33-34). (Cf. FT, 57-62)

Neste processo de abertura aos outros, que não só aos da minha terra, foi-se construindo a máxima que encontramos em Mateus: «O que quiserdes que que vos façam os homens, fazei-o também a eles, porque isto é a Lei e os Profetas» (Mt 7,12) . Com Jesus dá-se um salto muito grande na compreensão do que é amar o próximo. Agora o critério já não deve ser o da utilidade, porque também fui acolhido no estrangeiro, mas o da total gratuidade. Eu devo amar como o Bom samaritano. Provavelmente o samaritano não tinha feito a experiência de ser bem acolhido em Israel. Pelo contrário, até devia ter a experiência contrária, sendo muitas vezes escorraçado, na condição de samaritano, como era costume na altura. Quando ele encontra o homem caído, não pergunta sobre a sua identidade. Era alguém que precisava, independentemente da nacionalidade, da cultura da religião, do seu atributo social. O samaritano trata do ferido, dá-lhe os cuidados básicos e pede ajuda a outra pessoa, sem se demitir da sua parte. O único critério foi o do amor, segundo Jesus. Como diz o Papa Francisco sobre a parábola,

a narração - digamo-lo claramente – não desenvolve uma doutrina feita de ideais abstratos, nem se limita à funcionalidade de uma moral ético-social. Mas revela-nos uma característica essencial do ser humano, frequentemente esquecida: fomos criados para a plenitude, que só se alcança no amor. Viver indiferentes à dor não é uma opção possível; não podemos deixar ninguém caído nas “margens da vida”. Isto deve indignar-nos de tal maneira, que nos faça descer da nossa serenidade, alterando-nos com o sofrimento humano. Isto é dignidade. (FT, 68).

⁵⁸Cf. Pierre Pierrard, *História da Igreja Católica* (Lisboa: Planeta Editora, 1992), 16.

A mensagem do amor fraterno é bem explícita no Novo Testamento. S. João vai dizer que «quem não ama, permanece na morte» (1Jo 3,14)» e que «aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, como pode amar a Deus, a quem não vê?» (1Jo 4, 20). E neste contexto, também amar os estrangeiros (Cfr. 3Jo 5). S. Paulo diz «ama o teu próximo como a ti mesmo» (Gl 5,14) e exorta os seus discípulos a ter caridade «uns para com os outros e para com todos» (1Ts 3,12). Todo o Novo Testamento vai no sentido de nunca se passar ao lado, ficarmos indiferentes ao sofrimento dos outros. (Cf. FT, 61-62)

Muitas vezes é fácil perguntar «que posso fazer eu?», olhando para a minha insignificância. O Papa encoraja-nos:

É possível começar por baixo e caso a caso, lutar pelo mais concreto e local, até ao último ângulo da pátria e do mundo, com o mesmo cuidado que o viandante da Samaria teve por cada chaga do ferido. Procuremos os outros e ocupemo-nos da realidade que nos compete, sem temer a dor nem a impotência, porque naquela está todo o bem que Deus semeou no coração do ser humano» (FT, 78)

E o Papa completa o raciocínio dizendo que as dificuldades fazem-nos crescer e que devemos trabalhar em conjunto, nunca sozinhos. O implicar os outros é trabalhar o «nós». Isto é válido para o mundo local, mas também para o mundo de fora. Aqui, as fronteiras só podem ser isso mesmo, fronteiras físicas, territoriais, mas nunca impossibilidade de chegarmos aos outros, nunca fronteiras existenciais. (Cfr. FT, 80-83)

Um dos problemas que se coloca ao mundo de hoje é a questão dos migrantes. Há milhões e milhões de pessoas que têm de deixar as suas terras na procura de uma vida melhor, por questões económicas. A estas, temos de juntar os milhões de refugiados que fogem da guerra, das perseguições e também dos desastres naturais.⁵⁹ Infelizmente, a tendência é de crescimento. A Agência das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) celebrou o Dia Mundial do Refugiado no passado dia 20 de Junho. O tema deste ano de 2023 vem muito a propósito: «Esperança longe de casa: Por um mundo inclusivo com as pessoas refugiadas».⁶⁰

Há um desafio por parte de quem acolhe. Ou tem um coração aberto ou fecha-se no seu egoísmo, tecendo todos os pretextos para justificar a sua atitude. Lembremo-nos de que este não é um fenómeno de hoje. No passado, estes fluxos de migrantes também aconteceram, na Antiguidade e em todos os períodos da História. Há que encarar este fenómeno, com o coração aberto, segundo o Evangelho. O Papa tem estado na linha da frente na defesa destas

⁵⁹A ACNUR publicou em junho de 2023 o número atual de pessoas deslocadas: 108,4 milhões.

⁶⁰Cf. ACNUR, acedido a 10 de abril de 2023, <https://www.acnur.org/>.

peças e tem chamado imensas vezes a atenção para o problema. Quem não se lembra da primeira visita do Papa Francisco, fora de Roma, a Lampedusa? Foi um gesto profético, um grito de alerta para a realidade das pessoas refugiadas, um despertar das consciências para combater a «globalização da indiferença». Na homilia que fez na celebração da Eucaristia desse dia, em 2013, o Papa afirmou:

Quem é o responsável pelo sangue destes irmãos e irmãs? Ninguém! Todos nós respondemos assim: não sou eu, eu não tenho nada a ver com isso; serão os outros, eu não certamente. Mas Deus pergunta a cada um de nós: «Onde está o sangue do teu irmão que clama até Mim?» Hoje ninguém no mundo se sente responsável por isso; perdemos o sentido da responsabilidade fraterna; caímos na atitude hipócrita do sacerdote e do levita de que falava Jesus na parábola do Bom Samaritano.⁶¹

Entretanto, têm surgido populismos que descarregam sobre os migrantes as razões do insucesso económico, da falta de trabalho, da violência, etc. Um pouco por todo o lado, também na Europa, um antigo baluarte dos Direitos humanos, vão começando a sobressair políticos que no seu discurso espalham o ódio em relação aos migrantes. Parece ouvirmos de novo a pergunta de Deus: «Onde está o teu irmão?» (Gn 4,9).

O Papa Francisco na *Fratelli Tutti*, numa tentativa de valorizar os migrantes perante os mais céticos, diz que todos ficam a ganhar, os que recebem e os que chegam. A razão forte é o intercâmbio cultural que enriquece a todos, e a partilha dos dons recíprocos (Cf. FT 133-138). Mas, depois, no seguimento do seu raciocínio, vai afirmar a evidência evangélica. A base para aceitação dos migrantes deve ser sempre a caridade, o amor, a gratuidade fraterna. É claro que aqui há uma clara tensão entre uma leitura puramente economicista e outra que se inspira no Evangelho. Talvez para aproximar as duas partes, o Papa Francisco vai falar da importância do local e do universal. O local e o universal devem fazer parte das nossas preocupações. É preciso diminuir a tensão que existe entre o local e o universal. Como o Papa reflete, «é preciso prestar atenção à dimensão global para não cair numa mesquinha quotidianidade. Ao mesmo tempo convém não perder de vista o que é local, que nos faz caminhar com os pés por terra» (FT, 142). O local remete-nos para a nossa identidade pessoal, a nossa origem; o global remete-nos para a nossa missão de abertura ao outro. O local é muito importante porque é o nosso alicerce; o global deve ser o nosso caminho de abertura ao outro.

⁶¹Papa Francisco, Homilia em Lampedusa, consultado a 3 de maio de 2023, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130708_omelia-lampedusa.html.

Como diz o Papa, «cada pessoa nascida num determinado contexto sabe que pertence a uma família maior, sem a qual não é possível uma compreensão plena de si mesma» (FT, 149). Nenhum povo é uma ilha e é preciso «que se aceite com alegria que nenhum povo, nenhuma cultura, nenhum indivíduo pode obter tudo de si mesmo. Os outros são, constitutivamente, necessários para a construção de uma vida plena. A consciência do limite ou da exiguidade, longe de ser uma ameaça, torna-se a chave segundo a qual sonhar e elaborar um projeto comum. Com efeito, “o homem é o ser fronteiro que não tem fronteira” (FT, 150).

3.4. Caridade social e política

Quem está atento à realidade política europeia, constata que a participação dos cidadãos nos atos eleitorais tem tendência a diminuir, talvez por desinteresse, por comodismo ou por desencanto. Noutras partes do mundo, vemos governos autoritários e totalitários, que impedem o contributo dos cidadãos, que não respeitam os mais elementares direitos humanos como a liberdade e a livre expressão. O mundo segue definitivamente em diversas velocidades e esse é um obstáculo para o diálogo internacional. Não usamos definitivamente a mesma linguagem. Nem as grandes instituições, nem o direito internacional conseguem resolver muitas das tensões que surgem dessas diferenças. Um dos exemplos atuais é o que acontece com a questão dos refugiados. Enquanto houver razões para as pessoas serem obrigadas a deixar os seus países, o problema vai continuar a existir. No entanto, não existe consenso sobre como resolver internacionalmente esta realidade até porque, no plano internacional, a desigualdade dos recursos e meios económicos é tal que provoca entre as nações um verdadeiro «fosso» (Cf. SRS, 14). A que mecanismos se devem recorrer para atender a esta e outras questões gritantes da humanidade, quando sabemos que há governos com ideologias diferentes, uns democráticos, outros autoritários e muitos totalitários? Afinal, qual o papel da política? Como diz o Papa Francisco,

atualmente muitos possuem uma má noção da política, e não se pode ignorar que frequentemente, por trás deste facto, estão os erros, a corrupção e a ineficiência de alguns políticos. A isto vêm juntar-se as estratégias que visam enfraquecê-la, substituí-la pela economia ou dominá-la por alguma ideologia. (FT, 176)

Várias vezes o Papa denunciou o facto de a política se submeter à economia e as ideologias que não pensam verdadeiramente no bem comum. A economia não pode exercer o

poder que é da responsabilidade da política. O que é preciso, segundo o Papa, é «uma política salutar, capaz de reformar as instituições, coordená-las e dotá-las de bons procedimentos, que permitam superar pressões e inércias viciosas» (LS, 189). É necessário que «a política e a economia, em diálogo, se coloquem decididamente ao serviço da vida, especialmente da vida humana» (LS, 189). O Papa condena a forma mesquinha de fazer política pensando no imediato. «A grandeza política mostra-se quando, em momentos difíceis, se trabalha com base em grandes princípios e pensando no bem comum a longo prazo» (FT, 176). Esta forma de proceder tem de ser ao nível local e ao nível internacional. Deve haver um projeto político comum para a Humanidade, «porque a sociedade mundial tem graves carências estruturais que não se resolvem com remendos ou soluções rápidas, meramente ocasionais» (FT, 179).

Que pode fazer a Igreja para ajudar? Sabemos que

Jesus enviou os seus discípulos e a Igreja ao mundo. Por isso, a Igreja não pode circunscrever a sua mensagem da misericórdia ao âmbito individual-pessoal e eclesial; não pode, por assim dizer, confinar-se à sacristia. Deve ser fermento, sal e luz do mundo (Cf. Mt 5, 13s; 13, 33).⁶²

A Igreja não pode impor nada à sociedade mas, ao longo de mais de 120 anos, a Igreja «tem constantemente apresentado a maneira cristã de viver em sociedade»,⁶³ através da sua Doutrina Social. A DSI é «um guia para inspirar, tanto no plano individual como no plano coletivo, comportamentos e opções que permitam a todos os homens olhar para o futuro com confiança e esperança».⁶⁴ Segundo a *Fratelli Tutti*, «todos os compromissos decorrentes da doutrina social da Igreja “derivam da caridade que é, como ensinou Jesus, a síntese de toda a Lei (cf. Mt 22, 36-40)» (FT, 181). O Papa Bento XVI afirmou que «a caridade é a via mestra da doutrina social da Igreja» (DCE, 2). O amor que se mostra nos pequenos gestos, também é civil e político porque tem repercussão na construção de um mundo melhor (Cf. FT, 181). Sim a Igreja tem uma palavra a dizer. O Papa João Paulo II afirma que a

Igreja tem uma palavra a dizer, hoje como há vinte anos e também no futuro, a respeito da natureza, das condições, das exigências e das finalidades do desenvolvimento autêntico e, de igual modo, a respeito dos obstáculos que o entram. Ao fazê-lo, a Igreja está a cumprir a missão de evangelizar, porque dá a sua primeira contribuição para a solução do urgente problema do

⁶²Kasper, *A misericórdia: Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, 219.

⁶³Vieira, *Doutrina Social da Igreja*, 41.

⁶⁴Compêndio da Doutrina Social da Igreja (Cascais: Princípios, 2015), 10.

desenvolvimento, quando proclama a verdade acerca de Cristo, de si mesma e do homem aplicando-a a uma situação concreta (SRS, 41).

O Papa João Paulo II especifica que

para a Igreja, a mensagem social do Evangelho não deve ser considerada uma teoria, mas sobretudo um fundamento e uma motivação para a ação. Impelidos por esta mensagem, alguns dos primeiros cristãos distribuíaam os seus bens pelos pobres e davam testemunho de que era possível uma convivência pacífica e solidária, apesar das diversas proveniências sociais (CA, 57).

A aplicação da parábola do Bom Samaritano, como projeto cristão para o mundo, é uma resposta concreta. A caridade social, a solidariedade, são o caminho. O Papa João Paulo II diz que a solidariedade é uma virtude cristã e que esta «não é um sentimento de compaixão vaga ou de enternecimento superficial pelos males sofridos por tantas pessoas, próximas ou distantes» (SRS, 38). Pelo contrário, «é a determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum, [...] porque todos somos verdadeiramente responsáveis por todos» (SRS, 38). Se isto é verdade no interior de cada sociedade, também é válido nas relações internacionais.

Para o Cristianismo, somos todos irmãos porque criaturas do mesmo Deus (Cf. LS, 240). O reconhecimento de todos como irmãos e «procurar uma amizade social que integre a todos não são meras utopias. Exigem a decisão e a capacidade de encontrar os percursos eficazes, que assegurem a sua real possibilidade» (FT, 180). O Papa Francisco afirma que tudo o que se possa fazer neste sentido é «um alto exercício de caridade» (FT, 180). A solidariedade é hoje o rosto dessa caridade, a caridade social, e apresenta-se como um dos princípios basilares da conceção cristã da organização social e política. O que é que distingue a caridade social da caridade política? Segundo o Papa, a caridade social é o processo da ajuda mútua entre os indivíduos; quando estes se unem a outros para gerar processos sociais de fraternidade e justiça para todos, já estamos a falar da caridade mais ampla, a caridade política (Cf. FT, 180). A caridade política é uma ordem social e política cuja alma é a caridade social, o amor social. O Compêndio da Doutrina Social da Igreja diz, lembrando S. Tomás de Aquino e o Papa Paulo VI, que

nenhuma legislação, nenhum sistema de regras ou de pactos conseguirá persuadir homens e povos a viver na unidade, na fraternidade e na paz, nenhuma argumentações poderá superar o apelo da caridade. Somente a caridade, na sua qualidade de “forma virtutum”, pode animar e plasmar o agir social no contexto de um mundo cada vez mais complexo. Para que tudo isto aconteça, é necessário que

se cuide de mostrar a caridade não só como inspiração da ação individual, mas também como força capaz de suscitar novas vias para enfrentar os problemas de hoje e para renovar profundamente desde o interior das estruturas, organizações sociais, ordenamentos jurídicos. Nesta perspectiva, a caridade torna-se caridade social e política: a caridade leva-nos a amar o bem comum e a buscar efetivamente o bem de todas as pessoas, consideradas não só individualmente, mas também na dimensão social que as une.⁶⁵

Para a Igreja não há dúvidas de que é possível contruir um mundo alicerçado no amor. O Papa Paulo VI foi o primeiro a falar de uma civilização do amor ao afirmar que «foi a civilização do amor e da paz que o Pentecostes inaugurou».⁶⁶ Este amor de que Paulo VI não é um sentimentalismo subjetivo. É algo que deve ser concreto, e deve estar alicerçado na verdade. O Papa Bento XVI vai refletir este assunto na Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, dizendo que

pela sua estreita ligação com a verdade, a caridade pode ser reconhecida como expressão autêntica de humanidade e como elemento de importância fundamental nas relações humanas, nomeadamente de natureza pública. Só na verdade é que a caridade refulge e pode ser autenticamente vivida (CV, 3).

A caridade de que a Igreja fala, e que deve existir na política, deve ter sempre como prioridade os mais frágeis. Os mais pobres e mais fracos têm de ser reconhecidos pela sua dignidade. Por isso, qualquer ação a favor destes, tem de levar em consideração os princípios da subsidiariedade. A solidariedade para eles será sempre insuficiente se a política não olhar para eles como capazes de transformação pessoal. O Papa Francisco diz que «os políticos são chamados a cuidar da fragilidade, da fragilidade dos povos e das pessoas» (FT, 188). Para isso, não pode pensar nas sondagens, mas deve reger-se por grandes objetivos, por causas a favor dos excluídos e de todos os flagelos que se abatem junto de tantos.

É preciso, por parte dos políticos, o exercício da ternura. O Papa Francisco diz que «na política, há lugar para amar com ternura» (FT, 194). Esta parece uma afirmação um tanto ou quanto lírica, mas não é. O que o Papa quer dizer é que os políticos não podem ficar insensíveis à realidade dos marginalizados. Têm de se comover necessariamente com a situação deles. O amor político é posto à prova na defesa concreta dos mais frágeis. Assim, certifica-se que a política está acima dos interesses pessoais, do poder pelo poder.

⁶⁵Compêndio da Doutrina Social da Igreja, 207.

⁶⁶Paulo VI, Regina Caeli, consultado a 4 de junho de 2023, https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/angelus/1970/documents/hf_p-vi_reg_19700517.html.

4. A caridade une os Homens e faz entrar a luz de Deus no mundo

A caridade é um projeto de fraternidade, na medida em que une todos os Homens como irmãos, todos com a mesma dignidade porque filhos do mesmo Pai. Essa forma de entender e viver o mistério da vida ajuda o mundo a ser mais belo, porque mais solidário, mais justo e pacífico. Esse é o reflexo de Deus no mundo, que nós reconhecemos. S. João diz que «nós conhecemos e cremos no amor que Deus nos tem. Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele» (1 Jo 4,16). A caridade é a prática desse conhecimento de Deus, a concretização de um amor recebido.

A linguagem do amor é universal. Todos percebem o que é o amor, num gesto, num sorriso, numa palavra, num silêncio, numa presença: o copo de água que mata a sede não é só um copo de água para o Evangelho; pode conter todo o amor do mundo e isso é salvífico (Cf. Mt 10,42); o coração de quem se compadece, constrói a justiça no mundo (Cf. Sl 112,5); a luta pela paz é uma luta a partir do amor (Cf. Mt 5,9); o que dá a vida pelos seus amigos, mostra o amor maior (Cf. Jo 15,13); as obras de misericórdia restituem o amor devido (Cf. Mt 25, 35-45); a esmola da viúva que deu tudo o que tinha, mostra que o amor não é quantidade (Cf. Mc 12, 38-44); o acolhimento do outro é o amor que se deixa surpreender (Cf. Gn 18,1-8).

Recentemente, com a pandemia Covid 19, tivemos os exemplos de muitas pessoas que foram capazes de se dar aos outros, que contribuíram para diminuir o medo, que esclareceram, que foram luz no meio das trevas: os profissionais de saúde, os profissionais de segurança, os profissionais do comércio, os bombeiros, etc. Como esquecer as marcas provocadas pelas máscaras nas faces de tanta gente que cuidava dos doentes? Podemos perguntar, se foi por amor ou foi por dever profissional. O que sabemos é que vimos gestos de amor, muita dedicação, muito altruísmo. Muitos, enraizados na fé; outros, talvez sem fé, mas praticantes do amor, os cristãos anónimos de que fala Karl Rahner.

Durante a pandemia, foi noticiado o exemplo de um sacerdote italiano, Giuseppe Berardelli, que morreu devido à Covid 19.⁶⁷ No hospital recusou o ventilador para que este fosse utilizado num jovem. Quanta gente fez o bem durante este tempo de crise! À suspeita daqueles que perguntavam «onde está o teu Deus?» (Sl 42,4), a resposta foi dada por muitas

⁶⁷Agência Ecclesia, consultado a 6 de junho de 2023, <https://agencia.ecclesia.pt/portal/covid-19-vaticano-records-padre-giuseppe-berardelli-que-queria-dar-a-sua-vida-pelos-mais-jovens/>.

peessoas. Deus estava naqueles que cuidavam e que ninguém deixavam para trás. Deus atua através das pessoas.

A caridade deve ser a marca dos cristãos no mundo. Isso está patente nas Encíclicas *Deus Caritas Est* e *Fratelli Tutti*, sem dúvida, porque vão beber ao Evangelho. Jesus disse aos Apóstolos que eles eram o sal da Terra e a luz do mundo, e pede-lhes que sejam luz que brilhe diante de todos para provocar a fé nos outros, e darem glória a Deus (Cf. Mt 5,13-19). Que luz é esta? S. João fala de luz ao referir-se a Deus: «Deus é luz e n'Ele não há trevas. Se dissermos que temos comunhão com Ele e andarmos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade. Mas, se andarmos na luz como Ele está na luz, estamos em comunhão uns com os outros e o Sangue de Jesus Cristo, seu Filho, purifica-nos de todo o pecado» (1 Jo 5-7). Se Deus é amor e se Deus é luz, então o amor de Deus é luz. Ainda o mesmo S. João diz que «o Verbo era a luz verdadeira que, vindo ao mundo, a todo o homem ilumina» (Jo 1,9) e que,

a luz veio ao mundo e os homens amaram mais a trevas do que a luz porque as suas obras eram más. Porque todo aquele que faz o mal odeia a luz e não se aproxima da luz, para não serem postas a descoberto as suas obras. Mas quem pratica a verdade, aproxima-se da luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, pois são feitas em Deus (Jo 3, 19-21).

S. João afirma que as boas obras refletem a luz de Deus e que, se andarmos na luz, é porque estamos em comunhão com os outros. A partir destes pressupostos, podemos concluir que a caridade une os Homens e faz entrar a luz de Deus no mundo. A vocação do Homem é, por natureza, relacional, à semelhança de Deus Trinitário.

O Compêndio da Doutrina Social da Igreja diz que

a revelação em Cristo do mistério de Deus como Amor Trinitário é também a revelação da vocação da pessoa humana para o amor. Tal revelação ilumina a dignidade e a liberdade pessoal do homem e da mulher, bem como a intrínseca sociabilidade humana em toda a profundidade.⁶⁸

Se a Pessoa, segundo o *Génesis*, foi criada à imagem de Deus, significa então que só se realiza na relação com o outro, à semelhança de Deus que é comunhão.

No seguimento da afirmação de João que a luz veio ao mundo, o Concílio Vaticano II afirma que Jesus é a luz dos povos: «A luz dos povos é Cristo: por isso este Sagrado Concílio, reunido no Espírito Santo, deseja ardentemente iluminar com a Sua luz, que resplandece no

⁶⁸CDSI, 34.

rosto da Igreja, todos os Homens, anunciando o Evangelho a toda a criatura» (LG, 1). E o Papa Bento XVI realça a importância da ação de Deus no meio dos Homens, que não falha:

Sem Deus, o ser humano não sabe para onde ir e não consegue sequer compreender quem seja. Perante os enormes problemas do desenvolvimento dos povos, que quase nos levam ao desânimo e à rendição, vem em nosso auxílio a palavra do Senhor Jesus Cristo que nos torna cientes deste dado fundamental: “Sem Mim nada podeis fazer” (Jo 15,5), e encoraja: Eu estarei convosco, até ao fim do mundo” (Mt 28,20). Diante da vastidão do trabalho a realizar, somos apoiados pela fé na presença de Deus junto daqueles que se unem em seu nome e trabalham pela justiça (CV, 78).

Como é que Deus fica connosco? Como podemos perceber a sua presença no dia a dia? O Papa Francisco explica como se dá esse processo:

o crente é transformado pelo Amor, ao qual se abriu na fé; e na sua abertura a este Amor que lhe é oferecido, a sua existência dilata-se para além dele próprio (Gl 2,20). [...] Na fé, o «eu» do crente » dilata-se para ser habitado por um Outro, para viver num Outro, e assim a sua vida amplia-se no Amor (LF, 21).

É no deixar-se habitar pelo Amor de Deus, que o cristão olha para o mundo com os olhos de Jesus (LF, 21).

A Encíclica *Deus Caritas Est* fala desta grande verdade, do Amor de Deus, da possibilidade de o vivermos e de o praticarmos «porque criados à imagem de Deus». Viver este amor é «deixar entrar a luz de Deus no mundo» (DCE, 39). A Encíclica *Fratelli Tutti* fala da fraternidade universal, da abertura a todos. A fraternidade é o reconhecimento de que todos os Homens são irmãos e, como tal, a urgência de atuar segundo essa verdade. Só com a integração de todos é que se dá a verdadeira fraternidade. Viver a fraternidade é viver no amor também; viver a fraternidade é viver «um amor que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço» (FT, 1).

Depois de termos refletido nas Encíclicas *Deus Caritas Est* e *Fratelli Tutti*, concluímos que a caridade tem este poder de unir os Homens e que, efetivamente, faz entrar a luz de Deus no mundo. O amor une os Homens. Podemos dizer que é uma linguagem universal. Todos entendem. O que significa então que as divisões, os rancores, os ódios e as guerras, são resultado da ausência do amor. Para o Cristianismo, o amor provém de Deus e «aquele que não ama, não conhece a Deus, porque Deus é amor» (1 Jo 4,8). Os primeiros cristãos deram testemunho desse amor vivendo a fraternidade, colocando os seus dons e bens ao serviço do

bem comum, sendo pão uns para os outros, lavando os pés dos outros, como Jesus pedira na Última Ceia.

Durante a leção da Unidade Letiva 3, *A partilha do pão*, refletimos sobre a Última Ceia. O foco foi o Lava-pés, a reflexão eucarística de João sobre o serviço⁶⁹. Os alunos, que mostraram conhecer a imagem do Jesus à mesa com os seus apóstolos, não estavam tão familiarizados com a imagem do Lava-pés. Pedagogicamente, foi fácil aos alunos entenderem a mensagem da Última-Ceia a partir do episódio do Lava-pés porque esta obriga a ação.

É precisamente na ação que a caridade se realiza. De seguida refletiremos esse aspeto. A caridade responde a necessidades objetivas, a interpelações várias, num mundo globalizado em que, apesar de todos os avanços tecnológicos, parece acentuar-se as desigualdades económicas. No entanto há o desejo do bem, muitos sinais do bem personificados em instituições sócio-caritativas da Igreja e em tantas pessoas. Veremos os exemplos de Padre Américo e de Madre Teresa de Calcutá.

⁶⁹Consultar a planificação da aula nº 9 que está no capítulo 3 deste Relatório. Para aceder aos materiais utilizados na aula, consultar o Portefólio, 194-201.

CAPÍTULO 2 – A CARIDADE COMO AÇÃO PELA QUAL SE EXERCE A JUSTIÇA E A MISERICÓRDIA

No primeiro capítulo deste relatório, a partir de uma reflexão mais teórica, tentámos perceber o significado e a abrangência da caridade, tendo como base as encíclicas *Deus Caritas Est* e *Fratelli Tutti*. A caridade apresenta-se como um imperativo, tanto no plano pessoal, como no plano comunitário. É um dever, pessoal e da Igreja.

No segundo capítulo, abordaremos a caridade na sua dimensão mais prática, como um efetivo exercício de justiça e de misericórdia, nunca como uma atitude sentimentalista, piedosa ou de comiseração pelo outro.

Esta dimensão prática da caridade está muito presente no Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada, o que se compreende tendo em conta a faixa etária dos alunos. Um exercício prático da caridade foi a realização da Campanha “Por trás da máscara”. Em plena pandemia Covid 19, ainda com a obrigação do uso das máscaras, esta campanha de recolha de alimentos a favor das famílias dos alunos mais carenciados, serviu de mote para a reflexão sobre a pobreza que é nossa vizinha, mas que não a vemos porque está escondida.

1. O mundo de hoje e algumas das suas interpelações

Em 1967, o Papa Paulo VI afirmou, na Encíclica *Populorum Progressio*, como «grito de angústia», que «o desenvolvimento do Homem não pode realizar-se sem o desenvolvimento solidário da humanidade» (PP, 43). Consequentemente, há o dever de os mais favorecidos trabalhar para uma verdadeira comunhão entre todos os povos:

As suas obrigações enraízam-se na fraternidade humana e sobrenatural, apresentando-se sob um tríptico aspeto: o do dever de solidariedade, ou seja, o auxílio que as nações ricas devem prestar aos países em via de desenvolvimento; o do dever de justiça social, isto é, a retificação das relações comerciais defeituosas, entre povos fortes e povos fracos; o do dever da caridade universal, quer dizer, a promoção, para todos, de um mundo mais humano em que todos tenham qualquer coisa a dar e a receber, sem que o progresso de uns seja obstáculo ao desenvolvimento dos outros. O futuro da civilização mundial está dependente da solução deste grave problema (PP, 44).

1.1. As questões sociais gritantes no meio da fragilidade

Que podemos dizer hoje sobre o desenvolvimento da Humanidade? Passaram cinquenta e seis anos e parece que pouco se avançou. Pelo contrário, o mundo apresenta-se numa espécie de estado de emergência, em que decide drasticamente o seu futuro. As questões sociais não se resolverão por si, enquanto não forem resolvidos os problemas ligados à emergência climática. «Nunca maltratámos e ferimos a nossa casa comum como nos últimos dois séculos» (LS, 39). A juntar os gemidos da terra, temos de juntar os gemidos dos abandonados (Cf. LS, 39). As questões sociais não se resolverão por si, enquanto não se der a consolidação da democracia, de uma democracia autêntica, gravemente ameaçada em muitos países, enquanto a economia não for uma “economia que mata” (expressão usada muitas vezes pelo Papa Francisco), «onde vinte por cento da população mundial consomem recursos numa medida tal que roubam às nações pobres, e às gerações futuras, aquilo de que necessitam para sobreviver» (LS, 68). Não haverá um mundo justo enquanto persistirem as guerras, enquanto houver uma desigualdade gritante entre os países mais desenvolvidos e os países pobres. Caminhamos a passos largos para o abismo, caso não se resolvam estes e outros problemas. «Num período da história marcado por polarizações e oposições»⁷⁰ há tensões, cada vez maiores, entre o bom senso e o radicalismo, potenciados pelas redes sociais.

A isto, temos de juntar a questão das expectativas. A expectativa era de que todos estivessem melhor socialmente e economicamente, que evoluiríamos para um mundo melhor. A globalização, que tem trazido muitos benefícios na aproximação dos povos e outros, também tem gerado exclusão e pobreza. Estamos todos mais próximos, digitalmente e pelos meios audiovisuais, mas afastados humanamente, porque deixamos que o egoísmo e a indiferença triunfem. Na mensagem da Quaresma de 2015, o Papa Francisco toca nessa ferida: «...esta atitude egoísta de indiferença atingiu uma dimensão mundial tal que podemos falar de uma globalização da indiferença. Trata-se de um mal-estar que temos obrigação, como cristãos, de enfrentar».⁷¹

⁷⁰Papa Francisco, Mensagem para o 57º Dia Mundial das Comunicações Sociais, aceso a 7 de junho de 2023, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20230124-messaggio-comunicazioni-sociali.html>.

⁷¹Papa Francisco, Mensagem de Quaresma de 2015, consultado a 11 de junho de 2023, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/lent/documents/papa-francesco_20141004_messaggio-quaresima2015.html.

Quem melhor do que o próprio Papa Francisco para nos orientar na elaboração do retrato deste mundo? Recorremos à Encíclica *Fratelli Tutti* para descrever este horizonte. Logo no primeiro capítulo, o Papa Francisco fala das “sombras de um mundo fechado”, descrevendo algumas tendências do mundo atual.

É preciso ter como pano de fundo a questão das expectativas. O que se pensava há uns anos é que a humanidade iria avançar na senda do progresso e da paz, uma verdadeira paz universal que traria o bem estar para todos⁷². O Papa refere que isso era o que deveria ter sido retirado das experiências negativas de tantas guerras, sobretudo das duas Grandes Guerras, e de muitos outros fracassos. A verdade é que os sinais são de «regressão» (Cf. FT, 11). Num mundo em que «a tecnologia regista progressos contínuos» (FT, 31), aparecem de novo conflitos, renascem ideologias que pareciam estar moribundas, a economia global, a imposição de um modelo cultural único, a ditadura do mercado, uma política frágil subserviente dos poderes económicos transacionais. Muitos países, dependentes economicamente de outros bem sucedidos, acabam por ignorar a sua própria cultura, as suas raízes, tendo dificuldade em construir um projeto político que seja eficaz para os seus povos. É como se perdessem a sua autoestima, como refere o Papa (Cf. FT, 52).

Segundo o Papa, está-se num processo do fim da consciência histórica, a perda do sentido da história, em que se faz tábua rasa da história, construindo tudo a partir do zero, trazendo ao de cima «novas formas de colonização cultural» (Cf. FT, 13-14). É o que o Papa chama de «desconstrucionismo». Perante este vazio, como resultado da perda da consciência histórica, moral, espiritual e crítica, é fácil optar pela busca do consumo desenfreado. A humanidade fica nas mãos do *marketing* que gera uma sociedade de «controvérsia e contraposição» (FT, 15). O «nós» está gravemente afetado. Para os poderes económicos dá mais jeito uma opinião pública dividida, egoísta, que não defenda em massa o bem comum (Cf. FT, 17).

O Papa Francisco fala, como tantas vezes se referiu no seu ministério petrino, da cultura do descarte, salientando, sem nomear, a questão do aborto, da eutanásia e de outras formas subtis de rejeição como o isolamento dos idosos em estruturas que não são a família, sem o acompanhamento desta, a redução dos custos laborais que levam ao desemprego, o racismo, o aumento da riqueza sem a respetiva equidade e as «novas pobreza».

⁷²A isso se referia o Papa Paulo VI quando, no apelo final da *Populorum Progressio*, no nº 81, falava da «renovação da ordem temporal».

Depois de setenta anos da Declaração dos Direitos Humanos, ainda há uma parte muito grande da humanidade que vê os seus «direitos fundamentais ignorados ou violados» (FT, 22), sobretudo as mulheres. E que dizer da escravatura? O que parecia ser uma coisa do passado, da história, surgem novas formas de escravatura, potenciadas por redes criminosas que utilizam o digital para atrair jovens e adolescentes. E podemos juntar a tudo isto um mundo em que há uma série de guerras, atentados, perseguições religiosas e étnicas, causando o medo e a desconfiança. Tudo isto, como diz o Papa, é o oposto à fraternidade que devia estar na base de todas as relações. Há também um medo generalizado do desconhecido que leva, individualmente e coletivamente, à construção de muros, que não são só no sentido denotativo, muros porque não há o sentido da alteridade.

Vivemos num mundo globalizado, mas o progresso não segue um rumo comum. Como justificar os milhões de pessoas que morrem todos os anos à fome? Como explicar o comércio internacional das armas que programa muitas das guerras locais e que sustentam interesses políticos e económicos? Tudo isto pode levar a Humanidade a um estado de falta de esperança num mundo melhor. A desilusão leva ao isolamento. E, «o isolamento e o fechamento em nós mesmo ou nos próprios interesses nunca serão o caminho para voltar a dar esperança e realizar uma renovação, mas é a proximidade, a cultura do encontro. O isolamento, não; a proximidade, sim, cultura de confronto, não; cultura do encontro, sim» (FT, 30).

A pandemia Covid-19, como refere o Papa, veio mostrar que «ninguém se salva sozinho» e que «tudo está interligado». No entanto, parece que também aqui, como aconteceu com o passado, «rapidamente esquecemos as lições da história» (FT, 26). Continuam os problemas dos refugiados, refugiados da guerra, das perseguições políticas, das catástrofes naturais, do clima. E há gente a ganhar com isto, gente a defender o fechamento das fronteiras, e gente egoísta que não quer os refugiados e migrantes por perto. Aqueles que procuram uma vida melhor para as suas famílias, direito consagrado na DDH, acabam por encontrar muitas resistências por parte dos países acolhedores. O fenómeno da xenofobia continua a surgir, explorado para fins políticos.

Temos de juntar mais outro problema: os «traficantes sem escrúpulos, frequentemente ligados a cartéis da droga e das armas, que exploram a fragilidade dos imigrantes/emigrantes que, ao longo do seu percurso, muitas vezes encontram violência, tráfico de seres humanos, abuso psicológico e mesmo físico e tribulações indescritíveis» (FT, 38).

Há também outro fenómeno que o Papa chama de «ilusão da comunicação», ou seja, por um lado há o fechar-se aos outros, através da intolerância mas, por outro lado, renuncia-se

ao direito da intimidade na comunicação digital. «Tudo se torna numa espécie de espetáculo que pode ser espiado, observado, e a vida acaba exposta a um controlo constante». No digital há uma facilidade em desrespeitar o outro, invadindo-o «até ao mais recôndito da sua vida». Por esta via se explica o crescimento dos movimentos de ódio que abundam na net. Protegidos pelo anonimato de um computador, clicando um simples teclado, com a ilusão de liberdade, destila-se indignação e ódio. O Papa até diz que se isso acontecesse com tanta dimensão na vida concreta, «acabaríamos todos por nos destruir entre nós» (FT, 31). As amizades digitais são só isso: digitais. Perde-se a capacidade de investir nas verdadeiras amizades, que são físicas e que têm rosto. Como diz o Papa, «fazem falta gestos físicos, expressões do rosto, silêncios, linguagem corpórea e até o perfume, o tremor das mãos, o rubor, a transpiração, porque tudo isso fala e faz parte da comunicação humana» (FT, 43). O Homem é um ser de relação e só se realiza em relação, portanto, comunitariamente. A sua identidade dá-se na relação com os outros, a sua personalidade estrutura-se através de laços de pertença a uma comunidade, a um meio, a um tecido relacional, que é físico. A primeira experiência que o Homem faz de si mesmo é a sua corporeidade e é na relação com os outros que descobre a sua alteridade. Portanto, o Homem sem o outro é incompleto. Para o Cristianismo, o Homem foi criado «à imagem e semelhança de Deus». Se Deus é relação de amor, Deus Trindade, o Homem também só se realiza numa relação de amor, que é concretizada no contacto físico com o outro. A tecnologia digital não consegue substituir-se a esta necessidade que o Homem comporta. A “prova dos nove” foi tirada no tempo da pandemia Covid 19. O digital desempenhou um papel muito importante na comunicação entre as pessoas, mas não conseguiu preencher o vazio provocado pela distância física.

No seguimento de agressividade que pulula no mundo digital, aparecem ideologias de todos os quadrantes a divulgar fanatismo, notícias falsas, a fomentar ódios e preconceitos. Tudo isto feito com a aparência da verdade e da sabedoria. No entanto, como afirma a *Fratelli Tutti*, «a verdadeira sabedoria pressupõe o encontro com a realidade» (FT, 47). Os fóruns digitais selecionam e são dirigidos. Pelo contrário, o encontro humano «é um paradigma de atitude recetiva, de quem supera o narcisismo e acolhe o outro, presta-lhe atenção, dá-lhe lugar no próprio círculo» (FT, 48). A sabedoria procura a verdade no diálogo, «não se fabrica com buscas impacientes na internet, nem é um somatório de informações cuja veracidade não está garantida» (FT, 50).

Estas interpelações feitas ao mundo de hoje, seguindo a reflexão do Papa Francisco na *Fratelli Tutti*, aparecem como «sombras de um mundo fechado» (Cf. FT, 9-12). Mas,

evidentemente, conforme a perspectiva, pode ser apresentado ainda com tintas mais escuras se nos detivermos nos números. Por outro lado, também há razões de otimismo, porque também há muitos sinais de luz, muita gente e organizações a promoverem a cultura da proximidade. É por isso que o Papa Francisco termina o capítulo apelando à esperança, porque «Deus continua a espalhar sementes de bem na Humanidade» (FT, 54), referindo o exemplo de tanta gente que trabalhou no cuidado dos outros durante a pandemia Covid-19, desde os médicos aos empregados dos supermercados, passando pelas muitas instituições de solidariedade social, cristãs e outras, que não desistiram de acompanhar os mais frágeis. Todas estas pessoas e instituições foram Cireneus, Verónicas e Bons Samaritanos. As organizações sócio-caritativas são efetivamente, como disse o Papa Francisco, «sementes de bem» que Deus espalha na Humanidade. Fundadas por crentes ou não crentes, tenham ou não consciência de que o amor provém de Deus, são sempre veículos deste amor na atenção aos mais fragilizados. Impedem que alguém fique para trás, porque as pessoas só se realizam no encontro, no amor, não na solidão que leva ao desespero, à vida sem sentido.

1.2. Sinais de espiritualidade da sociedade dos nossos tempos

Ao partir para a reflexão sobre este ponto, convém primeiro ter presente o que entendemos por religião e espiritualidade, como pano de fundo para se entender as questões que aqui se levantam. É frequente a confusão entre os dois termos. Quando se fala de religião, referimo-nos a uma manifestação de fé a um deus ou vários deuses, uma ligação entre a imanência e a transcendência integrada numa comunidade de crentes, com um culto próprio, rituais, uma moral, uma espiritualidade e doutrina comuns. Quando se fala de espiritualidade, referimo-nos a um processo mais individual de busca do sentido da vida, que não tem de ser integrado numa comunidade com o suporte de uma religião, que procura a transcendência sem necessariamente a referência a um deus ou deuses. A religião tem sempre consigo uma espiritualidade; a espiritualidade não tem de ter necessariamente o apoio de uma religião.

O Papa João Paulo II referiu-se à diminuição da dimensão espiritual no nosso tempo várias vezes, e uma das razões parece ser evidente:

A nossa civilização, sobretudo desde há um século, contribuiu mais do que nunca para o desenvolvimento dos bens materiais. Criou também uma série de comportamentos nos quais a sensibilidade à dimensão espiritual da existência regrediu. Isto por causa de certas ideias que apresentam o sentido da vida humana

sujeito, de forma prevalecente, aos múltiplos condicionamentos materiais e económicos: exigências da produção, do mercado, do consumo, acumulações de riquezas, ou da burocratização.⁷³

Walter Kasper, a propósito das obras de misericórdia espirituais, fala de quatro tipos de pobreza: a pobreza física, a pobreza cultural, a relacional e a espiritual ou anímica. Sobre a pobreza espiritual nas sociedades ocidentais afirma que constitui um grave problema: «desorientação; vazio interior; desconsolo e falta de esperança; desespero no que se refere ao sentido da própria existência; confusão moral e espiritual, até chegar ao abandono da alma».⁷⁴

A diminuição da dimensão espiritual de que fala João Paulo II, e do vazio espiritual, referido por Walter Kasper nas sociedades ocidentais, não é alheia ao fenómeno da secularização.⁷⁵ Por todo o ocidente, é evidente o processo galopante da secularização, limitando o impacto que a religião tinha na vida social. Eduardo Duque diz que

a sociedade moderna não só questionou todas as estruturas de sentido, como também gerou uma metamorfose sociomoral, ao propor a recomposição do sentido moral das sociedades tradicionais num sistema de sentidos socialmente diferenciados, afirmados em comportamentos, formas e valores capazes de compor um verdadeiro pluralismo religioso que se pode manifestar em duas distintas dimensões.⁷⁶

Segundo o mesmo autor, as duas dimensões seriam a «individualização das crenças e práticas morais» e o «descrédito crescente das instituições».⁷⁷ No caso da primeira dimensão, muitos autores falam da privatização da religião; a respeito da segunda dimensão, a verdade é que a linguagem das instituições passou a ser entendida como anacrónica, não reformulando a forma de comunicar e, até, não fazendo uma atualização do conteúdo, o que os italianos chamam de “aggiornamento”, palavra-chave que o Papa João XXIII usou como objetivo para a realização do Concílio Vaticano II.

A religião oficial, que até à modernidade tinha exercido uma influência enorme nos costumes, na moral, na hierarquização dos princípios, numa certa estabilidade da vida social, dando sentido à sociedade como um todo, cimentado numa crença coletiva, entra agora num processo de dissolução. O individualismo emergente fragiliza a religião instituída e outras

⁷³Papa João Paulo II, *As reflexões para o ano 2000*, (Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1994), 192.

⁷⁴Kasper, *A misericórdia: Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, 177.

⁷⁵Dimensão espiritual, tal como era entendida, ligada à religião oficial.

⁷⁶Eduardo Duque, *Mudanças Culturais, mudanças religiosas: perfis e tendências da religiosidade em Portugal numa perspetiva comparada* (Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2014), 13.

⁷⁷Duque, *Mudanças Culturais*, 13.

religiões e espiritualidades começam a ocupar o seu lugar. Surge a tendência para cada um compor a sua religião, à sua maneira, cada vez mais desligada de uma instituição, muitas vezes ficando-se por uma espiritualidade muito difusa, em torno dos valores de cada um. Num passado recente também se ouvia muitas pessoas dizer “eu cá tenho a minha fé!” mas, não se distanciavam totalmente da religião institucional. Era comum, por exemplo, em muitas aldeias e vilas portuguesas, os homens ficarem no adro da igreja à conversa, enquanto as mulheres participavam na Missa dominical. À maneira deles, isto constituía um ato religioso. Podemos dizer que o adro é o lugar do encontro com os outros, na presença de Deus, ritual repetido semanalmente.

As gerações mais novas são herdeiras desta transformação que se foi operando nas últimas décadas. Segundo Maria Wilton, citando o Professor Alfredo Teixeira,⁷⁸ podemos dizer que, em termos globais, as novas gerações tendem a apresentar indicadores de pertença religiosa ainda mais fragilizados do que as gerações anteriores. Mesmo quando muitos deles tiveram uma iniciação religiosa, até uma trajetória religiosa mais prolongada, essa trajetória de socialização religiosa tem muitas dificuldades em articular-se com a sua inscrição na vida de jovem adulto. Porquê? Pela incerteza no futuro e pela vida do dia a dia que não é consentânea com os modelos de integração religiosa recebidos. Por outro lado, há cada vez mais um número crescente de crianças e adolescentes que já não conhece qualquer processo de socialização religiosa primária, desde o conhecimento dos ritos à pertença a uma vivência comunitária. Há cada vez mais uma ampla iliteracia religiosa. Já não se trata de fé e de crença. É mesmo iliteracia que leva os jovens a não serem capazes de reconhecer a religião como algo que pertence à cultura. Mas isto não é o mesmo que dizer que os jovens não têm fé.

Todavia, o facto de cada vez mais os jovens não se identificarem com um determinada confissão religiosa não quer dizer ausência de fé, nem de espiritualidade. Do que se trata é duma cada vez maior separação da fé individual, da fé vivida em comunidade, instituída. Ou seja, procuram outros adros de igrejas para encontrar o sentido da sua vida.

É notório, no Ocidente, o crescimento do número dos jovens, e não só, que confessam não ter fé, fé entendida como crença em algo superior de que tudo provém e para que o mesmo volta. Nas respostas aos vários estudos que têm sido feitos sobre esta matéria, fica demonstrado isso. No entanto, apesar da descida dos que declaram não ter fé, relativamente a

⁷⁸Cf. Maria Wilton, «*Os jovens e a religião*», Jornal digital 7margens, consultado a 14 de junho de 2023, <https://setemargens.com/os-jovens-e-a-religiao-crentes-a-sua-maneira/>.

outras décadas, o que se constata é que a queda não é vertiginosa ao contrário do que se poderia esperar. O que mudou mesmo é o sentido abrangente do conceito de fé. O significado de fé passou a preencher um espectro muito largo, que vai de uma fé vivida numa comunidade religiosa até à fé individualista, “à la carte”, um pouco à maneira de Jean-Jacques Rousseau, passando por espiritualidades completamente desencarnadas de uma religião, e são muitas as que existem hoje.

Como diz Henrique Miret Magdalena, o conceito de “sagrado” mudou. Do contexto religioso passou também para os campos do «trabalho científico, artístico, literário, ético, social profano e social religioso».⁷⁹ Assim, o ter fé tem também novos significados. Porque é que isto aconteceu? Porque a religião oficial perdeu terreno e porque outras religiões, seitas, filosofias, movimentos esotéricos, sobretudo de inspiração orientalista, e tantas outras “ofertas”, foram ocupando o vazio. E como se explica isso? Por culpa da religião instituída ou por outra razão? O sociólogo Andrés Canteras Murillo, diz que, apesar de tudo, nesta nova reconfiguração do crer, não podemos atribuir a culpa a um certo desencanto dos crentes nas crenças institucionais, nos dogmas religiosos, nem, simplesmente, à procura de novas alternativas à fé. Segundo o autor, seria demasiado simplicista dizer-se que se passa de um modelo de religiosidade institucional para um que não dependa de uma instituição⁸⁰. Andrés Murillo realça, como Enrique Magdalena, a mudança do significado do sagrado:

O que está na origem desta reconfiguração do crer, mais do que o religioso, é a progressiva mudança do sentido do sagrado: uma noção de transcendência, que separa o divino e o humano, para a noção de imanência que junta estas duas realidades no mesmo plano, um todo integrado. Assim, a sacralidade contingente é construída mais a partir da razão do que da fé nas grandes configurações de sentido religioso.⁸¹

Durante séculos, o discurso religioso explicou muitos mistérios da vida. A dado momento, o espírito científico colocou-se no terreno e, num caminho cheio de tensões com a própria religião, acabou por dar resposta a imensas perguntas. Se pensarmos no processo de Galileu, foi isso que aconteceu. Afinal a Terra é que girava à volta do sol. Aos poucos a ciência foi fazendo o seu caminho, com a sua própria linguagem, método e abertura a diversas ideias, e a religião acabou por centrar-se naquilo que era a sua especificidade. O

⁷⁹E. Miret Magdalena, «Hacia un nuevo sentido de lo sagrado, y la crisis religiosa de la juventud», *Revista de Estudios de Juventud*, nº 53 (2001), 73.

⁸⁰Cf. Andrés Canteras Murillo, «Los nuevos modos de los jóvenes: una interpretación sociológica», *Revista de Estudios de Juventud*, nº 53 (2001).

⁸¹Cf. Murillo, « Los nuevos modos de los jóvenes: una interpretación sociológica», 11.

conhecimento científico experimental trouxe grandes mudanças para a reflexão humana, por conseguinte, também para a reflexão religiosa. Basta, por exemplo, olharmos para a história da hermenêutica bíblica, para percebermos como a arqueologia foi importante para o seu progresso.

Já não estamos no tempo das grandes disputas ideológicas entre a fé e o ateísmo. Andrés Murillo diz que as pessoas têm necessidade da sacralidade, «uma necessidade pessoal de conhecer acerca do sobrenatural», mesmo que procurada fora da religião convencional. O campo de busca é vasto: ciência, culturas minoritárias, tradições religiosas diversas e esoterismos.

Muito relevante é mesmo a diferença entre estas duas formas de construir o mundo: as sociedades tradicionais e as sociedades modernas. As primeiras encaravam os medos e todas as dúvidas através da «sacralização do insolúvel»⁸². As sociedades modernas ultrapassam os medos e as incertezas «a partir do próprio entendimento, de uma elaboração pessoal, enquanto pode ser racionalizada, a partir da autoexploração do eu, da autoconsciência»⁸³. Nesta situação a razão impõe-se à fé, não eclipsando o mistério.

Perante a incerteza, não é de estranhar a procura dos conhecimentos científicos, filosofias alternativas, tudo o que seja literatura de autoajuda, a atração pela astrologia, por tudo o que seja esotérico, etc. É a isto que Andrés Murillo chama de «sacralidade contingente», sujeita, é claro, a «assaltos à racionalidade» e a «perigosos oportunismos»⁸⁴.

É curioso ver nas culturas juvenis mais periféricas, suburbanas, a quantidade de elementos sagrados que usam como adorno, desde as simples cruces aos terços pendurados ao pescoço. Encontramos o mesmo na música rap e nos grafitti. No trabalho realizado, durante vários anos, com crianças e adolescentes de bairros sociais, maioritariamente de população proveniente de países africanos, constatamos que a maioria não tinha tido formação básica religiosa. No entanto, ninguém dizia que não acreditava em Deus. Pelo contrário, tinham um grande respeito pelo sagrado, ainda que vivido à sua maneira, muitas vezes resultado de um sincretismo religioso.

A questão que se coloca hoje sobre o crer acentua cada vez mais a diferença entre a espiritualidade e a religiosidade. E bem, a favor de uma linguagem mais esclarecedora. Talvez

⁸²Murillo, «Los nuevos modos de los jóvenes: una interpretación sociológica»,12.

⁸³Murillo, «Los nuevos modos de los jóvenes: una interpretación sociológica»,12.

⁸⁴Murillo, «Los nuevos modos de los jóvenes: una interpretación sociológica»,12.

nunca como hoje se falou tanto de espiritualidade. E cada vez mais separada da religião. De facto, há espiritualidade sem religião mas, não há religião sem espiritualidade.

Muitas vezes a espiritualidade é confundida com o conceito de religiosidade, pois, tradicionalmente, a espiritualidade estava integrada na religião. Segundo Roque Antunes,

a espiritualidade possibilita a reflexão sobre si próprio, sobre a existência, sobre o mundo, procurando tecer um sentido para a vida da pessoa, na trama das vivências e no circunstancialismo histórico-psicocultural da sua existência. A religiosidade, por sua vez, busca esse sentido inserido num corpus dogmático estabelecido por uma religião específica.⁸⁵

No entanto, é evidente a correlação entre os dois conceitos. Para Teresa Messias, o espiritual e o religioso não terminaram, apenas estão a sofrer mudanças. Deus continua presente no mundo de hoje, mas em outros locais, para além dos templos e santuários:

Não é Deus que desaparece da sociedade nem é o mistério profundo do homem e do mundo que se ausenta da experiência humana. Antes se altera e amplia o quadro de referência em que é feita a busca de sentido, a crença, a descoberta de Deus, a prática e experiência espiritual e/ou religiosa. Juntamente com esta abertura a uma noção ampla de espiritualidade e busca de Deus, percebido como acessível também nas realidades mundanas e conhecimentos humanos, possível de ser encontrado e experimentado também na corporalidade e emotividade humana e não só ao nível da razão, de conteúdos do crer afirmados, do rito normativizado, tem lugar um ressurgimento da importância da “espiritualidade” ou “espiritualidades”, noção que ganha neste contexto cultural uma polissemia e plasticidade que o tornam ambíguo e difícil de definir.⁸⁶

Num artigo de Christoph Hartmann, publicado no site do Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura, diz-se que, em 2018, houve uma sondagem na Alemanha que teve o seguinte resultado: 52% das pessoas inquiridas acreditam em Deus, mas só 22% se declara religioso, enquanto o dobro se define simplesmente “crente”.⁸⁷ O artigo anda à volta da ideia de que a espiritualidade vai ganhando terreno no meio da juventude, em detrimento da

⁸⁵Roque Antunes, *Fundamentos para a formação dos educadores no século XXI: liderança pedagógica, bem-estar docente e inteligência espiritual*. (V.N.Gaia: Fundação Manuel Leão, 2019), 75.

⁸⁶Teresa Messias, «*Espiritualidade Cristã e Identidade Crente nas Culturas Juvenis*», *Communio* 29, n. 1 (2012): 117-118.

⁸⁷Christoph Hartmann, «Espiritual sim, religioso não», acedido a 30 de junho de 2023, <https://www.snpcultura.org/espiritual-sim-religioso-nao-tendencia-continua-a-crescer-sobretudo-nos-jovens.html>.

religiosidade. É uma tendência crescente, não só nos jovens mas, sobretudo entre os jovens. Diz que cada vez mais há gente com interesses espirituais, mas não se declara religiosa. Vive a sua espiritualidade desligada de uma instituição. Acontece também mais nos jovens. Nestes, a religião tem cada vez menos influência nas suas vidas. No mesmo artigo, é referido o sociólogo das religiões, Detlef Pollack, que afirma, a propósito de outros estudos, feitos também na Alemanha, que 6% a 13% das pessoas dizem-se “espirituais” e não “religiosas”. Não sendo «um fenómeno de massa», e ainda sendo uma minoria, vai crescendo sobretudo entre os mais novos.

O mesmo artigo salienta a forma como se olha para a religião. As pessoas querem sentir-se livres, poderem fazer as suas escolhas de crença, aproveitando o «mercado» que existe, sobretudo as tendências do oriente, o budismo, as várias propostas de meditação, o ioga, etc. Neste quadro, não deixa de ser verdade que o ambiente que se vive, o da liberdade individual, levada ao extremo, desemboca no subjetivismo.

Assim, é difícil, muitas vezes, perceber a fronteira entre a religiosidade e a espiritualidade, como vivências. Se por um lado, muita gente se afirma como sendo só espiritual, continua, por outro lado, a aceitar os valores religiosos para os seus filhos. Era interessante perceber, em números, a inscrição crente dos pais dos alunos que frequentam os colégios católicos, ou mesmo a catequese nas nossas paróquias. O que queremos dizer com isto? Que, apesar de a religião ter perdido um lugar de destaque nas sociedades ocidentais, a religião ainda é vista como um depósito de valores, sem dúvida. É bem verdade que “quem acredita, põe-se a caminho e que quem se põe a caminho acredita”. Não será o caminho da religiosidade e da espiritualidade?

Quantas vezes não confundimos o vazio espiritual com a pouca “prática religiosa”, com a adesão, cada vez menor, das pessoas a uma religião oficial? O sentimento espiritual e religioso não se estará a manifestar de outra forma? Não haverá uma diferente procura de sentido? Como diz Eduardo Duque,

nas últimas décadas, ocorreram muitas transformações socioculturais marcadas essencialmente, pela passagem de uma sociedade tradicional para uma sociedade moderna e globalizada, em que se desenvolveu uma nova forma de pensar, um novo paradigma, caracterizado por uma vivência, de certa forma, mais individualista.⁸⁸

⁸⁸Eduardo Duque, *Mudanças Culturais, mudanças religiosas: perfis e tendências da religiosidade em Portugal numa perspetiva comparada* (Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2014), 13.

Há sessenta e dois anos, aquando da convocação do Concílio Vaticano II, o Papa João XXIII afirmou que «a sociedade moderna se caracteriza por um grande progresso material a que não corresponde igual progresso no campo moral» (HS, 3), mas que, e isto é muito importante, depois das duas grandes guerras e do mal provocado por algumas ideologias,

o progresso científico, que deu ao homem a possibilidade de criar instrumentos catastróficos para a sua destruição, fez com que se levantassem interrogações angustiosas: obrigou os seres humanos a se tornarem mais ponderados, mais conscientes dos próprios limites, mais desejosos de paz, atentos à importância dos valores do espírito; acelerou o processo de mais estreita colaboração e mútua integração entre os indivíduos, classes e nações, à qual, embora entre mil incertezas, parece já encaminhada a família humana. (HS, 4).

Na Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *Christus Vivit*, aos jovens e a todo o Povo de Deus, de 2019; o Papa Francisco diz que

o Sínodo (Sínodo dos Bispos de 2018 sobre os jovens) reconheceu que, «embora sob forma diferente relativamente às gerações passadas, o compromisso social é um traço característico dos jovens de hoje. Ao lado de alguns indiferentes, há muitos outros disponíveis para se comprometerem em iniciativas de voluntariado, cidadania ativa e solidariedade social, o que é preciso acompanhar e encorajar para fazer surgir os talentos, as competências e a criatividade dos jovens e estimular a assunção de responsabilidades por parte deles. O empenho social e o contacto direto com os pobres continuam a ser uma oportunidade fundamental para descobrir ou aprofundar a fé e para discernir a própria vocação. (...) Assinalou-se também a disponibilidade a se empenhar em campo político para a construção do bem comum» (CV, 170).

Parece-nos claro que há muitos sinais de espiritualidade no nosso tempo. Provavelmente as gerações mais velhas não conseguem descodificar muitos desses sinais. Na senda do que afirmou o Papa Francisco sobre os jovens na *Christus Vivit*, não estaremos a viver uma nova espiritualidade, a espiritualidade do serviço?

Constatamos que o tema do serviço, enunciado de outras formas, está muito presente nas nossas escolas. Como exemplo, os Planos de Atividade contemplam frequentemente campanhas de solidariedade e ações de voluntariado. Está no ADN da disciplina de EMRC a iniciativa e a participação nestas atividades. Os alunos aderem, contrariando uma certa ideia de que as gerações mais novas são egoístas.

É papel da disciplina de EMRC ajudar os alunos, crentes ou não crentes, a cultivar a partilha, a atenção ao outro, o cuidado do mais frágil, a ser bondosos, a ser “pão para os outros”, a construir uma comunidade escolar em que todos se sintam acolhidos.

2. Estruturas e ações de caridade ao serviço do mundo

A espiritualidade do serviço de que fala o Papa Francisco esteve sempre presente na Igreja, desde as primeiras comunidades ao dias de hoje. Ao longo dos tempos, estruturas e ações de amor foram concretizando o Evangelho do amor ao próximo.

2.1. Estruturas da Igreja

Na Carta Encíclica Deus Caritas Est, o Papa Bento XVI afirma que

a natureza íntima da Igreja exprime-se num tríplice dever: anúncio da Palavra de Deus (kerygma-martyria), celebração dos Sacramentos (leiturgia), serviço da caridade (diakonia). São deveres que se reclamam mutuamente, não podendo um ser separado dos outros. Para a Igreja a caridade não é uma espécie de atividade de assistência social que se poderia mesmo deixar a outros, mas pertence à sua natureza, é expressão irrenunciável da sua própria essência (DCE, 25).

O serviço da caridade é uma dimensão constitutiva da missão da Igreja e expressão irrenunciável da sua própria essência. E, para além das organizações caritativas da Igreja, todos os cristãos leigos têm o direito e o dever de se empenharem pessoalmente por viver o mandamento novo que Cristo deixou (Cf. Jo 15,12), quer seja individualmente, quer seja em termos associativos, têm o «dever imediato de trabalhar por uma ordem justa na sociedade» (DCE, 29). Portanto, a Igreja é chamada à prática da “diakonia” da caridade, tanto a nível comunitário, como a nível particular, desde as comunidades locais, passando pelas igrejas particulares, até à Igreja universal.

Ao longo dos séculos, como resultado da missão da caridade, foram aparecendo estruturas sócio-caritativas na Igreja, umas mais locais outras de carácter universal, umas de iniciativa das dioceses, muitas ligadas a Ordens e Institutos Religiosos e outras de iniciativa laical.

2.1.1. Sociais

Algumas das estruturas sociais mais visíveis da Igreja, são, no caso português, os Centros Sociais Paroquiais (CSP). Como o próprio nome indica, são instituições de cariz social e com ligação à Paróquia onde estão implementadas, sendo o pároco, por inerência, presidente da Direção. Entre outras valências, podem ter Creche, Infantário, Centro de ATL's, Centro de Estudos, Centro de Dia para idosos e Lar de Terceira Idade. Estas valências de intervenção têm a ver, em princípio, com necessidades sentidas nas zonas geográficas onde se situam, e que careciam de uma resposta social. Juridicamente, têm o estatuto de IPSS'S (Instituições Particulares de Solidariedade Social) e dependem em grande medida, financeiramente, do Estado. Por causa dessa dependência estatal, muitas vezes os paroquianos acabam por não sentir como sua a Instituição.

Os Centros Sociais Paroquiais regem-se por um Regulamento Interno e têm uma Carta de Princípios onde estão os fundamentos e as razões para a sua existência, nomeadamente os princípios evangélicos e a Doutrina Social da Igreja.

Constituídos por profissionais de diversas áreas e com diversas funções, desde técnicos de serviço social ao pessoal da limpeza, educadores, psicólogos, técnicos de geriatria, etc., os CSP funcionam tal como as outras IPSS, não se diferenciando muitas vezes destas últimas no que diz respeito ao seu modo de agir.⁸⁹ Por um lado, talvez por se regerem pelas mesmas regras, impostas pela Instituto da Segurança Social; por outro, é evidente que não se pode esperar que um Centro desta natureza não funcione com previsibilidade, com organização, com intervenção técnico-profissional, com regras bem claras, com hierarquização de funções, o que impede a gestão com base na urgência social, tantas vezes ligada a um falso conceito de caridade, o assistencialismo.

Podem os CSP na relação com os outros marcar a diferença? Felizmente que isso acontece em muitas situações. Quando uma instituição se rege por um padrão cristão, a sua ação é diferenciadora pois traz em si a marca da caridade.

Outra estrutura caritativa da Igreja é a Cáritas Internacional. É uma confederação composta por várias entidades sócio-caritativas, de mais de duzentos países, que se rege pela Doutrina Social da Igreja. A sua missão é coordenar a ação sociocaritativa da Igreja em todo o mundo, ajudando a reduzir a pobreza no mundo, servindo os pobres, defendendo as suas

⁸⁹Cf. Alfredo Teixeira, «Os mundos sociais da ação sócio-caritativa», *Communio*, nº 2 (2009): 218.

causas e atuando nas grandes calamidades naturais e nas guerras. Como disse o Papa Francisco, aquando do 70º aniversário da instituição, «a Cáritas é, em todo o mundo, a mão amorosa da Igreja para os pobres e os mais vulneráveis, nos quais está presente Cristo».⁹⁰ E, no Decreto relativo à Cáritas Internacional, de 21 de Novembro de 2022, O Papa Francisco diz que

a Cáritas Internacional auxilia o Sumo Pontífice e os Bispos no exercício do seu ministério aos mais pobres e necessitados, participando na gestão de emergências humanitárias e colaborando na difusão da caridade e da justiça no mundo à luz do Evangelho e dos ensinamentos da Igreja Católica.⁹¹

Integrada na Cáritas Internacional, existe a Rede Cáritas em Portugal. É constituída por uma rede de vinte Cáritas diocesanas, e por muitos grupos locais que atuam em proximidade, nas paróquias e comunidades. Este trabalho em rede dá capacidade à instituição «de ter olhos e ouvidos em todo o território nacional».⁹² Constitui-se como «serviço para a animação da ação social da Igreja em Portugal».⁹³ Cada Cáritas diocesana tem especificidades próprias, tendo autonomia jurídica e canónica, mas sempre em conformidade com o Plano Estratégico da Cáritas Portuguesa, plano consensualizado por todas e aprovado pela Comissão Episcopal da Pastoral Social e Mobilidade Humana, com a duração de um triénio.⁹⁴ Todas as Cáritas, apesar das suas especificidades, regem-se por valores comuns: a centralidade da pessoa humana, a misericórdia, a igualdade de oportunidades, a opção pelos pobres, o cuidado da Criação, o destino universal dos bens da Terra, a solidariedade, a subsidiariedade, a cooperação e a comunhão fraterna.

De entre as muitas atividades que a Cáritas Portuguesa realiza ao longo do ano, lembramos duas que têm uma grande visibilidade: a Semana Nacional Cáritas e a Campanha “10 milhões de estrelas - um gesto pela paz”.

A Semana Nacional Cáritas realiza-se sempre na semana que antecede o Dia Nacional Cáritas, no 3º domingo da Quaresma. É uma semana dedicada à reflexão e propostas

⁹⁰Papa Francisco, 70 anos da Caritas Internacional, acedido a 1 de julho de 2022, <https://agencia.ecclesia.pt/portal/vaticano-papa-assinala-70-anos-da-caritas-internacional-elogiando-acao-junto-dos-pobres-e-mais-vulneraveis/>.

⁹¹Papa Francisco, Decreto sobre a Cáritas Internacional, acedido a 1 de julho de 2022, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/20221121-decreto-caritas-internationalis.html.

⁹²Cf. Cáritas Portuguesa, acedido a 2 de julho de 2023, <https://caritas.pt/>.

⁹³Cf. Cáritas Portuguesa, acedido a 2 de julho de 2023, <https://caritas.pt/>.

⁹⁴Plano de atividades e orçamento da Cáritas Portugal, acedido a 2 de julho de 2023, <https://caritas.pt/wp-content/uploads/2023/01/Documento-Plano-de-Atividades-2023-web.pdf>.

concretas sobre o combate à pobreza e exclusão social. De realçar o Peditório Público Nacional em que participam milhares de voluntários.

A Campanha “10 milhões de estrelas - um gesto pela paz”, propõe anualmente a compra de uma “vela-estrela”, sensibilizando todos para os valores da paz, tão associados ao Natal. Esta campanha decorre durante os tempo de Advento e Natal. Esta atividade tem uma enorme visibilidade pois realiza-se, entre outros espaços, nas grandes superfícies comerciais, nomeadamente nos supermercados.⁹⁵

Muitas instituições poderia destacar neste número. São tantas que seria impossível aqui enumerá-las. Mas gostaria de destacar mais uma, a Comunidade Vida e Paz. É uma instituição da Igreja, uma vez que é tutelada pelo Patriarca de Lisboa, e está relacionada com os mais frágeis, os sem-abrigo. A sua missão é «ir ao encontro e acolher pessoas em condições de sem-abrigo, ou em situação de vulnerabilidade social, ajudando-as a recuperar a sua dignidade e a (re)construir o seu projeto de vida, através de uma ação integrada de prevenção, reabilitação e reinserção».⁹⁶ Inspira-se também na Doutrina Social da Igreja e orienta-se pelos princípios do Evangelho: esperança, comunidade, equidade, solidariedade, verdade, compromisso, tolerância, espiritualidade, compaixão e gratidão.⁹⁷

Como tantas instituições, a Comunidade Vida e Paz começou, em 1988, a partir de um grupo de católicos que se sentiram interpelados a fazer alguma coisa pela situação dos sem-abrigo que existiam na cidade de Lisboa. Apoiados por uma religiosa, as primeiras intervenções com esta população alvo foram no Jardim do Campo Mártires da Pátria. Hoje é uma instituição que tem equipas de rua, apartamentos de reinserção, espaços de acompanhamento, espaços para intervenção terapêutica para pessoas com problemáticas aditivas, entre outros serviços. Como diz o lema da Comunidade Vida e Paz, “reconstruindo sentidos de vida”. Esta é a sua missão. Como se faz? Segundo o artigo 3º dos seus Estatutos, prestando

a assistência espiritual e material de que necessitem de modo a desenvolver nelas consciência da sua dignidade, o desejo de mudança de vida e a capacidade da realização pessoal, proporcionando-lhes uma experiência de vida comunitária equilibradora, programas apropriados de tratamento, recuperação e reabilitação nas áreas da saúde física e mental, e ainda uma capacitação profissional, tudo com vista

⁹⁵Cáritas, O que fazemos, acedido a 4 de julho de 2023, <https://caritas.pt/>.

⁹⁶Comunidade Vida e Paz, acedido a 4 de julho de 2023, <https://www.cvidaepaz.pt/>.

⁹⁷Cf. Comunidade Vida e Paz, acedido a 4 de julho de 2023, <https://www.cvidaepaz.pt/>.

a uma adequada reabilitação psicossocial em ordem a uma plena autonomia e reinserção na sociedade».⁹⁸

2.1.2. Ordens e Congregações Religiosas

A vida monástica, a vida regular ou também denominada tecnicamente vida religiosa ou vida consagrada na Igreja Católica, constitui uma das formas de vivência cristã radical que se afirmou no fim do período da Igreja Antiga com uma pujança extraordinária e com expressões múltiplas.⁹⁹

Dessas múltiplas expressões, interessa-nos falar da caridade. Santo Antão, considerado o fundador da experiência monástica cristã, começou, antes de tudo, por partilhar a sua herança pelos pobres, o que era comum acontecer entre os eremitas. E, mesmo vivendo uma vida de solidão no deserto, Santo Antão não deixou de ajudar muitos cristãos, quando chamado a isso. Ao eremitismo, devemos juntar o movimento dos cenobitas que já era uma experiência de vivência comunitária, onde se fazia realmente a partilha do pão, a partilha da vida. É no contexto da vida cenobítica que aparece S. Bento, o fundador do monaquismo cristão organizado no Ocidente, que vai servir de inspiração a diversas formas de vida religiosa. Na Regra de S. Bento aparece a questão da caridade que, entre outras recomendações, diz que “todos os hóspedes que se apresentam no mosteiro sejam recebidos como se fosse o próprio Cristo”.¹⁰⁰

S. Basílio, bispo de Cesareia, no séc. IV, ainda antes da ação de S. Bento, tinha tido uma grande preocupação pelos mais necessitados. É dele a Basilíade, um importante hospício construído para os pobres, como corolário lógico do que pensava ser uma das competências fundamentais da comunidade cristã.¹⁰¹ Para Basílio, aquela obra era expressão concreta da Igreja que tinha de ser hospitaleira para com os pobres, sinal da inseparabilidade do duplo mandamento do amor e, ao mesmo tempo, denúncia acerca da acumulação de riquezas nas mãos de poucos.

⁹⁸Comunidade Vida e Paz, Estatutos, acedidos a 5 de julho de 2023, <https://www.cvidaepaz.pt/wp-content/uploads/2023/03/Estatutos-2023.pdf>.

⁹⁹José Eduardo Franco (Dir.), *O esplendor da austeridade*, ed. Imprensa Nacional Casa da Moeda (Lisboa: 2011), 14.

¹⁰⁰Cf. Franco, *O esplendor da austeridade*, (Lisboa: 2011), 100.

¹⁰¹Giuseppe Laiti, «São Basílio e a Prática da Caridade», *Communio*, 2 (2009): 157-164.

Muitos séculos depois, no século XII, S. Bernardo de Claraval vai fundamentar a renovação espiritual de Cluny a partir da caridade e da pobreza. As Ordens Religiosas que foram aparecendo ao longo da história têm sempre este denominador comum: a partilha da vida que só é possível com a caridade

Assim, podemos afirmar que as Ordens e as Comunidades religiosas estiveram na base da grande parte da ação caritativa da Igreja. Vamos ver alguns exemplos.

No século XVI nasce a Ordem Hospitaleira de S. João de Deus. Fundada pelos discípulos do santo português, tem como carisma a vivência da hospitalidade segundo o estilo da vida de S. João de Deus. S. João de Deus nasceu em Montemor-o-Novo, por volta de 1495 e saiu para Espanha com oito anos. Foi pastor, soldado, trabalhou na construção das muralhas de Ceuta e foi livreiro ambulante. Por volta de 1538, ao ouvir um sermão de S. João de Ávila converteu-se a uma vida cristã bastante radical. Por causa dos seus comportamentos penitenciais, foi considerado louco e internado no Hospital real de Granada. Quando sai do hospital, e tendo vivido na carne os tratamentos horríveis para tratar a “loucura”, e depois de ter feito uma peregrinação a Guadalupe, dedica-se ao serviço dos pobres e dos sem-abrigo. Assiste-os num pequeno hospital que depressa se torna insuficiente. Muda-se para outro edifício e começa uma obra bastante avançada para a época, um espaço que não é só para assistência, mas também para tratamentos, um hospital moderno, com médico, enfermeiros, boticário, capelães cada doente com uma cama e separação dos doentes por doenças.

Pela fama das qualidades de S. João de Deus, foram-se juntando à causa alguns companheiros de hábito que acabaram por formar, mais tarde, o núcleo fundador da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus, aprovada como Congregação em 1572, por Pio V. Em 1586, o Papa Sisto V aprovou-a como Ordem Mendicante.¹⁰²

Hoje, como diz o nº 1 das Constituições, cooperam na «edificação da Igreja, servindo a Deus no homem que sofre».¹⁰³ «A missão da Ordem Hospitaleira é dedicar-se ao serviço da Igreja na assistência aos doentes e aos necessitados, com preferência pelos mais pobres».¹⁰⁴ Espalhada pelos cinco continentes, está presente em mais de cinquenta países. Em Portugal a Ordem tem dez casas de saúde com especial intervenção nas áreas do serviço de psiquiatria e saúde mental, alcoologia, toxicodependência, medicina física e de reabilitação e prestação de cuidados nas valências da rede Nacional de Cuidados Continuados integrados.

¹⁰²A. M. Borges e A. Gameiro, «Família Hospitaleira», em Franco (Dir.), *O esplendor da austeridade*, 305-307.

¹⁰³Ordem Hospitaleira de S. João de Deus, acedido a 5 de julho de 2023, <https://www.isjd.pt/pt/quem-somos>.

¹⁰⁴Ordem Hospitaleira de S. João de Deus, acedido a 5 de julho de 2023, <https://www.isjd.pt/pt/quem-somos>.

No século XIX foram fundadas muitas Congregações Religiosas, ligadas ao serviço dos mais pobres. Uma delas foi a Congregação das Irmãs Hospitaleiras do Coração de Jesus. Fundada em 1881, em Espanha, por São Bento Menni, sacerdote da ordem de S. João de Deus, juntamente com Maria Josefa Recio e Maria Angustias Giménez, respondeu a um problema grave na época: a situação em que se encontravam muitas mulheres portadoras de doença mental, excluídas e abandonadas socialmente. Os critérios de intervenção usados logo na origem foram a caridade e a ciência. E, como podemos imaginar, não foi fácil. Trabalhar não só com esta população, mas também com crianças com malformações ósseas, mulheres com tuberculose, e outras sintomatologias, foi, à época, um desafio gigantesco. Não havia meios, não existiam os subsídios do Estado, existia só a abnegada generosidade das irmãs e a colaboração de muitos benfeitores e, claro, a confiança total no Espírito de Deus.¹⁰⁵ Hoje, a sua missão

encarna e exprime o carisma da hospitalidade no acolhimento, assistência, cuidado especializado e preferencial às pessoas com doença mental, deficiência intelectual ou física e outras doenças, tendo em conta as necessidades e urgências de cada tempo e lugar, com preferência pelos mais pobres e necessitados,¹⁰⁶

seguindo o valor da hospitalidade, que se traduz no espaço, no tempo, na atenção e cuidado, na humanidade e nos recursos aos destinatários.

Atualmente, a Congregação das Irmãs Hospitaleiras está presente na América do Sul, na Europa, na Ásia e na África, atualizando a parábola do Bom Samaritano. Em Portugal, está presente em doze unidades de saúde, do Norte à Madeira, região onde, ainda criança, tive o primeiro contacto com esta Congregação. Lembro-me de ir visitar uma tia-avó que esteve internada, temporariamente, no Centro de Saúde Câmara Pestana e recordo-me muito bem da bondade das irmãs que aí trabalhavam.

O século XIX também viu nascer a Sociedade de S. Francisco de Sales, mais conhecida por Salesianos. O seu fundador foi S. João Bosco, em 1859, a quem o Papa João Paulo II chamou de “Pai e Mestre da Juventude”. Porquê? Por causa da sua total dedicação à infância e juventude.

¹⁰⁵Cf. Congregação da Irmãs Hospitaleira do Coração de Jesus, acedido a 9 de julho de 2023, <https://irmashospitaleiras.org/missao>.

¹⁰⁶Cf. Congregação da Irmãs Hospitaleira do Coração de Jesus, acedido a 9 de julho de 2023, <https://irmashospitaleiras.org/missao>.

S. João Bosco nasceu em Castelnuovo d’Asti, na Itália, em 1815, numa época muito complicada, de fome e de miséria, ainda consequência das recentes guerras napoleónicas. Desde pequeno, experienciou a pobreza e isso moldou muito provavelmente a sua maneira de exercer o sacerdócio. Muito sensível para as questões dos desfavorecidos, sobretudo das crianças e jovens, que viviam nas ruas e eram desprezados pela sociedade, e num ambiente de miséria das classes operárias, cedo começou a dedicar-se à educação dos mais novos, fundando o Oratório, nas imediações de Turim, no qual começam a ser ministrados, em 1845, cursos noturnos de alfabetização. De uma vez por semana, ao domingo, passou a ser todos os dias, evoluindo para uma escola, com artes e ofícios.¹⁰⁷

O Papa Francisco, na mensagem aos Salesianos, aquando do Capítulo Geral de 2020, diz que

o Oratório salesiano e tudo o que dele surgiu, como narra a biografia do Oratório, nasceu como resposta à vida dos jovens com um rosto e uma história, que puseram em movimento aquele jovem sacerdote incapaz de permanecer neutro ou imóvel diante do que acontecia. Foi muito mais do que um gesto de boa vontade ou de bondade, e até muito mais do que o resultado de um projeto de estudo sobre a “viabilidade numérico-carismática”. Penso nisto como um ato de conversão permanente e de resposta ao senhor que, “cansado de bater” à nossa porta, espera que o procuremos e o encontremos... Ou que o deixemos sair quando ele bater de dentro.¹⁰⁸

Na continuação da mensagem, o Papa afirma que a

salesianidade nasceu precisamente deste encontro, capaz de suscitar profecias e visões: acolher, integrar e fazer crescer as melhores qualidades como dom para os outros, sobretudo para os marginalizados e abandonados, dos quais nada se espera.¹⁰⁹

O Oratório é o primeiro passo para a fundação da Congregação. A Sociedade de S. Francisco de Sales nasce para preencher uma lacuna que D. Bosco encontra na sociedade da

¹⁰⁷C. L. Silva, «Salesianos», em Franco (Dir.), *O esplendor da austeridade*, 429.

¹⁰⁸Papa Francisco, Mensagem aos Salesianos no capítulo Geral de 2020, acedido a 11 de julho de 2023, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco_20200304_messaggio-salesiani-valdocco.html.

¹⁰⁹Papa Francisco, Mensagem aos Salesianos, acedido a 11 de julho de 2023, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco_20200304_messaggio-salesiani-valdocco.html.

sua época: a educação da juventude desfavorecida. A obra evoluiu rapidamente e em 1875 já ultrapassa a fronteira de Itália. Em Portugal os Salesianos chegaram em 1894.

Hoje, os Salesianos estão espalhados pelos cinco continentes, em 134 países. A Província Portuguesa da Sociedade Salesiana tem seis escolas no Continente, uma na Madeira e uma em Cabo-Verde.

Definem a sua atuação por um ideário que pretende ajudar a preparar as novas gerações para uma convivência de verdadeira fraternidade, solidariedade, liberdade responsável, no mundo do trabalho, permitindo uma formação integral e harmoniosa mediante a prossecução de atividades de ensino, culturais, desportivas, recreativas e de tempos livres, bem como a prossecução de respostas sociais e a investigação no âmbito das ciências sociais e educativo-pedagógicas e pastorais.¹¹⁰

A maior parte das Congregações Religiosas possuem um ou mais equipamentos sociais, onde se o exercício da prática da caridade é uma realidade. Isto, para além da obrigação que têm, logo na primeira linha, do exercício da caridade no acolhimento, no diálogo, na partilha, na atenção, na misericórdia, na compaixão, na justiça e na empatia. O que está em jogo é a missão. As Ordens e as Congregações Religiosas possuem os seus próprios carismas. Mas, «todos os carismas são para a missão».¹¹¹

2.1.3. Laicais

À semelhança das Ordens e das Congregações Religiosas, os leigos também fundaram obras dirigidas à causa dos mais frágeis. Devidamente enquadradas pelo Direito Canónico, reconhecidas pela Igreja, foram mostrando o poder do sopro do Espírito, que sopra onde Deus quer (Cf. Jo, 3,8). Gostaria de sublinhar duas dessas obras, a primeira a Sociedade de São Vicente de Paulo, mais conhecida como as Conferências de S. Vicente de Paulo. É uma organização de leigos católicos que começou com a ação cristã de Frederico Ozanam.

Frederico Ozanam nasceu em 1813, em Milão. Desde criança, foi imbuído de sentimentos de caridade. O seu pai era um médico famoso que, para além das consultas

¹¹⁰Salesianos, acedido a 11 de julho de 2023, <https://www.salesianos.pt/quem-somos/ambientes/>.

¹¹¹Papa Francisco, Mensagem aos Consagrados, 2023, acedido a 13 de julho de 2023, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/consecrated_life/documents/20230202-messaggio-gm-vitaconsacrata.html.

normais, atendia os pobres com uma dedicação extrema; a sua mãe era enfermeira e dedicava-se aos pobres e aos doentes. É um jovem privilegiado, com uma educação requintada, aprende várias línguas e interessa-se muito pela leitura e pela filosofia. Completa os estudos secundários e vai para a Sorbona. Como jovem brilhante, frequenta os meios intelectuais, escreve para jornais e revistas, nunca renunciando ao catolicismo empenhado. Não tem medo de debater as ideias católicas e, um dia, resolve criar uma «Conferência de caridade», uma forma de colocar em prática a caridade cristã.

Em 1841 casa-se com a jovem Amélie Soulacroix. Frederico Ozanam é, portanto, um homem profundamente inserido no seu tempo. Marido e pai, professor e literato, leigo comprometido, vive as diferentes dimensões da sua existência, com a mesma paixão e generosidade: vai pessoalmente aos bairros pobres de Paris e de outras cidades, promove a expansão das Conferências vicentinas no mundo, publica escritos históricos e literários, luta pela liberdade civil, política e religiosa, sofrendo pelos contrastes que dividem o mundo católico em fações políticas opostas, e tendo um coração cheio de ternura com Amélie e Marie, sua filha. O seu caminho espiritual, sempre atormentado, conhece altos e baixos: Frederico julga não fazer o suficiente, e pede ao senhor que o ajude a ser melhor, luta contra o orgulho até se esquecer do próprio valor.¹¹²

Morre em 1853, em Marselha, depois de ter passado os últimos anos com uma doença que lhe causava muita dor e limitações físicas, nunca abdicando da sua missão.

Na homilia da Missa da beatificação de Frederico Ozanam, em 1997, na catedral de Notre-Dame, o Papa João Paulo II afirmou que «Frederico Ozanam acreditou no amor, no amor que Deus tem por todos os homens. Ele mesmo se sentiu chamado a amar, dando um exemplo de um grande amor de Deus e dos outros». E completa a ideia dizendo que «ia ao encontro de todos os que tinham mais necessidade de ser amados, daqueles a quem Deus-Amor não podia ser efetivamente revelado senão pelo amor duma outra pessoa».¹¹³

Frederico Ozanam deixou uma obra que, em sua vida, já estava em muitos países, foi crescendo e espalhou-se ainda mais. Com uma forma de ação bastante diferente de outras instituições, a base do seu trabalho é a interação direta e individual com aqueles que estão necessitados, bem como as suas famílias. Estas pessoas são visitadas no seu ambiente próprio, quer seja em casa, num lar, no hospital, na prisão ou noutra local. A ajuda é de todo o tipo, da

¹¹²A vida de Frederico Ozanam, acedido a 15 de julho de 2023, https://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_19970822_ozanam_po.html.

¹¹³Papa João Paulo II, Homilia de Beatificação de Frederico Ozanam, acedido a 15 de julho de 2023, [Beatificação de Frederico Ozanam, Paris | João Paulo II \(vatican.va\)](#).

material à espiritual. A ação vicentina procura ser a resposta oportuna para cada situação de sofrimento ou pobreza que se deteta, uma resposta mais ou menos imediata.¹¹⁴ As Conferências Vicentinas, para além do trabalho nos próprios lugares onde vivem os carenciados, possuem um pouco por todo o mundo obras sociais dedicados às crianças e aos idosos, centros de saúde e escolas. Em Portugal, as Conferências Vicentinas chegaram em 1859 e muitas delas estão integradas na pastoral sócio-caritativa das paróquias.

A segunda obra que queria mencionar é a Comunidade de Santo Egídio, que é emblemática do que deve ser o papel dos leigos na Igreja. Nasceu em Roma, em 1968, no contexto dos ventos novos do Concílio Vaticano II, por iniciativa de um jovem, Andrea Riccardi, e tem como missão o compromisso pelos pobres e pela paz.

No início, Andrea Riccardi, hoje especialista em história da Igreja moderna e contemporânea, teve a ideia de reunir pessoas à volta do Evangelho, liam juntos, rezavam e refletiam sobre os ecos da Palavra que, evidentemente, os levava também a pensar sobre os problemas do mundo. Esse grupo reunia-se num antigo convento em Trastevere, um bairro de Roma. Com a continuação dos encontros, e no seguimento das muitas reflexões que faziam, surgiu clara a sua missão. Que papel poderiam ter na Igreja e no mundo? Como leigos, o que é que a Igreja e o mundo lhes pediam? O Concílio Vaticano II acabara de afirmar, no Decreto sobre os leigos, *Apostolicam Actuositatem*, a importância do apostolado dos leigos, «que deriva da própria vocação cristã» e que deve ser «cada vez mais intenso e mais universal» (AA, 1). Entre outras ideias, o Decreto realça a questão da caridade.

Toda a atividade apostólica deve fluir e receber força da caridade; algumas obras, porém, prestam-se, por sua própria natureza, a tornarem-se viva expressão dessa caridade. Cristo quis que elas fossem sinais da sua missão messiânica (cf. Mt 11, 4-5). O maior mandamento da lei é amar a Deus de todo o coração, e ao próximo como a si mesmo (cf. Mt 22, 37-40). Cristo fez deste mandamento do amor para com o próximo o seu mandamento, e enriqueceu-o com novo significado, identificando-se aos irmãos como objeto da caridade (AA, 8).

Para o Vaticano II é claro que o distintivo do apostolado cristão é a ação caritativa e apela «a todos os leigos que respondam com decisão de vontade, ânimo generoso e disponibilidade de coração à voz de Cristo, que nesta hora os convida com maior insistência, e ao impulso do Espírito Santo» (AA, 33).

¹¹⁴Cf. Sociedade de S. Vicente de Paulo, acessado a 16 de julho de 2023, <https://ssvp.pt/>.

Desafiados pelo Evangelho e pelas palavras da Igreja no que dizia respeito ao apostolado social e ao apostolado na ordem nacional e internacional, refletido no AA, sentiram-se destinatários dessa mensagem. Andrea Riccardi e os amigos perceberam qual seria a missão da sua comunidade: o compromisso pelos pobres e pela paz.

A oração, alicerçada na escuta da Palavra de Deus, é a primeira obra da Comunidade, acompanhando e orientando a sua experiência de vida. Em Roma e em todos os lados do mundo, a oração comum é também lugar de encontro e acolhimento para quem quiser ouvir a Palavra de Deus e dirigir a sua própria invocação ao Senhor. Os pobres são os irmãos e os amigos da Comunidade. A amizade com os necessitados – idosos, vagabundos, imigrantes, deficientes, prisioneiros, crianças de rua e da periferia – é uma característica da vida de quem partilhar o caminho de santo Egídio nos vários continentes.¹¹⁵

A missão dos pobres parecia evidente; a da paz trazia o problema da concretização. Era preciso fazer alguma coisa. No seu processo de identidade, a Comunidade cedo percebeu que a guerra é o maior interruptor que despoleta a pobreza e a miséria. Assim, parecia ser lógico que na sua missão houvesse a sensibilização e educação para a paz. A via é a fraternidade, o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, juntamente com a ajuda para se atingir a paz nos palcos em que há guerra, facilitando o diálogo, e a prevenção em que a guerra é uma ameaça latente.

A título de exemplo, a Comunidade de Santo Egídio foi a mediadora do diálogo para a paz em Moçambique, há trinta anos, entre a Frelimo e a Renamo. O acordo de paz foi celebrado na sede da Comunidade de Santo Egídio, no mosteiro de Trastevere, depois de dezasseis anos de guerra, a qual matou um milhão de pessoas e fez cerca de quatro milhões de refugiados. Entre outros, a Comunidade de Santo Egídio mediou os conflitos na Guatemala e na República Centro Africana, estando comprometida hoje com o desarmamento deste último país. Organiza anualmente encontros internacionais pela paz em várias cidades, seguindo o espírito de Assis.

A Comunidade atua em inúmeros países, com uma série de projetos para ajuda aos mais desfavorecidos. Como exemplos, os programas DREAM e BRAVO. O programa DREAM tem como objetivo o tratamento e a prevenção da SIDA, em África; o programa BRAVO, que tem

¹¹⁵Comunidade de Santo Egídio, acedido a 17 de julho de 2023, <https://www.santegidio.org/>.

sido aplicado em Moçambique, tem como finalidade o registo das crianças, para que todas tenham o seu registo de nascimento.

A Comunidade de Santo Egídio está presente em Portugal desde 1989, em Lisboa, Porto e Santarém, ao serviço das crianças e dos idosos.

2. 2. Ações construtivas de vida com sentido

O que é que faz que algumas pessoas sejam tão especiais? Há vidas plenas de bondade que transformam o mundo, que tocam a vida dos outros. O Papa Francisco, na homilia da Missa do Galo de 2019, lança um repto:

Acolhamos o dom que é Jesus, para depois nos tornarmos dom como Jesus. Tornar-se dom é dar sentido à vida, sendo este o melhor modo para mudar o mundo: nós mudamos, a Igreja muda, a história muda, quando começamos a querer mudar, não os outros, mas a nós mesmo, fazendo da nossa vida um dom.¹¹⁶

Padre Américo e Madre Teresa de Calcutá pertencem, sem dúvida, à multidão daqueles que acolheram e praticaram a bondade, dom de Deus, e, por isso mesmo, mudaram para melhor a vida, a sua e a dos outros.

2.2.1. Pe. Américo, o “Pai dos pobres”

O período em que Padre Américo viveu foi marcado pelo fim da Monarquia, implantação da República, perseguições à Igreja, pela lei da separação do Estado e da Igreja, Primeira Guerra Mundial, pelo aparecimento do Estado Novo e, pela Segunda Guerra Mundial. Tempo controverso, de mudanças de paradigma político e social, traduzido em retratos de miséria por todo o lado, atingindo, claro, as classes sociais mais desprotegidas. Foi este o tempo em que o Padre Américo felizmente, a par de outras figuras como Sílvia Cardoso, Padre Grilo, Padre Alcobia, Padre Cruz, Padre António d’Oliveira, Padre Abel

¹¹⁶Papa Francisco, Homilia da Missa do Galo, 2019, acedido a 18 de julho de 2023, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-francesco_20191224_omelia-natale.html.

Varzim, e outras personalidades e instituições, deixou uma marca indelével na sociedade portuguesa. A história de Portugal não seria a mesma sem o Padre Américo. Luís Amaral contextualiza:

O Portugal da primeira metade do séc. XX que o Padre Américo conheceu abundava em pobres e excluídos de todas as formas e feitios, incapazes, as mais das vezes, de interpelarem os poderes e as instituições e de interferirem na sua dinâmica. Era uma sociedade que, sob muitos pontos de vista, insistia em acomodar-se nesta, como em outras matérias, a uma inoperante resignação de tradição secular. Porém o comportamento de muitos não impediu o florescimento de personagens e de obras singulares que, assumindo os males sociais, marcaram a diferença pelas atitudes e pelos métodos com que abordaram, encetando uma verdadeira revolução no entendimento e na prática da Assistência e da Solidariedade. É neste enquadramento que se inscreve a vida incomum do Padre Américo, que não deixando de ser um homem do seu tempo, foi outrossim um perspicaz visionário do futuro.”¹¹⁷

O Padre Américo nasceu no dia 23 de outubro de 1887, na freguesia de Salvador de Galegos, em Penafiel, numa família numerosa, tradicional e profundamente católica. Não é de admirar que com 11 anos confidencie à sua mãe que quer ser padre.

Começou a escola em 1894, na Escola Régia de Galegos, completando o ensino primário no Colégio de Nossa Senhora do Carmo, em Penafiel, sem ser um aluno excecional. Aos 12 anos vai para o Colégio de Santa Quitéria, em Felgueiras, pertencente à Congregação da Missão, onde é recebido na Associação dos Filhos de Maria e tem assistência espiritual. Aos 14 anos, o jovem Américo continua a pensar no sacerdócio e, apesar do consentimento da mãe, o pai acha que o filho não tem feitio para semelhante vocação. Acaba por se empregar no comércio, no Porto, com 15 anos, numa loja de ferragens. O seu fervor religioso fá-lo ajudar às missas na Igreja de São Lourenço, e é crismado pelo então bispo do Porto, D. José de Sousa Barroso, na Sé Catedral. Mais tarde, a par do trabalho, frequenta o Instituto Industrial e Comercial do Porto.

¹¹⁷Luís Leal, *Padre Américo Monteiro de Aguiar e a renovação do Clero português na primeira metade do séc. XX*, (Porto: CEHR, UCP, 2016), 7-8.

A 19 de Novembro de 1906, interrompe o curso, embarca para Moçambique, com 19 anos, e vai trabalhar como despachante para uma companhia inglesa, e mais tarde, em 1921, para uma empresa alemã.

Durante os anos passados em Moçambique, morre a mãe em 1913, um seu irmão, António de 31 anos, em 1916, e o seu pai, em 1921.

Uma pessoa muito importante para o reatar do desejo de ser sacerdote é o franciscano Padre Rafael Maria da Assunção, que conhece em 1914, na cidade da Beira, e que, mais tarde, será bispo da diocese da Beira e de Cabo Verde. Em 1922, depois de vários encontros com D. Rafael da Assunção, momentos qualificados por Padre Américo como a “martelada”, decide regressar a Portugal, recolhendo-se na Ordem dos Frades Menores, na Galiza, no Convento franciscano de Vilariño de la Ramallosa, após várias peripécias e indecisões. Toma o hábito franciscano com 36 anos. Em Julho de 1925 é convidado a deixar a Ordem por ser muito “impressionista”.

Pede a permissão para entrar no seminário de Nossa Senhora da Conceição, no Porto, mas não é aceite. Faz o mesmo pedido para o Seminário de Coimbra e é admitido, começando o ciclo de estudos filosóficos e teológicos, já com quase 38 anos.

A 28 de Julho de 1929 é ordenado sacerdote pelo Bispo de Coimbra, D. Manuel Luís Coelho da Silva.

Padre Américo percebeu, desde o início do seu sacerdócio, que a missão da Igreja no mundo só pode ser evangelizadora se não faltar à caridade. Ao confrontar-se com os Evangelhos e com todo o Novo Testamento, nomeadamente com São Paulo e São Tiago, o Padre Américo faz o voto de pobreza no dia em que recebeu a ordem do subdiaconado e compromete-se, perante o seu bispo, a viver uma vida de pobreza e para os pobres, na total obediência ao seu prelado. Depois da ordenação sacerdotal, apesar de o bispo o ter nomeado prefeito e professor no seminário, o mesmo rapidamente percebeu qual era a missão daquele recém sacerdote: os pobres. O Padre Américo mostrava uma sensibilidade especial pelos mais frágeis, o que era visível nas visitas que fazia aos hospitais e cadeias, e a famílias dos tugúrios de Coimbra. A sua pastoral nos hospitais e nas cadeias foi tida na altura como inconveniente. Era tida como uma denúncia. Daí, uma campanha injuriosa contra o Padre Américo.

O bispo de Coimbra confia a Sopa dos Pobres ao Padre Américo e, a partir do contacto com a miséria que grassava por Coimbra, começou as Colónias de Férias para as crianças

necessitadas e, pouco tempo depois, a primeira casa para receber as crianças da rua, em Miranda do Corvo. Era o começo da Obra da Rua.

Prefere os “mais repelentes”, “os mais viciados”. Depois desta casa fundada no distrito do Porto, a Casa de Paço de Sousa, e a sul, a Casa do Tojal e a Casa de Setúbal. Juntam-se a estas obras os lares na cidade do Porto e em Lisboa, para acolher aqueles que prosseguiam estudos ou iam trabalhar, mais as casas das Colónias de férias para os gaiatos. Porque tem consciência de que a miséria começa pelas condições miseráveis das habitações, institui o Património dos Pobres, para recuperar e construir casa para os que viviam em condições miseráveis, sob o lema: «Cada freguesia cuide dos seus pobres». O Padre Américo corre o país de lés a lés para pedir ajudas para a sua obra, e, através do jornal “O Gaiato”, voz incómoda da denúncia e do silêncio dos oprimidos, sensibiliza os portugueses para a realidade da sua obra. A última obra, o Calvário, foi a cereja no topo do bolo. Era para os mais abandonados da sociedade, os doentes pobres, sem família ou abandonados, com doenças incuráveis que não tinham grande resposta no Portugal de então. Como dizia o Padre Américo, era preciso «dar uma cama para morrer a quem não a teve para viver». Assim, Pai Américo não só se dedicou às centenas de rapazes da “rua”, mas também aos presos, aos doentes e aos pobres. E, tivesse morrido mais tarde, provavelmente estaríamos a falar da concretização de muitos mais projetos de índole sociocaritativa.

O Padre Américo era possuidor de uma sabedoria invulgar, apesar de não ter tido notas excelentes no curso de Teologia, e de o ter acabado completamente exausto em termos físicos, o que era natural, tendo em conta o facto de ter regressado aos estudos com 38 anos. Mas a sabedoria não vem sobretudo dos livros. Vem de Deus e da vida. Tinha um jeito enorme para a escrita, que desenvolveu na revista “Lume Novo”, do seminário de Coimbra, em artigos regulares no “Correio de Coimbra”, no jornal da Diocese do Porto “A Ordem” e, na grande escola, “O Gaiato”, escritos que, mais tarde, foram compilados em 16 volumes. Faz da sua escrita uma força incendiária.¹¹⁸ Parece que herdou alguma coisa de Eça de Queirós que tinha lido e de Guerra Junqueiro que admirava.¹¹⁹ Mas o livro de referência era o Evangelho. Aí, na meditação diária da palavra de Deus, encontrava a inspiração necessária para o método que usava em todas as obras em que se metia. Era na leitura atenta e sempre renovada do Evangelho que encontrava a sabedoria e a força para levar a sua missão para a frente. Isso é constantemente afirmado nos seus escritos.

¹¹⁸ Cf. Padre Américo, Doutrina III (Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, 1980), 160.

¹¹⁹ A Obra da Rua do Padre Américo: história e atualidade, Programa Ecclesia, RTP 2, acedido a 19 de julho de 2023, <https://agencia.ecclesia.pt/portal/programa-ecclesia-do-dia-16-de-novembro-de-2015/>.

O seu carisma de comunicador fê-lo viajar pelo país todo, incluindo a Madeira e os Açores, a fim de fazer inúmeras palestras para apresentar e pedir ajuda para a sua Obra. Também se desloca a África e ao Brasil. Muitas salas de cinema, de teatros e de casinos se encheram de pessoas para ouvirem falar Pai Américo, para além das Igrejas. Onde houvesse gente. A sua voz, apesar de não ser muito forte, e com alguma gaguez disfarçada, com um sotaque que denunciava a suas origens dos arredores do Porto, era potenciada pelas palavras simples, diretas, mas contundentes. Uma linguagem que confundia os mais duvidosos, e que abria os bolsos de muita gente que, até aí, era indiferente à questão social. O Padre Américo falava como quem tem autoridade, e tinha-a, pois, as suas palavras não contradiziam a vida que levava, completamente entregue a Deus e aos mais fragilizados. Era um homem que se apresentava pobre, a favor dos pobres. Era uma voz que incomodava, mas que refazia o milagre da multiplicação dos pães. Incomodava e, que se saiba, apesar de ser sujeito à censura, nunca foi vítima do lápis azul, o que realmente é um mistério. A forma como falava e escrevia, confundia, de facto, os poderes, tanto o do Estado, como o da Igreja. E quantas coisas denunciou! Era perigoso. Dizia-se comunista cristão e que os cristãos têm de ser socialistas.¹²⁰ Era revolucionário. Era um revolucionário pacífico, como dizia. Talvez essa tenha sido a maior virtude do Padre Américo. Talvez por isso ninguém lhe tenha feito mal, apesar das denúncias duras que fazia, também do Estado.

A sua pedagogia, que foi plasmada sobretudo nas casas do Gaiato, e que não aprendeu nos livros, era muito simples. Aprendeu-a na contemplação, na oração, na leitura do Evangelho, na meditação e na prática. O Pe. Américo afirmava muitas vezes que o compêndio da sua Obra era o Evangelho.¹²¹ Partia do princípio de que «não há rapazes maus»¹²², mas era consciente de que é difícil torná-los homens bons, sobretudo porque eram retirados dos seus ambientes familiares já um pouco tarde. O espaço proposto é o do lar, da escola e da capela. O lar em que se habita e em que se trabalha. A escola em que se aprende. A capela, em que se potencia a dimensão espiritual, sem a qual, a educação não era completa. Uma educação em que é importante o amor, o conhecimento íntimo de cada jovem para levar a sua vontade a aderir ao projeto proposto, o brincar e o fazer, a formação da consciência, o possibilitar a todos as mesmas oportunidades de formação, sendo o ambiente a metodologia educativa, educando pelo trabalho comunitário, com o enfoque na singularidade de cada um, porque o

¹²⁰Cf. Padre Américo, *Doutrina I* (Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, 1974), 129.

¹²¹Cf. Padre Américo, *Doutrina I*, 115.

¹²²Pai Américo, *Isto é a Casa do Gaiato*, (Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, 1985), 152.

sujeito da educação é o gaiato, com um padrão de vida familiar, e, finalmente, no exercício da liberdade e responsabilidade. “Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes”.

Nós respeitamos absolutamente a liberdade de pensar e de dizer, inata na pessoa. Os rapazes podem dar as suas opiniões. É precisamente por isso que nós temos mais facilidades em conhecer, probabilidades em corrigir, maneiras de orientar (...) A liberdade é o maior (dom espiritual). Deus cria o homem livre e respeita-lhe a liberdade. Chama feliz àquele que pode fazer o mal e não o faz; ao que pode transgredir e não transgride. Isto é: livre e libertino são palavras antagónicas (...). Eis a nossa escola “risonha e franca.”¹²³

E o Padre Américo sintetiza:

O padrão da Obra é a Família; vida familiar. Esta é a escola natural de sólida formação do Homem. Tudo o que representa regresso a Nazaré, é progresso social cristão. Não há sistemas. Não há regras. Não há estatutos. Há a intuição.¹²⁴

Em várias ocasiões, o Padre Américo referia a morte como algo de natural, necessária para que a sua obra progredisse. Fazia parte do processo. Sabia bem que a Obra era de Deus, que era só um intermediário, um servo. A obra continuaria depois de si: «Depois de eu morrer, sim. Quando os meus sucessores tomarem conta, far-se-á luz. Mas é necessário que antes venha a morte. “Se o grão de trigo não morrer, não há trigo”».¹²⁵

Em 1956, o Padre Américo faz uma visita aos Açores. Aí, «começou a falar insistentemente na morte que o rondava. Nos últimos dias de Junho, ao despedir-se, em Coimbra, do Padre Eugénio Martins, fê-lo com desusada emoção. E, já do carro, recomendou que não deixasse nunca de visitar a casa do Gaiato. Pressentimento da morte que se avizinhava?».¹²⁶

E não tardou a realizar-se a premonição deste Homem, mestre de educadores e “recoveiro” dos pobres, como gostava de se autointitular.

No dia 14 de Julho de 1956, de regresso de uma viagem ao sul do país, sofre um acidente de automóvel, em S. Martinho do Campo, sendo transportado para o Hospital de Santo António, no Porto. Era um sábado. No dia seguinte, de manhã, pede e recebe os últimos sacramentos.

¹²³Pai Américo, *Doutrina I*, 128-130.

¹²⁴João Evangelista Loureiro, *Um grande educador português do séc. XX. O Padre Américo e a sua obra pedagógica* (Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, 1996), 79.

¹²⁵Padre Américo, *Doutrina I*, 123-124.

¹²⁶José da Rocha Ramos, *Padre Américo, místico do nosso tempo* (Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, 1997), 49.

No dia 16 de Julho, morre de embolia cerebral, provocada certamente pela fractura exposta e cominutiva das duas pernas. Eram 6h05m da manhã, dia da memória litúrgica de Nossa Senhora do Carmo, de quem era devoto. Tinha 68 anos. O Porto, a cidade do encontro com a criança que pediu ajuda para o seu pai, e que levou o Padre Américo a tomar a decisão de se entregar à causa da “infância e da juventude desvalidas”, foi a cidade que o viu partir. Viu-o partir e chorou. Nunca se chorou tanto no Porto, segundo testemunhas da altura. Chorou-se por um homem diferente e invulgar que até tinha nascido perto da cidade, mas que tinha seguido para sul para realizar a sua vocação. Que, num primeiro momento, se sentiu abandonado pela cidade, mas que, numa outra fase da vida, a redescobriu na sua generosidade: «Ai Porto, Porto! Quão tarde eu te conheci!»

A 16 de Julho de 1956, o Porto estava de luto. Poucas vezes se terá visto um sentimento tão profundo abater-se sobre toda uma cidade. E a extensão desse sentimento pôde ver-se no dia seguinte, no funeral. Escolheu-se a Igreja da Trindade como a de maior capacidade, mas, mesmo assim, não houve lugar nem sentado nem de pé que tivesse ficado vazio. Pelo contrário, a multidão teve que permanentemente rodar pelas coxias para dar lugar a outros que também queriam e tinham direito. E, na vida dos que então viviam, nunca se terá visto chorar tanto no Porto.¹²⁷

Desde o momento em que se dá o acidente até à morte do Padre Américo, passando pela realização do seu funeral, os jornais principais da época, a imprensa regional e a da Igreja, encheram páginas com o acontecimento, havendo ainda muitas notícias nos dias seguintes. Surpreendentemente, tendo em conta o tempo em que se vivia, sem os meios de que hoje dispomos, nomeadamente as redes sociais, a notícia correu depressa por todo o país, também nas colónias, com bastante destaque nas primeiras páginas, o que era indiciador da importância que tinha o Padre Américo.

Também os jornais testemunham a grandiosidade do funeral de Pai Américo. São dezenas de milhar de pessoas que ocorrem às ruas do Porto para ver passar o cortejo fúnebre. E são de todas as classes sociais, de todas as ideias, desde as pessoas “mais importantes” da sociedade até aos mais pobres. O Padre Américo no momento da sua morte era consensual. As atenções estavam definitivamente viradas para a sua Obra. “Se o grão de trigo não morrer...”

O Correio de Coimbra na sua edição de 26 de Julho de 1956 diz:

¹²⁷Francisco de Almeida e Sousa, «A morte de Padre Américo», em *Tripeiro*, Novembro de 2006 .

Nem o funeral do Padre Américo foi um funeral. Aquilo era uma apoteose de flores, lágrimas, crianças pobres. O Porto, admirável terra! Desfilou num imenso cortejo durante todo o dia e toda a noite perante a urna simples do Padre Américo, não como quem sente a morte, mas apenas a saudade duma ausência. Tantos e tantos rezavam e pediam...¹²⁸

No 7º dia da morte do Padre Américo o *Voz do Pastor* opta por transcrever um excerto da homilia, nas exéquias do Pe. Américo, proferida pelo bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes: «Se é certo que não há homens insubstituíveis, também é certo o desaparecimento de alguns causar maior dor por desaparecer com eles o exemplo vivo da perfeição espiritual, tão difícil de atingir e tão rara na época presente»¹²⁹.

Ao mediatismo na sua vida correspondeu o mediatismo na sua morte. Percebe-se isso nas notícias da época. Todos reconheciam a ação do Padre Américo, a sua bondade, mas nem todos ligavam o seu agir à fé que tinha. A verdade é que o Padre Américo era um homem de Deus, e sem esse pressuposto não é possível perceber toda a sua dimensão. A sua vida era um “mistifório”, como um dia tinha dito o D. Manuel Luís Coelho da Silva, o bispo que o aceitou no seminário. Mas, não é uma verdade evangélica que a vida dos humildes confunde os poderosos?

2.2.2. Madre Teresa de Calcutá, “ícone do bom samaritano”

Na homilia da beatificação de Madre Teresa de Calcutá, o Papa João Paulo II chamou-a de «ícone do Bom Samaritano»:

Madre Teresa de Calcutá, Fundadora dos Missionários e das Missionárias da Caridade, que hoje tenho a alegria de inscrever no Álbum dos Beatos, deixou-se guiar por esta lógica. Estou pessoalmente grato a esta mulher corajosa, que senti sempre ao meu lado. Ícone do Bom Samaritano, ela ia a toda a parte para servir

¹²⁸Luís Jesus Ventura de Pinho, «Cantinho da Ação Social», *Correio de Coimbra*, Ano XXXV, n. 1736(26 de Julho.1956), 1 e ss.

¹²⁹Cit. por António Nuno Espiñal, « A morte do Padre Américo», *Correio de Coimbra*, Ano XXXV, n. 1737(2 de Agosto. 1956), 1.

Cristo nos mais pobres entre os pobres. Nem conflitos nem guerras conseguiam ser um impedimento para ela.¹³⁰

Quem é esta mulher que despoletou tanta curiosidade por parte dos meios de comunicação nas últimas décadas do século XX, o que ajudou ao seu reconhecimento em todo o mundo, que foi canonizada pelo povo em vida, que foi chamada de “santa das sarjetas”, de “mãe dos pobres”, que foi prémio Nobel da Paz em 1979 e que recebeu muitos outros prémios, que se encontrou com os grandes líderes políticos de então?

Madre Teresa de Calcutá nasceu no dia 26 de Agosto de 1910, em Skopje, povoação pertencente à Albânia, integrada mais tarde na Jugoslávia, atualmente capital da Macedónia. Terceira de três irmãos, era filha de pais cristãos praticantes, muito devotos, agricultores, com bem-estar económico. A riqueza da família aumenta quando o pai de Teresa passa a ter outro ramo de investimento, com um sócio: a gestão de um armazém de material de construção, de exportação e de importação. À conta deste negócio, e porque dominava algumas línguas, o pai passou a viajar muito. Além disso, era músico e político a nível municipal, encarado como um serviço, sempre preocupado com o bem estar da comunidade.

Quando Teresa tinha apenas 9 anos, o pai, depois de um congresso partidário realizado em Belgrado, regressou numa ambulância, sendo internado de urgência. Acabou por morrer na sala de operações. Há a possibilidade de ele ter sido envenenado por inimigos políticos.

Por causa deste trágico acontecimento, a vida da família de Teresa mudou radicalmente, tendo a mãe que voltar ao ofício de tecelã que tinha em solteira. O bem estar económico deixou de existir, mas nunca faltou o amor e a formação humana e religiosa. Viviam muito perto da igreja paroquial e nunca faltavam à Missa dominical. Também iam com alguma frequência à Missa, durante a semana, sobretudo nos meses de Maio e de Outubro. Rezavam em família e praticavam a caridade, tanto em vida do pai, como após a sua morte. Nunca um pobre saía daquela casa de mãos vazias. Muitas vezes, havia a presença de um pobre sentado à mesa, na hora das refeições. O irmão de Teresa, Lazar, recorda a generosidade da sua mãe:

Não consentia que nenhum dos muitos pobres que batiam à nossa porta fosse de mão vazias. Quando algum de nós, que muitas vezes terei sido eu, mostrávamos estranheza por tanta generosidade, minha mãe argumentava: “Não te esqueças que

¹³⁰Papa João Paulo II, Homilia da beatificação de Madre Teresa de Calcutá, acedido a 20 de julho de 2023, https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2003/documents/hf_jp-ii_hom_20031019_mother-theresa.html.

alguns são nossos parentes. Mas mesmo que não fossem, já pelo facto de serem pobres são nossos irmãos”.¹³¹

Teresa seguia as pisadas da mãe, tanto na prática da caridade como na devoção religiosa. Com 12 anos e depois de ler, numa revista missionária, os muitos relatos dum jesuíta nascido também em Skopje, missionário na Índia, começou a sentir-se atraída por uma vida de entrega total a Deus. Mas, é quando está prestes a completar os 18 anos, num dia 15 de Agosto, que vai senti-lo profundamente, aos pés da padroeira de Skopje, no santuário de Nossa Senhora de Letnice, próximo da sua povoação. Aí Teresa percebeu o chamamento de Deus:

Foi aos pés de Nossa Senhora de Letnice onde percebi pela primeira vez, o chamamento que me convenceu a consagrar-me a Deus, pondo-me ao Seu serviço. Recordo ainda a tarde desse dia, o dia da Assunção. Estava eu a rezar com uma vela nas mãos e a cantar, com o coração a transbordar de alegria, quando decidi consagrar-me inteiramente a Deus na vida religiosa. Recordo também perfeitamente que foi no santuário de Nossa Senhora de Letnice, perto de Skopje, onde ouvi a palavra de Deus que me chamava a ser totalmente sua, consagrando-me por inteiro a Ele e ao serviço do próximo. Era um desejo que há muito trazia secretamente no coração.¹³²

Falou com a mãe e com o seu pároco. Como o desejo de Teresa era trabalhar na Índia, e aconselhada pelo pároco, optou por entrar na Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Loreto, por estas terem missões nesse país distante. Com o consentimento da sua mãe, viajou para Dublin, Irlanda, onde ficou cerca de dois meses como aspirante nas Irmãs de Nossa Senhora do Loreto. Aí ambientou-se à vida religiosa, à história da própria congregação e à língua inglesa. No inícios de Novembro de 1928, começou a sua longa viagem para a Índia, onde só chegou no dia 6 de Janeiro de 1929. Durante essa viagem, Teresa teve a oportunidade de escrever sobre a pobreza que foi encontrando nos vários portos onde parava e o profundo choque perante a miséria que encontrou em lugares como Madras, na Índia. No dia 6 de janeiro de 1929 chega a Calcutá onde permanece uma semana numa comunidade das Irmãs de Nossa Senhora do Loreto e, depois, segue para Darjeeling, perto dos Himalaias, para fazer o noviciado durante dois anos. Conclui o noviciado a 24 de Março de 1931 e professa, tendo de

¹³¹José Luis González-Balado, *Madre Teresa de Calcutá. Um amor sem fronteiras* (Braga: Editorial Franciscana, 2003), 26.

¹³²González-Balado, *Madre Teresa de Calcutá. Um amor sem fronteiras*, 28.

mudar de nome. É aqui que escolhe chamar-se Teresa, pensando em Teresa de Lisieux, que tinha sido canonizada seis anos antes. O seu nome de batismo era Gonxha Agnes Bojaxhiu .

Acabado o noviciado, regressa a Calcutá e começa a dar aulas num colégio da congregação, o St. Mary's High School, um colégio para alunas cultural e economicamente favorecidas, missão que lhe vai ocupar cerca de 20 anos. Durante esse tempo, Teresa confessou muitas vezes ser a religiosa mais feliz do mundo, porque gostava de ensinar e via o ensino como um verdadeiro apostolado.¹³³ Dava aulas de Geografia, de História e de Religião. Na qualidade de docente de Religião, sensibilizava as suas alunas para os gestos concretos de caridade, de ajuda a pessoas necessitadas, sobretudo nos subúrbios de Calcutá. A mãe tinha-lhe dito, aquando do seu consentimento para a vida religiosa: «Sim, minha filha, podes partir. Mas procura entregar-te toda a Deus e aos Pobres».¹³⁴

Os anos da Segunda Guerra Mundial foram muito difíceis para a Índia, de muita miséria e fome. A esta situação temos de juntar as consequências das tensões nacionalistas entre muçulmanos e hindus e a luta pacífica de Gandhi a favor da independência da Índia. Neste quadro social, Madre Teresa de Calcutá, apesar das ordens de recolher obrigatório, socorria pessoas em extrema necessidade. É nesta altura que testemunha, na primeira pessoa, as condições miseráveis em que muita gente vive. Fica profundamente marcada por um episódio em que encontra uma pobre mulher a agonizar junto de um hospital. Ela própria pega na mulher e leva-a para o respetivo hospital. Não a aceitaram por ser pobre, acabando por morrer na via pública.

Em 1946, como habitualmente todos os anos, Teresa foi fazer um retiro espiritual a Darjeeling. Na viagem, no dia 10 de Setembro, a bordo do comboio, aconteceu o que ela chamaria de “Dia da Independência”. É sua a descrição:

Ia eu de Calcutá para Darjeeling a fim de fazer o meu retiro espiritual quando, estando eu recolhida em oração tranquila e íntima na presença do senhor, percebi com toda a clareza, um chamamento dentro dum chamamento. A mensagem era clara: tinha de abandonar o convento e consagrar-me ao serviço dos Pobres, vivendo no meio deles. Compreendi onde tinha de me dirigir, só não sabia como chegar.¹³⁵

¹³³Cf. González-Balado, *Madre Teresa de Calcutá. Um amor sem fronteiras*, 45.

¹³⁴González-Balado, *Madre Teresa de Calcutá. Um amor sem fronteiras*, 30.

¹³⁵González-Balado, *Madre Teresa de Calcutá. Um amor sem fronteiras*, 50.

Depois deste acontecimento, Madre Teresa falou com o seu diretor espiritual que lhe pediu que escrevesse o conteúdo e as circunstâncias da inspiração vivida na viagem para Darjeeling, juntamente com o que se passou depois, durante o retiro. Porque uma possível decisão de abandono das Irmãs de Nossa Senhora do Loreto era um assunto complexo, de direito canónico, Madre Teresa foi aconselhada a falar com o bispo de Calcutá que lhe negou a autorização para seguir outro caminho. Mais tarde, a 13 de Junho de 1947, dez meses depois da “inspiração”, Madre Teresa escreve uma longa carta ao bispo, expondo em pormenor tudo o que aconteceu, o que Jesus lhe pedira, o processo de reflexão sobre o assunto, como seriam as Missionárias da Caridade. O bispo não respondeu. Madre Teresa insistiu com uma segunda carta. No dia 6 de Janeiro de 1948, o bispo fala pessoalmente com Madre Teresa e diz-lhe: «Siga em frente».¹³⁶ Em meados de Agosto de 1948, resolvidas as questões canónicas, Madre Teresa está preparada para deixar o Loreto. Deixar o Loreto depois de tantos anos não foi fácil, mas foi o preço a pagar para cumprir o que Deus lhe pedia.

Ao sair do Loreto, Madre Teresa só levava uma maleta com uma muda de roupa, material de higiene e muito pouco dinheiro. A conselho do seu diretor espiritual, comprou um bilhete de comboio para ir para Patna, onde havia um hospital da congregação das Irmãs Missionárias Médicas, onde poderia refletir sobre a nova missão e aprender enfermagem, que lhe seria útil para a futura missão. O pouco dinheiro que tinha, ofereceu aos primeiros que lho pediram. Na estação, prestes a sair o comboio, um anónimo oferece-lhe um envelope. Tinha lá dentro dez vezes mais o dinheiro que tinha oferecido. Era um sinal. Era a prova de que Deus não a abandonaria.

Perto do Natal de 1948, Madre Teresa regressa a Calcutá e fica num alojamento provisório no asilo das Irmãs dos Pobres. Depois de um retiro espiritual, inicia o seu apostolado junto dos mais pobres. Muito perto da escola onde lecionara, encontra cinco crianças que não iam à escola. Conquistada a confiança delas, à sombra de uma árvore, dispõe-se a dar a primeira aula mas, rapidamente percebe que seria preciso dar-lhes umas noções de higiene. No dia seguinte o número das crianças aumentou. Dois dias depois eram quarenta. Ainda antes do fim do ano, arrendou uma sala que transformou em espaço de aulas.

Em pouco tempo, através da intercessão de um padre amigo, já tinha um andar para viver, juntamente com dez antigas alunas que entretanto se tinham juntado à missão, oferecido por um dos primeiros benfeitores da sua obra. Estas antigas alunas foram o embrião da futura

¹³⁶González-Balado, *Madre Teresa de Calcutá. Um amor sem fronteiras*, 67.

congregação das Missionárias da Caridade, que recebe de Roma o decreto da sua constituição no dia 7 de Outubro de 1950, dia de Nossa Senhora do Rosário. Para além da Eucaristia não houve festa, pois tudo o que tinham era para os Pobres (Madre Teresa escrevia de maneira intencional Pobres com letra maiúscula).

Depois de a Madre Teresa ter tido a experiência de ter retirado da rua uma mulher, roída por ratazanas, e levando-a para o hospital, de ter retirado de um monte de lixo uma outra mulher em semelhante estado, pede ao município de Calcutá um local para acolher gente doente e abandonada. É junto do templo da deusa Kali que Madre Teresa começa o Lar do Moribundo Abandonado, em que passa a receber homens e mulheres que agonizavam nas ruas, apesar da oposição dos sacerdotes da deusa Kali que achavam que isso era profanação de um recinto sagrado. Aos poucos, estes sacerdotes foram percebendo a linguagem do amor.

Eis a descrição do lar do Moribundo Abandonado, feita pelo fotógrafo japonês, Marihiro Oki, em 1974:

Decidi visitar a casa para moribundos indigentes. Estacionei o carro em frente da casa da Madre, na esquina do templo de Kali. Logo, à entrada, fiquei pasmado ao ler a palavra “moribundos” escrita de forma muito clara na tabuleta. Era para ali que levavam os que se tinham deixado esvaír de fome e de doença pelas ruas. Entrei e vi dezenas de pessoas estendidas em leitos, na sua maioria reduzidas a pele e osso pela tuberculose e pela inanição. Vi pessoas à beira da morte. No meio delas, afadigadas e sorridentes, circulavam irmãs que distribuían comida, medicamentos ou simplesmente um pouco de companhia. Seguravam a mão a homens e mulheres idosos cujas gargantas já não conseguiam engolir a sopa. E falavam-lhes olhos nos olhos.¹³⁷

Entretanto a nova congregação precisava de um outro alojamento pois tinha aumentado o número das irmãs. Deus providenciou. Há uma casa à venda pertencente a um juiz muçulmano. O Padre Henry, amigo da Madre Teresa, usando o regateio, começa pelo preço mais baixo. O preço foi aceite, pois o vendedor, depois de ter refletido e rezado, percebeu que era por uma boa causa.

Nas mãos de Deus, totalmente nas mãos de Deus, Madre Teresa ia aceitando os vários desafios que iam aparecendo, sempre com o sentido do serviço. Depois das aulas de alfabetização e de higiene às crianças da rua, o cuidado dos moribundos. Depois, a descoberta

¹³⁷Marihiro Oki, Testemunho sobre Madre Teresa de Calcutá, acedido a 20 de julho de 2023, https://www.snpcultura.org/impressao_digital_madre_teresa.html.

dos leprosos. Duas a duas, as irmãs iam a casa dos leprosos para prestar cuidados de saúde. Mais tarde, Madre Teresa funda a Cidade da Paz, uma espécie de aldeia para a reabilitação dos doentes de lepra. A seguir à Cidade da Paz, o apelo para o trabalho com os órfãos. É encontrado um espaço para o asilo de crianças abandonadas. E Deus continua a providenciar. O trabalho da congregação não deixa de dar nas vistas em Calcutá e começa a ter repercussões em alguns jornais estrangeiros. Mas é com a visita do Papa Paulo VI a Bombaim, entre 2 e 5 de Dezembro de 1964, para presidir a um congresso eucarístico internacional, que a obra de Madre Teresa terá uma projecção internacional.

Para as suas deslocações em Bombaim e Nova Deli, o Papa Paulo VI usou um automóvel oferecido pelos católicos norte-americanos, um Lincoln branco, descapotável. No fim da viagem, já no aeroporto, anunciou, perante as imensas câmaras de televisão e os microfones das rádios, para todo o mundo ver e ouvir, que oferecia o carro à Madre Teresa de Calcutá, para as suas obras de caridade. Foi um gesto que fez que a Madre Teresa de Calcutá e as sua obras passassem a ser conhecidas em todo o mundo. Madre Teresa, como seria de esperar, mandou rifar o carro e o lucro investiu-o na Cidade da Paz.

O número das irmãs Missionárias da Caridade continuou a aumentar a um ritmo bastante grande. Quanto mais crescia a congregação, mais obras de caridade foram aparecendo: hospitais, orfanatos, casas para idosos, leprosarias, escolas, enfim, onde se justificasse o serviço aos pobres, sobretudo «aos mais Pobres dos Pobres». Com a visibilidade dada pela iniciativa do Papa Paulo VI, as Missionárias da Caridade espalharam-se um pouco por todo o mundo, a pedido de muitos bispos. Madre Teresa nunca aceitou qualquer pedido sem antes testemunhar *in loco* a inevitabilidade do serviço, seguindo sempre a premissa de que o serviço era para os mais Pobres dos Pobres.

Apesar de a Índia ser um país com culturas, religiões e línguas diferentes, Madre Teresa nunca olhou para isso como um grande obstáculo. Costumava dizer que «talvez não fale a língua deles, mas posso sorrir». De facto, a linguagem do amor é universal e todas as culturas a entendem.

Apesar de ter sempre presente a vontade de Deus, de ver bem claro que o Pobre era o próprio Cristo, a vida de Madre Teresa não foi isenta de muitos sofrimentos. Entre outros factos, foi alvo de críticas, por parte de alguma comunicação social e até de católicos, sobre a proveniência dos apoios financeiros que recebia; algumas vezes foi acusada de fazer proselitismo, acusação totalmente infundada, que veio a negar com a sua ação. Apesar da sua fé, soubemos, só depois da sua morte, do sofrimento do silêncio de Deus, a noite negra por

que passou ao longo de muitos anos, a sede que tinha de Deus à semelhança dos grandes místicos. Foi como se Deus a obrigasse a sentir, como os pobres, o que é não ser amado. Pobre com os Pobres também no amor.

Há tanta contradição dentro da minha alma. Um desejo tão profundo de Deus, tão profundo que se torna doloroso, um sofrimento permanente... E contudo não ser querida por Deus, repelida, vazia, sem fé, sem amor, sem zelo. As almas não atraem. O Céu nada significa, parece-me um lugar vazio. O pensamento do Céu nada significa para mim e contudo esta ânsia da «escuridão». (...) Se alguma vez vier a ser Santa, serei com certeza uma santa da «escuridão».¹³⁸

Madre Teresa de Calcutá morre no dia 5 de Setembro de 1997, de paragem cardíaca, deixando comovido todo o mundo, porque, como afirmou o então presidente dos Estados Unidos da América, Clinton, «a fé inquebrantável de Madre Teresa tinha sacudido milhões de vidas na Índia, nos Estados Unidos e em todo o mundo».¹³⁹

Madre Teresa teve um funeral de Estado, organizado pelo governo indiano, com a presença de representantes políticos de numerosos países e até de rainhas. Certamente Madre Teresa não queria tal homenagem, mas este ato foi o reconhecimento de toda uma vida dedicada aos mais Pobres, o rosto visível de Cristo. Sim, Madre Teresa não se considerava uma humanista. Como respondera ao fotógrafo japonês, Marihiro Oki, não era assistente social nem filantropa, mas o que fazia era por amor a Cristo.¹⁴⁰

Mais tarde, na homilia da canonização da Madre Teresa de Calcutá, o Papa Francisco diz:

Madre Teresa, ao longo de toda a sua existência, foi uma dispensadora generosa da misericórdia divina, fazendo-se disponível a todos, através do acolhimento e da defesa da vida humana, dos nascituros e daqueles abandonados e descartados. Comprometeu-se na defesa da vida, proclamando incessantemente que «quem ainda não nasceu é o mais fraco, o menor, o mais miserável». Inclinou-se sobre as pessoas indefesas, deixadas moribundas à beira da estrada, reconhecendo a dignidade que Deus lhes dera; fez ouvir a sua voz aos poderosos da terra, para que reconhecessem a sua culpa diante dos crimes — diante dos crimes! — da pobreza criada por eles mesmos. A misericórdia foi para ela o “sal”, que dava sabor a todas

¹³⁸Dos escritos privados da Santa de Calcutá, acessido a 19 de julho de 2023, https://www.snpcultura.org/impressao_digital_madre_teresa_escritos_privados.html.

¹³⁹González-Balado, *Madre Teresa de Calcutá. Um amor sem fronteiras*, 179-180.

¹⁴⁰Cf.. Marihiro Oki, acessido a 14 de junho de 2023, https://www.snpcultura.org/impressao_digital_madre_teresa.html.

as suas obras, e a luz que iluminava a escuridão de todos aqueles que nem sequer tinham mais lágrimas para chorar pela sua pobreza e sofrimento. A sua missão nas periferias das cidades e nas periferias existenciais permanece nos nossos dias como um testemunho eloquente da proximidade de Deus junto dos mais pobres entre os pobres.¹⁴¹

Ao terminarmos o segundo capítulo, percebemos que mais do nunca a caridade é necessária. Num mundo em que se depositava grandes expectativas na globalização e no progresso tecnológico, parece instalar-se um clima de desconfiança em relação ao desenvolvimento. O facto de estarmos todos muito próximos digitalmente não diminuiu as assimetrias económicas e as tensões culturais. Há mesmo um fosso enorme entre os países ricos e os países pobres ao nível da economia. Nas sociedades mais desenvolvidas em termos tecnológicos vai crescendo cada vez mais um certo vazio no que diz respeito ao sentido da vida.

A caridade é a resposta do Evangelho para a construção de um mundo melhor, de um mundo com sentido. Foi, com base nessa verdade que a Igreja, ao longo dos tempos, exerceu, e continua a exercer, a misericórdia e a justiça. Vimos isso através do aparecimento de muitas obras sócio-caritativas pertencentes a Ordens e Congregações Religiosas, e também laicais. Demos especial relevo a duas pessoas que são exemplo da caridade: Padre Américo e Madre Teresa de Calcutá.

Toda esta reflexão serviu de base para a planificação das aulas de EMRC durante o Estágio. A UL 3, “A partilha do pão”, reflete sobre estas questões e aponta o caminho: “ser pão para os outros”, reatualizando o Lava-pés.

¹⁴¹Papa Francisco, Homilia da canonização de Madre Teresa de Calcutá, acedido a 20 de julho de 2023, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2016/documents/papa-francesco_20160904_omelia-canonizzazione-madre-teresa.html.

CAPÍTULO 3 – A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA (PES)

A Prática de Ensino Supervisionada (PES) decorreu no Agrupamento de Escolas de Parede, concelho de Cascais, mais concretamente na Escola 2,3 de Santo António, no ano letivo 2020/2021, em pleno tempo de pandemia Covid 19. A turma que me foi atribuída para lecionar Educação Moral e Religiosa Católica foi uma turma de 6ºano.

Este terceiro capítulo resume o que foi a nossa trajetória de estágio, incorpora a reflexão feita anteriormente tendo por base a caridade, a preparação das aulas, a concretização das mesmas, a experiência de lecionação adquirida e a ajuda imprescindível da professora cooperante Luísa Carvalho e do meu colega Bruno Pinto.

1. Contextualização da PES

Antes de apresentarmos a reflexão e a prática da PES, caracterizamos, em primeiro lugar, a escola e a turma, para nos situarmos no ambiente próprio do estágio

1.1. Caracterização da escola a que pertence o Núcleo da Prática de Ensino Supervisionada

A Escola Básica 2,3 de Santo António, nascida no ano letivo de 1972/1973, pertence ao Agrupamento de Escolas de Parede, desde 2012. Fica situada na União de Freguesias de Carcavelos e Parede, concelho de Cascais.

A Parede constituía uma freguesia autónoma, antes da reforma administrativa nacional de freguesias que se deu em 2013. A partir daí, ficou integrada na União de Freguesias de Carcavelos e Parede. Em termos de parque escolar, a realidade não mudou, pois a Parede já tinha uma série de escolas, e funcionavam há um ano em regime de agrupamento. O que mudou mesmo foi ao nível do poder local, da sua visão estratégica para uma área muito mais abrangente. A centralização do poder autárquico numa única Junta de Freguesia permite, em vez de uma gestão de cerca de quatro quilómetros quadrados, com uma população aproximadamente de vinte mil pessoas, passar a administrar uma área territorial de oito

quilómetros quadrados, com uma população de quarenta e seis mil, quinhentos e vinte e nove habitantes, segundo os censos de 2021.

Nos últimos sessenta anos, a população da Parede mais que duplicou, trazendo um grande desenvolvimento para a zona, graças ao seu microclima e às praias. Uma delas, a praia da Parede, é considerada de interesse terapêutico. Por isso, não é de estranhar a presença centenária ao lado desta praia do Hospital Ortopédico de Sant´Ana, antigo sanatório

A grande mudança da Parede deu-se nos anos 40, quando foi construída a Estrada Marginal da Costa do Estoril, vulgo Marginal, a EN 6. Na altura, quando foi anunciada a obra, o então Ministro das Obras Públicas de Portugal, Eng.º Duarte Pacheco, afirmaria que esta via seria a primeira estrada de turismo do País. A verdade é que, nessa época, a Parede começou a atrair uma população de classe média-alta, mudando radicalmente a sua paisagem. As velhas quintas e edifícios antigos deram lugar a construções de prédios e a atividade comercial aumentou exponencialmente.

Hoje, a Parede é uma freguesia heterogénea do ponto de vista social. Todo o concelho de Cascais, a que a Parede pertence, tem características predominantemente urbanas e a população ativa integra-se, essencialmente, no sector terciário da economia.

A grande parte da população é portuguesa, mas há residentes de várias proveniências.

Tendo já uma longa história de vida, quase a completar meio século, a Escola 2,3 de Santo António caracteriza-se, arquitetonicamente, por um único edifício com dois pisos. Apesar da sua idade, está num razoável estado de conservação, é acolhedora ao nível dos espaços internos e externos, possui uma dimensão minimamente aceitável para os alunos que tem e, sobretudo, transmite uma sensação de ambiente familiar, fazendo jus ao seu lema: “Uma casa de cultura, uma casa de aprendizagem e uma casa de afetos”.

Implantada numa área geográfica bastante populosa, a Escola Básica 2,3 de Santo António tem, maioritariamente, alunos que vivem na zona da Parede. Integra também alunos residentes em Carcavelos e na freguesia de S. Domingos de Rana e, de forma menos significativa, de outras freguesias mais distantes. Os alunos são na sua maioria portugueses mas, também são muitos os que nasceram noutros países (Brasil, Angola, Guiné, Cabo Verde, Moldávia, Ucrânia, Perú, Roménia, Hungria, Holanda, Rússia. China, Bélgica, Bielorrússia e Bulgária).

Esta diversidade de culturas repercute-se na comunidade escolar da Escola Básica 2,3 de Santo António, como é evidente. Esta é um mosaico social diversificado quanto à etnia, religião e classe social. A maior parte dos alunos provém da classe média, mas há um número

considerável de alunos em situação económica precária. Tudo isto constitui um grande desafio para a escola. A multiculturalidade e as diferenças económicas podem trazer algumas tensões no meio escolar, mas este, como espaço social educativo, deve ajudar a que todos os alunos tenham as mesmas oportunidades, a promover o diálogo de culturas, a solidariedade e, sugerido no próprio lema, ser uma rede de afetos, “uma casa de afetos”.

Percebi, ao longo deste estágio, que a Escola de Santo António tem sido uma referência em termos de inovação didático-pedagógica, implementando projetos e experiências na área da integração e da recuperação de alunos problemáticos e com dificuldades de aprendizagem. Fá-lo em articulação com as escolas do primeiro ciclo, criando pontes sólidas entre os três ciclos. Por sua vez, também se dá a ponte com a Escola Secundária, a sede do Agrupamento de Escolas de Parede. Este é o benefício visível da figura do agrupamento escolar. Como diz o Decreto-Lei, «O agrupamento de escolas é uma unidade organizacional, dotada de órgãos próprios de administração e gestão, constituída pela integração de estabelecimentos de educação pré-escolar e escolas de diferentes níveis e ciclos de ensino»,¹⁴² com uma série de finalidades, entre outras, o reforço da capacidade pedagógica das escolas. É o benefício do trabalho em rede. Há nesta escola uma abertura à comunidade, como o provam os protocolos com entidades privadas na área da dança e da música.

Dado o facto de estarmos em tempo de pandemia, e com tantas restrições, acabei por reduzir o meu tempo na escola ao momento de aula, durante o período de aulas presenciais. Algumas das aulas foram online. Assim, perdi a possibilidade de me inteirar melhor sobre a prática educativa da mesma e a aplicação do Projeto Educativo em vigor no Agrupamento, referente ao triénio 2018-2021, com o lema: «Na Parede ninguém perde o comboio», uma alusão à estação de comboios que tão estratégica é para a Parede. No Projeto diz-se que o Agrupamento aposta na promoção e valorização da ciência e da cultura e destaca alguns valores como a cidadania, consciência ecológica, a solidariedade, a sociabilidade, a responsabilidade e a igualdade, entre outros. Esta é a ponte para falar da disciplina de EMRC.

Numa leitura muito superficial, posso adiantar que a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica é bem aceite. Contudo, segundo a professora cooperante Luísa Carvalho, os professores, de uma forma genérica, apesar de afirmarem que EMRC é importante, acabam por não incentivar os alunos a frequentá-la, nomeadamente os Diretores de Turma. Seja porque dá trabalho a gerir mais um tempo letivo, seja por outra razão qualquer, a verdade é que não há grande empenho. Não obstaculizam, mas também não motivam. É verdade, e

¹⁴²Decreto-Lei 75/2008, art.6.

vemos isso sempre que estamos na escola, a disciplina de EMRC, na pessoa da professora Luísa, é muito solicitada para tudo o que se prende com iniciativas de cariz social e de ajuda para outros projetos que tenham a ver com a dignidade humana. É evidente o papel central desta docente, pelos anos que tem de casa e pelo trabalho que faz. Não sei se estou a ser injusto, mas parece-me que, neste momento, a escola não está sensibilizada para dar mais projeção à disciplina de EMRC. Cumpriria a missão da formação integral da criança e do jovem, como enunciado no Projeto Educativo.¹⁴³ Num projeto que se diz inclusivo e integral, a dimensão religiosa tem de ser valorizada, como o desporto, as artes e outros saberes. Sabemos como é fácil, administrativamente, diminuir a presença de EMRC na escola. Não se trata de uma conspiração, mas de uma certa inércia, facilitarismo e, sejamos claros, de menos trabalho. Quando se afirma que a educação deve ser integral, tudo se deve fazer para que isso aconteça. É verdade que vivemos tempos difíceis, que a própria pandemia retirou alunos à disciplina e o processo de matrículas no ano passado não facilitou a inscrição dos alunos. Também sei que, a montante, a responsabilidade é dos pais e da própria Igreja Católica que, sobretudo nas paróquias, não faz o trabalho de divulgação e de sensibilização que devia fazer.

O patrono desta escola é Santo António. A inspiração de uma escola integral pode ser retirada do seu exemplo de vida. Santo António foi um homem de cultura, de fé e de serviço. Na escola, tanto nos espaços internos como nos externos, há vários painéis de Santo António. A sua presença é constante. Não sei, pelo atípico deste ano, se a sua vida e obra influenciou o Projeto Educativo da Escola. A verdade é que a sua presença visual é constante, em cada recanto da escola.

1.2. Caracterização da turma em que decorreu a PES

A turma que me foi proposta para desenvolver a PES na Escola Básica 2,3 de Santo António, sob a orientação da professora cooperante Luísa Carvalho, foi constituída por cinco alunos, todos do sexo masculino. Pertenciam a três turmas diferentes: 1 do 6ºB, 3 do 6º E, o outro do 6ºF. Quatro nasceram, em 2009, e um em 2008. Este último teve uma retenção. Havia assim um homogeneidade etária.

¹⁴³O Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas de Parede diz, a propósito da identidade, que a primeira missão «é prestar à comunidade um serviço educativo de qualidade com vista à formação integral da criança e do jovem». O Projeto Educativo pode ser consultado em <https://www.aeparede.edu.pt/>.

Em cinco alunos, três nacionalidades: dois portugueses, dois angolanos e um brasileiro. Num grupo tão pequeno, deu para perceber a multiculturalidade que existia na escola. Apesar de serem de turmas diferentes, deram-se muito bem, tiveram espírito de entreajuda e respeitaram as diferenças. Eram crianças muito simpáticas, educadas, sem qualquer problema disciplinar. Como é próprio da sua idade, o tempo de atenção era curto e, por isso, foi necessário que o professor implementasse diversas estratégias, dinâmicas, para que os alunos se motivassem para a aprendizagem. Porque a capacidade de abstração ainda era diminuída, dispersavam-se facilmente no raciocínio, passando de um tema para outro, sem darem tempo a que cada passo fosse consolidado. Eram participativos, intervinham muito e faziam muitas perguntas. Gostavam do trabalho colaborativo e possuíam o sentido de justiça muito apurado.

Tendo em conta a hora em que era lecionada a aula de EMRC, 12h20m, hora em que a maioria da comunidade escolar estava a almoçar ou a fazer uso do recreio, estes cinco alunos tiveram sempre uma postura correta ao nunca referir tal situação. Foram bastante simpáticos e compreensivos para com os professores.

Pela ficha de caracterização que preencheram, percebemos que provinham de famílias de classe média e estruturadas. Todos eles viviam com os pais e irmãos. Um vivia em Lisboa, um em Carcavelos, dois na Parede e um em S. Domingos de Rana. Todos vinham de carro para a escola, com exceção de um, que fazia o percurso a pé, por morar muito perto da escola. Da ficha resultaram mais algumas informações que tinham relevo. Os pais preocupavam-se com a vida escolar dos filhos e participavam nas reuniões de escola. Quatro afirmaram saber usar as novas tecnologias e um dizia que não. Todos tinham *internet* em casa e que sabiam usar as novas tecnologias; um confirmou não ter computador. Só um dos alunos é que usufruiu dos apoios da Ação Social. Dos cinco, três gostavam de ler e quatro pretendiam fazer o ensino superior. Havia bastante dissonância sobre as disciplinas em que tinham mais, ou menos dificuldades. Não fiz qualquer pergunta sobre EMRC. É evidente que estavam inscritos na disciplina porque os pais queriam. No entanto, estes alunos nunca mostraram estar contrariados. Se estivessem, o seu comportamento seria muito diferente. Pelo contrário, mostraram interesse e gosto pela disciplina. Um dia, numa aula *online*, enquanto aguardava que todos os alunos se ligassem, estive à conversa com o aluno x. Disse-me que a disciplina de que mais gostava era EMRC. Perguntei porquê. A resposta foi pronta: «Porque aqui todos podem responder às perguntas». Referi a dificuldade que os professores têm na gestão dos debates, quando a turma é grande. Respondeu: «Ou como você comunica com a gente!». E

acrescentou: «É bom ter turmas pequenas para todo o mundo interagir!». O que o aluno estava a valorizar era mesmo a qualidade da relação do professor com os alunos e aulas participadas.

Para conhecê-los melhor, fiz uma ficha de caracterização da turma. Não fiquei surpreendido com as respostas, pois eram coerentes com aquilo que pensava deles. Pela sua postura em sala, diria, à partida, que todos tinham um bom suporte familiar e que reuniam as condições necessárias para obter sucesso escolar. Esta ficha foi realizada em janeiro. Com o passar do ano, a realidade não se alterou. A relação de proximidade aumentou, claro, mas não houve mudanças significativas no comportamento dos alunos.

2. A Unidade letiva 3, A partilha do pão

Na Carta Pastoral de 2005 *A Igreja na Cidade*, a propósito do Congresso Internacional para a Nova Evangelização, D. José Policarpo afirma:

A missão da Igreja na cidade é uma realidade permanente, porque a Igreja partilha a vida, as tristezas e alegrias, os problemas e as esperanças da cidade. A missão evangelizadora da Igreja deve sempre harmonizar a dimensão perene da perspectiva evangélica da vida e da história, com as respostas, situadas no tempo, aos problemas atuais da comunidade.¹⁴⁴

A Igreja está consciente de que, para o cumprimento da sua missão, tem de estar próxima das pessoas, seja nos momentos bons ou maus, nos momentos altos e baixos, tanto nas realidades mais pacíficas como nas de maior tensão. Foi assim durante os 20 séculos de história, apesar de, por vezes, o seu agir entrasse em contradição com o Evangelho.

Nos últimos séculos, sobretudo a partir do séc. XIX, as sociedades alteraram-se de uma forma profunda, mudando a forma de viver dos povos, não só nas cidades, mas também nos meios rurais. A Igreja, como uma instituição estruturante nas culturas ocidentais, não deixou de ser afetada pelas influências que esta nova forma de organização veio trazer. Num primeiro momento, bastante renitente à mudança; depois, de uma forma paulatina, abrindo-se à nova realidade, porque opta por não deixar de cumprir a sua missão.

Um dos pilares da sua missão é a caridade, como nos indica a parábola do bom samaritano. Ao longo da sua vida, a Igreja sempre vestiu a pele do samaritano e fez-se

¹⁴⁴D. José Policarpo, *A Igreja na Cidade* (Lisboa: ICNE), 6-7.

próxima dos mais pobres, dos mais frágeis, para cumprir o mandamento novo, o do amor a Deus e ao próximo.

Agora a Igreja, consciente da sua missão, a do serviço, «distinta da função do Estado» (SRS, 7), confronta-se com uma nova maneira de praticar a caridade, agora em cooperação com o Estado, a solidariedade social. É um conceito mais técnico, mais profissional e institucional, para definir a acção das sociedades e dos governos a favor dos mais frágeis. No entanto, a caridade tem de estar lá.

2.1. A caridade como missão da Igreja

A caridade como missão fundamental da Igreja afirma e procura realizar o lugar central do amor a Deus e ao próximo como tradução essencial do Evangelho de Jesus. É mediação indispensável de verdadeira relação com Deus e caminho decisivo de salvação. Nesse sentido, não há distinção entre caridade e diaconia.¹⁴⁵ No duplo mandamento do amor a Deus e ao próximo encontramos a síntese nuclear programática do Evangelho. O autêntico amor a Deus não pode realizar-se à margem do concreto amor ao próximo. Sem o amor aos irmãos não é possível amor real e crível a Deus, como diz São João (1 Jo 4,19-21). A propósito deste duplo amor, diz-se na “*Deus Caritas Est*”:

Se na minha vida falta totalmente o contacto com Deus, posso ver no outro sempre e apenas o outro e não consigo reconhecer nele a imagem divina. Mas, se na minha vida negligencio completamente a atenção ao outro, importo-me apenas com ser “piedoso” e cumprir os meus “deveres religiosos”, então definha também a relação com Deus. Neste caso, trata-se duma relação “correta”, mas sem amor. Só a minha disponibilidade para ir ao encontro do próximo e demonstrar-lhe amor é que também me torna sensível diante de Deus. Só o serviço ao próximo é que abre os meus olhos para aquilo que Deus faz por mim a para o modo como Ele me ama (DCE, 18).

Ou seja, a caridade ou o serviço do próximo é uma missão nuclear da Igreja, ainda que possa ocorrer de variadas formas, seja ao nível institucional, eclesial, seja ao nível particular, individual, como vimos no capítulo 1, no ponto 1.2. de uma forma mais detalhada, e refletida na prática pedagógica nas aulas de estágio de EMRC.¹⁴⁶

¹⁴⁵Borges de Pinho, «Diaconia e Caridade», 195-208

¹⁴⁶Ver planificações das aulas 2, 6, 8, 9, 10 e 11 do ponto 3 deste capítulo.

2.1.1. Nascida do Evangelho

Jesus, na Sua vida pública, não só falou de amor, do dever de amar, mas, e mais importante, deu o exemplo. A Boa Nova é proclamada por palavras e obras, maravilhosas palavras e poderosas obras. Só por isso é que «seguiram-No grandes multidões»! (Mt 4, 25) É no amor de Jesus que podemos entender os milagres, o estar perto dos pobres, dos doentes, dos publicanos, das prostitutas, dos leprosos, dos possuídos pelos demónios, das crianças, dos excluídos socialmente, etc. Jesus fala de amor com exemplos concretos. O amor é a Sua missão e este amor é tão intenso que o vai levar à cruz.

Jesus é total disponibilidade para os outros, ultrapassando as regras instituídas. Não há dia nem hora para o amor. Daí o conflito de Jesus com as autoridades religiosas por fazer milagres ao sábado. Parece claro que, para Jesus, o amor é entrega total, é gratuidade, e não pode ser aprisionado num sistema complexo de regras, de mecanismos mais ou menos rígidos, em que no centro possa estar a norma e só depois a pessoa. O cuidar do necessitado é um imperativo evangélico.

O Evangelho está cheio de passagens com Jesus a apelar ao amor. Em São Marcos, na conversa de Jesus com o escriba, Jesus afirma que estar próximo do Reino de Deus é amá-Lo com todo o coração e amar o próximo como a si mesmo (Cf. Mc 12, 28-34). Mateus também conta o mesmo episódio, acrescentando que «destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas» (Mt 22, 34-40). Ou seja, a lei é o amor. Em Mateus também, no discurso do juízo final, Jesus fala das obras de misericórdia pondo a tónica na correspondência que existe entre a pessoa que foi ajudada e Ele próprio (Mt 25,31-46). São João, quando narra a última ceia, atribui expressamente ao lava-pés realizado por Jesus o significado da humildade e do serviço a reatualizar pelos discípulos, e deixando o mandamento novo, mostra que o fundamento de tudo é o amor: «Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei; assim como Eu vos amei, também vos deveis amar uns aos outros» (Jo 13, 1-36). Em todas estas passagens, e em muitas outras, o amor de Deus é pressuposto e consequência do amor ao próximo, do mesmo modo que o amor ao próximo é pressuposto e consequência do amor a Deus.¹⁴⁷ O mesmo vemos em Lucas, na parábola do bom samaritano (Cf. Lc 10,30-37), no fim da qual Jesus pergunta ao doutor da Lei quem tinha sido o próximo daquele que tinha sido assaltado, como que introduzindo um novo olhar sobre a questão do próximo. Próximo não é só aquele que é ajudado, mas é também o que ajuda. O verdadeiro próximo, «aquele que mostrou misericórdia...», como respondeu o doutor da lei, move-se por uma

¹⁴⁷Borges de Pinho «Diaconia e Caridade», 195-208.

verdadeira misericórdia que vê apenas a necessidade e responde com compaixão. A questão do próximo, que foi introduzida pela questão da vida eterna, permite a Jesus ensinar que o único meio de obter uma vida com dimensões de eternidade é dá-la.¹⁴⁸ Tornar-se próximo do que necessita, é tornar-se próximo de Deus. É o que brota do Evangelho.

Durante a Prática de Ensino Supervisionada, antes de ter trabalhado a UL 3, “A partilha do pão”, a Unidade referência para o tema deste Relatório, lecionei a UL 2, “Jesus um Homem para os outros”. Nesta Unidade Letiva, na quarta aula, lemos e refletimos a parábola do Bom samaritano, entendida facilmente pelos alunos.¹⁴⁹ Quando iniciamos a UL 3, já os alunos conheciam esta parábola e tinham interiorizado o conceito de próximo.

2.1.2. Nas primeiras comunidades cristãs

Os primeiros cristãos, vivendo em fraternidade, «viviam unidos e possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um» (Act 2, 44-45). Resultantes do anúncio apaixonado da Ressurreição de Jesus Cristo, as primeiras comunidades cristãs dão testemunho de acolhimento e ajuda das pessoas em dificuldade. A caridade é entendida desde o início como missão essencial da Igreja. São muitas as referências a esta forma de proceder. Entre outras, o relato do levita cipriota que vende a sua terra e entrega o valor aos apóstolos (Cf. Act 4, 36-37), o proceder do centurião Cornélio que «dava largas esmolas ao povo» (Act 10, 2). Continuando nos *Atos dos Apóstolos*, S. João diz que os discípulos enviaram ajuda aos irmãos da Judeia, aquando da grande fome (Act 11 29-30). Por causa da caridade, e para não se prejudicar a necessidade da pregação, depressa se chegou à conclusão de que era preciso organizar o atendimento aos mais desfavorecidos. Daí a instituição do diaconado, que não era só mais um serviço, mas era a tomada de consciência de que as comunidades cristãs têm de ser comunidades de Amor e, como tal, têm de praticar o Amor (Cf. Act 6, 1-6).

São Paulo, o grande pregador e homem da palavra poderosa do cristianismo, foi também um homem de acção solidária, promovendo coletas para várias comunidades, nomeadamente para a comunidade de Jerusalém, como testemunha a sua *Carta aos Gálatas*, na sequência da sua segunda visita aos mesmos (Cf. Gal 2, 10). Mostra assim sensibilidade para com as necessidades quotidianas e muita preocupação pelos pobres. Para ele esta forma

¹⁴⁸Cf. Luísa Almendra, «Quem é o Meu Próximo?», *Communio*, 2 (2009): 145-156.

¹⁴⁹Consultar a dinâmica da aula no Portefólio, 77-84.

de agir era intrínseca ao ser-se cristão, aliás, como o resume na *Primeira Carta aos Coríntios* (Cf. 1 Cor 13, 1-13). O hino à caridade, como depois foi chamado este texto paulino, é tão rico no conteúdo, que Bento XVI diz que deve ser considerado «a Magda Carta de todo o serviço eclesial» (DCE, 34).

São Paulo afirma que sem a caridade nada somos, ainda que tenhamos muitos dons, muitos atributos. Como é atual esta linguagem.

Entre outros textos que falam da necessidade da caridade, vemos em Tiago uma linguagem muito forte contra quem faz aceção de pessoas, preferindo o rico ao pobre, e contra quem não é misericordioso (Tgo 2, 1-12). Nos versículos seguintes, S. Tiago explica que a fé sem obras é morta, dando o exemplo do que está nu ou do que passa fome, sem que alguém lhes atenda com gestos concretos, apenas usando palavras completamente improdutivas. Este texto, entre outros, revela-nos a extrema importância da caridade, no contexto do Anúncio de Jesus.

2.1.3. Ao longo dos séculos

É patente em inúmeros testemunhos escritos que nos primórdios do cristianismo a prática da caridade era uma realidade, mesmo que nalguns ambientes ainda existissem alguns resquícios de evergetismo.¹⁵⁰ Tal como na altura, ainda hoje há alguma vaidade disfarçada de caridade.

Tertuliano descreve como os pagãos se admiram com a caridade dos cristãos.

No princípio do séc. IV, a fome e a doença assolavam o exército de Constantino. Pacómio, um soldado pagão, nascido no Egipto, foi atraído pelo comportamento de muitos dos seus camaradas romanos que davam comida e ajudavam todos aqueles que precisavam de ajuda, sem discriminarem pessoa alguma. Tentou perceber porque o faziam. Eram cristãos. O fascínio causado nele por semelhante exemplo fez que ele estudasse aquela religião e, depois de uma caminhada, aderiu à fé, tornando-se monge e redigindo a primeira regra de vida monástica.

É também desta altura S. Basílio, bispo de Cesareia, que ficou conhecido, entre outras coisas, pelo seu cuidado para com os pobres e necessitados. É ele quem constrói a Basilíade, um importante hospício construído para os pobres, como corolário lógico do que pensava ser

¹⁵⁰Muito próprio da Antiguidade Clássica, o evergetismo era a prática da oferta de bens à comunidade, por parte de pessoas com algumas posses, à espera do elogio público. Na Grécia, por exemplo, era comum a oferta de obras públicas.

uma das competências fundamentais da comunidade cristã.¹⁵¹ Para Basílio aquela obra era expressão concreta da Igreja que tinha de ser hospitaleira para com os pobres, sinal da inseparabilidade do duplo mandamento do amor e, ao mesmo tempo, denúncia acerca da acumulação de riquezas nas mãos de poucos. Também um seu amigo, Eustácio de Sebaste, tinha construído um centro de acolhimento para doentes e leprosos.

Estas iniciativas de criar estruturas para acolhimento dos pobres, dos doentes, para estrangeiros e outras situações de carência, estavam a acontecer um pouco por todo o lado na Igreja do séc. IV, sobretudo nos grandes centros, e aconteceram também nos séculos seguintes, variando em função das necessidades e estruturas das sociedades.

As grandes e pequenas abadias alimentaram e trataram milhares de pobres e de doentes. Veja-se o caso de Saint-Germain des Prés, fundada no séc. VI, ou Cluny, fundada no séc. X, entre outras. De salientar também o papel das ordens mendicantes no serviço da caridade, surgidas a partir do séc. XIII, sobretudo a dos franciscanos e a dos dominicanos.

Nos finais do séc. XIV, apesar de os cristãos nunca terem abdicado da prática das obras de misericórdia, com o advento da economia monetária, começa a haver em toda a Europa uma tensão entre a sociedade afluyente e os pobres. Estes começam a ser uma ameaça, porque são considerados ociosos, perigosos, e começam a surgir teses diferentes sobre como conviver com esta realidade, porque o que está em jogo é a ordem pública. Este sentimento vai-se perpetuando pelos séculos seguintes. Neste quadro, a caridade para com os pobres torna-se suspeita aos olhos das autoridades, chegando a fazer-se leis que proíbem a mendicidade, sobretudo em países protestantes. Começa-se a controlar toda a actividade caritativa, seja a de cariz individual, seja a institucional, até com impostos. A Igreja teve de adaptar-se a essa realidade e, fazendo uso da sua influência, foi conseguindo ser fiel à sua missão, ultrapassando todas as dificuldades, continuando a fundar instituições caritativas, conforme as necessidades que iam surgindo. É no contexto do séc. XVII, que Vicente de Paulo, e outros, conscientes da sobrevivência da caridade individual, apesar das hostilidades, aproveitam a oportunidade para praticar a caridade privada, uma forma mais discreta de visitar os pobres envergonhados, acolher, alimentar, vestir e educar economicamente os miseráveis.¹⁵² A maneira de agir de Vicente de Paulo não era um caso isolado. Fazia parte duma imensa quantidade de obras do mesmo género.

¹⁵¹Cf. Giuseppe Laiti, «São Basílio e a Prática da Caridade», *Communio*, 2 (2009): 157-164.

¹⁵²Cf. Jean-Robert Armogathe, «Da esmola à assistência secs. XV-XVIII», *Communio*, 2 (2009): 165-170.

Podemos dizer que estes séculos que antecederam o séc. XIX foram como que o embrião para os governantes começarem a delinear uma intervenção social a favor dos mais frágeis, no seguimento do que os cristãos já faziam. É uma mudança muito importante, e não é alheia à influência do cristianismo. É graças à persistência da acção caritativa da Igreja ao longo dos séculos, a este olhar sem exclusão para os que sofrem, a todos os níveis, que a sociedade civil também incorpora os valores da solidariedade, da fraternidade humana, avançando com políticas no campo social.

2.1.4. No confronto com a modernidade

Entre os séculos XVIII e XIX dá-se a revolução industrial, modificando completamente a sociedade europeia. Às cidades ocorreram milhões de pessoas que até aí viviam no campo, à procura de trabalho, confiadas num futuro que parecia promissor. Um pouco por todo o lado, começando na Inglaterra, com as empresas de tecidos de algodão, passando pela Alemanha, França, Rússia e Itália, surgem muitas indústrias, sobretudo as do aço, alimentadas pela energia eléctrica, pelo carvão e pelas energias derivadas do petróleo. Com elas, aparece uma burguesia cada vez mais rica, e uma nova classe, a do proletariado, completamente desprovida de dignidade económica, obrigada a trabalhar em péssimas condições, com horários prolongados, a troco de um honorário miserável. Nas famílias proletárias as mulheres e as crianças também tinham de trabalhar para poderem ter o seu magro sustento.

Este êxodo rural alterou completamente as cidades e a forma da organização da sociedade. Aquilo que parecia ser um progresso civilizacional estava a tornar-se num verdadeiro retrocesso. É neste contexto que nasce o socialismo utópico e o solidarismo como crítica ao liberalismo capitalista, reivindicando também uma nova terminologia para a atenção ao outro, a solidariedade, em oposição à caridade cristã, que é muitas vezes caricaturada. E o que diz a Igreja sobre esta questão social?

2.1.5. A caridade nas palavras dos Papas

Num mundo cada vez mais laicizado, a Igreja tem tido a preocupação de refletir e trazer para a agenda mediática as questões da justiça, da paz, da igualdade, como condições para combater a pobreza e para contribuir para um mundo mais justo.

Leão XIII, com a Encíclica *Rerum Novarum*, sobre as consequências da Revolução Industrial, e que passaria a ser um pilar fundamental para a Doutrina Social da Igreja, vai denunciar os resultados do capitalismo liberal que, sem escrúpulos, explorava multidões de operários e as suas famílias. O que é que isto tem a ver com a caridade? A caridade está presente implicitamente. Pio XI, na *Quadragesimo Anno*, aquando do 40º aniversário da *Rerum Novarum*, corroborando o pensamento de Leão XIII, vai dizer que não basta a justiça, é necessária a caridade:

Quanto se enganam pois os reformadores incautos, que atendendo somente a guardar a justiça comutativa, rejeitam com orgulho o concurso da caridade! Decerto não pode a caridade substituir a justiça, quando o devido se nega iniquamente. Contudo ainda que o homem alcance enfim quanto lhe é devido, restará sempre um campo imenso aberto à caridade: a justiça, se bem praticada com todo o rigor, não há dúvida nenhuma que poderá remover as causas de litígio em matéria social, mas não chegará jamais a unir os corações e as almas (QA, 137).

João XXIII, na encíclica *Mater et Magistra*, mais uma vez a propósito da *Rerum Novarum*, no seu 70º aniversário, lembra que «a Igreja não deixou de se preocupar ao mesmo tempo com as exigências da vida cotidiana dos homens, não só no que diz respeito ao sustento e às condições de vida, mas também no que se refere à prosperidade e à civilização em seus múltiplos aspetos, dentro do condicionalismo das várias épocas» (MM, 3) . E diz mais:

Por conseguinte, a ação de cada um, qualquer que seja o objeto da mesma e o meio em que se exerce, não pode deixar de ser mais desinteressada, mais vigorosa e mais humana; pois a caridade: "é paciente, é benigna, [...] não busca os seus próprios interesses, [...] não folga com a injustiça, alegra-se com a verdade, [...] tudo espera, tudo suporta" (1 Cor 13,4-7), (MM, 255).

Na encíclica *Populorum Progressio*, Paulo VI diz que «o dever de solidariedade é o mesmo, tanto para as pessoas como para os povos» (PP,48). E resume algumas ações de solidariedade da Igreja:

Já se fizeram ouvir apelos angustiados. O de João XXIII foi calorosamente atendido. Nós próprio o repetimos na nossa mensagem de Natal, em 1963, e novamente, a favor da Índia, em 1966. A campanha contra a fome, iniciada pela Organização Internacional da Alimentação e Agricultura (FAO) e estimulada pela Santa Sé, provocou dedicações generosas. A nossa Caritas Internacional está por toda a parte em ação e numerosos católicos, sob o impulso dos nossos irmãos no episcopado, dão e dão-se sem medida, para ajudar os que necessitam, alargando progressivamente o âmbito do seu próximo (PP, 46).

A Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis* de João Paulo II, fala da intervenção dos seus antecessores sobre a doutrina social da Igreja, e invoca o lema do pontificado de Pio XII, “Opus iustitiae pax”, a paz como obra da justiça, comentando: «Hoje poder-se-ia dizer, com a mesma justeza e com a mesma força de inspiração bíblica (cf. Is 32, 17; Tg 3, 18), “Opus solidaritatis pax”: a paz é o fruto da solidariedade» (SRS, 39).

Como vimos no primeiro capítulo, a Encíclica *Deus Caritas Est*, que se debruça sobre o serviço eclesial organizado da caridade, cuja segunda parte, «intitulada “Caritas, a prática do amor realizada pela Igreja enquanto ‘Comunidade de Amor’ é uma clara oportunidade, estímulo e orientação para uma revisão, aprofundamento e actualização da organização e prática do serviço da caridade em toda a Igreja...».¹⁵³ Bento XVI explica quais são para ele os elementos constitutivos que formam a essência da caridade cristã e eclesial: seguir o modelo do bom Samaritano, independente de partidos e ideologias, e sem proselitismo. Também do Papa Bento XVI, a *Caritas in Veritate* diz que a busca da verdade deve guiar toda a ação social. Sem verdade, sem confiança e sem amor verdadeiro não pode haver consciência nem responsabilidade social. «O amor – “caritas” – é uma força extraordinária, que impele as pessoas a comprometerem-se, com coragem e generosidade, no campo da justiça e da paz» (CV, 1).

O Papa Francisco retoma o tema da solidariedade social e da caridade na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* e na Carta Encíclica *Fratelli Tutti* que abordei nas aulas de EMRC e foi base para reflexão no primeiro capítulo deste Relatório.

Entre outros documentos da Igreja, esta última encíclica tenta regressar aos primórdios do cristianismo ao afirmar a primazia da caridade, que é amor e que é fator decisivo de justiça. Este apelo dos papas é uma resposta ao grito da multidão dos pobres, sejam eles de que natureza forem, que as culturas urbanas têm produzido. É que, e parece contraditório, a

¹⁵³Manuel Luís Marinho Antunes, «O serviço da caridade», *Communio*, 2 (2007): 117-196.

um avanço tecnológico tão grande, não tem correspondido necessariamente mais humanismo. Há conquistas muito importantes ao nível dos Direitos do Homem, mas, entre outros males, há a institucionalização da solidão e o aumento das situações de pobreza.

2.1.6. A caridade em modo de solidariedade social

Com o advento do Estado Social, os Estados que aderiram a tal novidade, que até aí não tinham tido grande protagonismo na acção social, começam a colocar na agenda as políticas sociais, implementando, como prioridade, políticas que facilitem a integração de todos os mais desfavorecidos, dos mais fragilizados da sociedade, ações tendo em vista a erradicação da pobreza e a evitá-la. A partir de um certo momento temos o Estado e a Igreja cooperando no mesmo sentido. E porque a solidariedade social passou a ter um Ministério concreto, em Portugal, por exemplo, esta passou a ser objeto de muita reflexão e de produção de leis. A Igreja, porque parceira social do Estado, passa a ter acordos com este, recebendo subsídios estatais e descurando, muitas vezes, a anterior forma de angariação de ajudas, nomeadamente dos próprios fiéis, aplicando uma lógica de acção social nada distintiva das outras IPSS, nas diversas valências, porque obrigada a determinados regulamentos. Essas leis, refletindo uma série de preocupações, acabaram por sufocar uma intervenção mais genuína por parte das instituições da Igreja, porque, em nome duma certa tecnicidade, ficaram obrigadas a cumprir os protocolos celebrados, limitando a sua acção. A caridade transformou-se na solidariedade social, técnica, fria, despida, muitas vezes, dos valores evangélicos. Daí resulta alguma tensão entre quem preconiza uma acção mais sócio-caritativa e quem defenda uma acção com base numa acção social mais técnica.

A Igreja, sempre atenta aos mais fracos, esteve e está na primeira linha das instituições que se dedicam aos outros, agora, colaborando com o Estado que assumiu as políticas sociais. E porque a colaboração é feita com base em protocolos e regras bem definidos, com consequências ao nível dos subsídios, a Igreja ficou um pouco refém de uma linguagem nova e de maneiras de atuar iguais às das instituições do Estado e de outras particulares, não reivindicando muitas vezes a independência da sua expressão social da fé cristã, que o próprio Estado devia respeitar. Exemplo disto é o que se passa em grande medida com os Centros Sociais e Paroquiais. Passaram a ser tão institucionais, e tão afastados do quotidiano da vida paroquial, que os próprios paroquianos não se identificam com eles. O problema que se coloca não é saber se a Igreja está a proceder bem, se cumpre com o protocolado, se cuida

bem dos que lhe são confiados, se tem as equipas técnicas necessárias, se aposta nas instalações, se, até é diferenciadora ao nível dos cuidados. A pergunta pertinente é se a Igreja, na sua acção social, pratica a caridade. E este é que é o cerne da questão. Porque, se não o faz, é igual a qualquer uma das instituições de solidariedade social laicas, e não passa de uma instituição de bem fazer, de promoção da cidadania como tantas. O hino da caridade, invocado pelo Papa Bento XVI na Encíclica *Deus Caritas Est* como Carta Magna de toda a actividade eclesial, não é um rol de leis. É verdadeiramente um programa de vida que brota da fé em Deus e que vê Deus no próximo. O gesto da dádiva não pode ser simplesmente o acudir a uma necessidade, mas sim um gesto que vem do interior, directamente do coração, do amor. Isso é a caridade. O *Catecismo da Igreja Católica* faz uma citação do *Catecismo Romano* que fala da decisiva centralidade da caridade: «A finalidade da doutrina e do ensino deve fixar-se toda no amor, que não acaba.» (CIC, 25).

Se é verdade que agora à caridade cristã se chama solidariedade, e é o próprio Papa João Paulo II quem na *Centesimus Annus* retrata esta mudança vocabular, não se pode prescindir da lógica caritativa no exercício do cuidar do outro. Os cristãos envolvidos na acção social têm de continuar a ver Jesus na figura do mais frágil, têm de estar conscientes do duplo mandamento: amar a Deus e ao próximo. No fundo, da perspectiva de um cristão, chamar-se solidariedade social à caridade nada altera na forma como se olha o próximo. Na parábola do bom Samaritano, este não teoriza a sua acção. Limita-se a acudir àquele que precisa de cuidados, sem estar à espera de recompensa. Pura gratuidade.

2.1.7. A caridade para além da solidariedade

Diferentes dos Centros Sociais e Paroquiais são, por exemplo, as Conferências de São Vicente de Paulo de que já falámos no segundo capítulo deste Relatório, que, seguindo outra lógica de acção, não estão tão arreigadas a formas de proceder de tipo administrativo, com horários de função pública, com regulamentos “teia-de-aranha”, em que se aprisiona mais do que se liberta. São milhares de pessoas que dão tempo ao próximo, anónimas, que prescindem de títulos, e que, muitas vezes em condições difíceis, mostram o rosto de uma Igreja que vive as obras de misericórdia. Não são pessoas que trabalham para receber algo em troca. Se quisermos, a única paga é o sentimento do dever cumprido, o dever de ser próximo de quem já não acredita ser próximo de alguém.

Muitas iniciativas semelhantes às das Conferências de São Vicente de Paulo surgem espontaneamente no seio da Igreja, tanto colectivas como particulares, iniciativas da Cáritas, por exemplo, mostrando que a caridade está viva, tenha o nome que tiver, desde que não seja caridadezinha, como tantas vezes o Pe. Américo criticava, e até apelidando algumas de «paradas de caridade». ¹⁵⁴

Na tese sobre as lógicas da acção no campo católico, em Portugal, Henrique Joaquim chega à conclusão de que, apesar de haver uma pluralidade de lógicas de acção na solidariedade social, ainda existem dimensões comuns na sua base:

A lógica de dom, enquanto elemento fundamental na construção de relações sociais, e a necessidade de clarificar a noção de “caridade”, tendo em conta o seu carácter polissémico: acto gratuito de dádiva; acto assistencialista de apoio a pessoas em situação de necessidade ou de vulnerabilidade; determinante de uma acção, cujo interesse e intencionalidade são mobilizados pela compaixão que se sente por alguém, numa situação de face a face; expressão da consciência de dons recebidos que tornam imperativa a acção ao serviço do outro». ¹⁵⁵

Eu diria que, apesar de todos os problemas que vamos vislumbrando no campo da acção social católica, não só de ordem organizativa, mas também das pessoas que trabalham nesta área, e, por exemplo, da sua sustentabilidade financeira muito dependente do Estado, no caso português, que Henrique Joaquim assinala, ainda se vislumbra que a caridade está para além da solidariedade. Na generalidade, a sociedade civil confia na acção social católica, reconhece a sua origem e a sua característica diferenciadora: a caridade. As expectativas que se colocam numa instituição da Igreja são sempre maiores do que numa IPSS de outra entidade.

Retomando a ideia da lógica de dom, apontada por Henrique Joaquim, e para finalizar o ponto 2, durante a Prática de Ensino Supervisionada foi lecionada uma aula, precisamente a última, em que falamos dos dons de cada um, que devem estar ao serviço dos outros. ¹⁵⁶ Os alunos tiveram alguma dificuldade em perceber o que se pretendia. Foi feita uma dinâmica usando uma ferramenta digital, muito ao gosto dos jovens, participaram mas com algumas respostas um tanto ou quanto desenquadradas. Na autoavaliação percebi que não tinha sido eficaz na explicação do que é um dom.

¹⁵⁴Pe. Américo, *Doutrina* (Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1974).

¹⁵⁵Henrique Manuel Marques Joaquim, *Lógicas de Acção no Campo Católico: diversidade de Modelos e Práticas no domínio da Acção Social*, (Lisboa: UCP, 2011).


¹⁵⁶Consultar planificação da aula nº 11 no ponto 3.11 deste capítulo. Consultar os materiais usados na aula no Portefólio, 207-211.

3. Prática letiva

Depois de uma reflexão sobre a caridade, para mim subentendida na Unidade letiva 3 do manual de EMRC do 6º ano,¹⁵⁷ passo a apresentar como estruturei cada uma das aulas e como decorreram, acrescentando os comentários da professora cooperante Dra. Luísa carvalho e do meu colega Bruno Pinto.

3.1. Aula 1 da UL 3

Quadro 1: Planificação da aula 1 da Unidade letiva 3¹⁵⁸

6º ano	Unidade 3: A partilha do pão		Data: 16 /03 /2021			
Sumário: Introdução à unidade 3, "A partilha do pão". A alimentação, aspetos da história e da cultura. A lenda das Rosas.						
Aprendizagens essenciais: Descobrir que a partilha dos bens supõe a partilha de si.						
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação Formativa
J. Descobrir a simbólica cristã. O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	4. Reconhecer o valor da solidariedade. 6. Tomar consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de si.	A alimentação: - aspetos da história - cultura - significado da palavra gastronomia. A lenda das Rosas, ilustração do alimento solidário.	Acolhimento e sumário	Ppt; Caderno diário	5'	Interesse e participação ativa na aula <i>on-line</i> : - espírito crítico - reflexão - capacidade de síntese - leitura
			O prof., com a ajuda dos alunos, faz a síntese da unidade anterior, recorrendo aos resultados do questionário sumativo realizado na última aula..	Ppt	10'	
			O prof, como introdução à Unidade 3, "a partilha do pão", propõe um pequeno vídeo (Eat together): https://www.youtube.com/hashtag/eattogether Depois da visualização, o prof. pede aos alunos que escolham um título para o vídeo, dando tempo para a reflexão e partilha.	Ppt; manual escolar.	9'	
			O prof. apresenta a importância da alimentação, aspetos da história e da cultura, o significado de gastronomia, com o apoio de um PowerPoint. Fá-lo, em diálogo permanente com os alunos.	Ppt; Manual escolar.	10'	
			O prof. pergunta se alguém conhece a lenda das Rosas. Os alunos respondem. Depois, pede aos alunos que abram o manual na pg. 84 e partilhem a leitura , oralmente. No fim, pede que falem sobre a atitude da rainha D. Isabel.	Manual escolar; manual digital.	8'	
			O prof. ajuda os alunos a fazer a síntese da aula.	Ppt	3'	
			Proposta de Síntese: A alimentação permite-nos viver.			

¹⁵⁷O termo "caridade" não aparece na Unidade letiva 3 como uma palavra-chave que resume a ação cristã.

¹⁵⁸A planificação da aula e respetivos materiais de apoio podem ser consultados no Portefólio, 143-149.

Esta foi a primeira aula da Unidade Letiva 3, “A partilha do pão”, unidade de referência do meu trabalho final. Foi lecionada ainda em regime *on-line*, e com a presença, via *Google Meet*, dos professores orientadores, Dra. Cristina Sá Carvalho e Dr. Juan Ambrósio, da UCP.

Depois de apresentados aos alunos os professores orientadores, iniciei a aula apresentando o sumário. Depois, fez-se o resumo da unidade anterior, com a ajuda da turma e recurso aos resultados do questionário sumativo, realizado na última aula, relativo à UL 2, “*Jesus um Homem para os outros*”, unidade letiva por mim lecionada nas semanas anteriores.

Como início da nova unidade, foi proposto um pequeno vídeo, “*Eat together*”. Após a visualização deste, pedi aos alunos que pensassem numa proposta de título para o vídeo, dando algum tempo para a reflexão e partilha.

Em seguida, com o apoio de um Ppt, comecei a falar da importância da alimentação, aspetos da história e da cultura e o significado de gastronomia, sempre em diálogo permanente com os alunos. Os diapositivos foram acompanhando a descrição dos vários assuntos.

Penso que a aula foi bem ministrada, apesar de ter havido, num primeiro momento, um percalço com a partilha do écran, o que me trouxe algum nervosismo. Este nervosismo foi potenciado também pela presença dos professores orientadores que, para todos os efeitos, representa um olhar avaliativo sobre a prestação letiva. Porque tive dificuldade em gerir o tempo, acabei por não falar da “lenda das rosas”, prevista na planificação, nem fazer a síntese da aula com os alunos. Estes, estiveram muito interventivos, respondendo a perguntas, colocando outras, e relacionando conhecimentos. Talvez o mais importante tenha sido o facto de, com o vídeo, terem entendido rapidamente que a refeição é também um lugar simbólico, de partilha. Não se ficaram pelos alimentos.

Após a aula, durante a reunião de avaliação, o Prof. Juan realçou a relação pedagógica existente entre nós e os alunos, o bom ambiente e o facto de os alunos se sentirem confortáveis no espaço de aula, e serem muito participativos. Registou também como algo de muito positivo o aproveitamento que fiz de tudo o que os alunos disseram e a partilha dos desenhos deles no Ppt aquando da avaliação da unidade anterior. Isso valoriza-os, sem dúvida. Muito positivo também, foi o facto de, desde o primeiro momento, ter centrado o objetivo da unidade a ser lecionada, que a partilha do pão supõe a partilha de si. O Prof. Juan disse que a proposta feita aos alunos de darem um título ao vídeo foi uma grande ideia e que, com a ajuda do professor, conseguiram chegar à essência do tema tratado. Quanto aos dados sobre a

alimentação, a sua história e a cultura, o Prof Juan salientou que isso é importante porque «o território por excelência de EMRC é a fronteira, com toque de culturas...».


Como menos positivo, afirmou que a síntese da aula anterior se “arrastou” muito, talvez por causa dos problemas técnico surgidos.

A Profª Cristina não acrescentou muito mais, a não ser que, talvez, devo disciplinar um pouco mais os alunos. Incentivou a continuar a trabalhar.

A Profª Luísa afirmou que eu tenho um bom relacionamento com os alunos, que me rio com eles. Também gostou do vídeo e da dinâmica do título. Dois reparos: na síntese inicial, devia ter mostrado os questionários; no final da aula, não era necessário dizer que faltava trabalhar a “lenda das rosas”,

3.2. Aula 2 da UL 3

Quadro 2: Planificação da aula 2 da Unidade letiva 3¹⁵⁹

6º ano	Unidade 3: A partilha do pão		Data: 23 /03 /2021			
Sumário: A lenda das rosas. A refeição, experiência de encontro. Autoavaliação.						
Aprendizagens essenciais: Descobrir que a partilha dos bens supõe a partilha de si.						
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação Formativa
J. Descobrir a simbólica cristã. O. Amadurecer a sua responsabilidade e perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	1. Descobrir a dimensão simbólica da refeição. 4. Reconhecer o valor da solidariedade. 6. Tomar consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de si.	A lenda das Rosas, ilustração do alimento solidário.	Acolhimento e sumário	Ppt; Caderno diário	5'	Interesse e participação ativa na aula <i>on-line</i> : - espírito crítico - reflexão - postura - leitura - autoavaliação
		A alimentação:	O prof., com a ajuda dos alunos, faz a síntese da aula anterior.		5'	
		- a refeição; - a refeição como festa e experiência de encontro;	O prof. introduz a “Lenda das Rosas”. Pede aos alunos que abram o manual na pg. 84 e partilhem a leitura , oralmente. Em seguida, uma reflexão conjunta sobre a atitude da rainha D. Isabel.	Ppt; manual escolar.	10'	
		- o ritual da preparação da refeição e a sua expressão cultural. Jesus e a importância da refeição.	Com o apoio de um Ppt, o professor apresenta uma reflexão sobre a importância da refeição como lugar de encontro, espaço de relação, de fraternidade, de convívio, de família, de cultura... Refere algumas das vezes em que Jesus se encontra à mesa com alguém, nomeadamente a Última Ceia. Aproveita este último episódio para falar da Páscoa (Páscoa judaica e Páscoa cristã).	Ppt	15'	

¹⁵⁹A planificação da aula e respetivos materiais de apoio podem ser consultados no Portefólio, 150-157.

			O prof. potencia a participação dos alunos.			
			O prof. propõe aos alunos que preencham a ficha de auto-avaliação , enviada para o <i>classroom</i> .	Ficha no <i>classroom</i> .	7'	
			O prof. ajuda os alunos a fazer a síntese da aula.	Ppt	3'	
Proposta de Síntese: A refeição é um momento de encontro.						

Na segunda aula da Unidade 3, em regime *on-line*, apresentei a “lenda das rosas”, como um exemplo de alimento solidário, e desenvolvi o tema da refeição, como experiência de partilha, de festa.

Comecei pelo momento de acolhimento e apresentação do sumário. Depois, com ajuda dos alunos, fez-se a síntese da aula anterior.

Introduzi a “lenda das rosas”, pedindo aos alunos que utilizassem o manual para partilharem a leitura, oralmente. Em seguida, uma reflexão conjunta sobre a atitude da rainha D. Isabel.

Com o apoio de um Ppt, apresentei uma reflexão sobre a importância da refeição como lugar de encontro, espaço de relação, de fraternidade, de convívio, de família e de cultura. Referi algumas das vezes que Jesus se encontrou à mesa com alguém, nomeadamente, no episódio da Última Ceia. Aproveitei este último acontecimento para introduzir a Páscoa (Páscoa judaica e Páscoa cristã), uma vez que íamos celebrar dentro de dias.

Na parte final da aula, dei um tempo aos alunos para que estes preenchessem a ficha de Autoavaliação, no *classroom*, uma vez que esta era a última do segundo período.

Para acabar, apresentei uma proposta de síntese: “A refeição é um momento de encontro”.

Pensamos que a aula decorreu bem, tendo em conta as limitações do ensino à distância (Esperemos que seja a última nestes moldes.) A aula foi planificada no sentido de os alunos consolidarem a questão da partilha e da festa, presentes na refeição, para que não fiquem presos somente à importância desta por motivos biológicos. Também quisemos fazer uma ponte para a Páscoa, uma vez que esta é a última aula antes da celebração da Páscoa. Estes dois pontos foram entendidos, a avaliar pelas reações dos alunos. A avaliação pelo *Google Forms* foi uma boa solução.


Segundo a prof^a Luísa, a aula foi bem estruturada, e gostou das imagens escolhidas para a síntese da aula anterior. Salientou 3 dados: primeiro, foi importante ter acolhido bem o

aluno x, que chegou muito atrasado à aula. Fui pedagógico perante o seu pedido de desculpas; em segundo lugar, devia ter projetado o texto da “lenda das rosas” no Ppt, pois alguns alunos não tinham o manual. Uma vez que não o fiz, devia ter convidado um dos alunos, que não tinha o livro, a fazer o resumo da história; por último, perante a não intervenção dos alunos y e z, devia ter “puxado” por eles.

A aula decorreu muito bem. Fiz bem a distinção entre a Páscoa judaica e a Páscoa cristã.

3.3. Aula 3 da UL 3

Quadro 3: Planificação da aula 3 da Unidade letiva 3¹⁶⁰

6º ano	Unidade 3: A partilha do pão		Data: 06 /04 /2021			
<p>Sumário: O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição: o pão, símbolo do alimento essencial; o vinho, símbolo da vida e da alegria para a tradição bíblica.</p> <p>Aprendizagens essenciais: Descobrir que a partilha dos bens supõe a partilha de si.</p>						
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação Formativa
<p>J. Descobrir a simbólica cristã.</p> <p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p>	<p>1. Descobrir a dimensão simbólica da refeição.</p> <p>4. Reconhecer o valor da solidariedade.</p> <p>6. Tomar consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de si.</p>	<p>Significado simbólico-religioso do alimento e da refeição:</p> <p>- pão</p> <p>- Vinho</p> <p>Texto bíblico Ex 16, 1-16, sobre o maná.</p> <p>Texto bíblico Jo 6, 1-12 – a multiplicação dos pães</p>	Acolhimento e sumário	Ppt; Caderno diário	5'	<p>Interesse e participação ativa na aula presencial:</p> <p>- espírito crítico</p> <p>- reflexão</p> <p>- postura</p> <p>- leitura</p>
			O prof., com a ajuda dos alunos, faz a síntese da aula anterior e enfatiza a importância da Páscoa.		7'	
			Com o apoio de um Ppt, o professor apresenta uma reflexão sobre o significado simbólico-religioso do alimento e da refeição, a partir dos elementos pão e vinho, fazendo referência ao pão ázimo e ao maná. Antes, explica os conceitos de simbólico e religioso	Ppt; manual escolar.	15'	
			O prof. propõe a leitura de Ex 16 , sobre o maná. Depois da leitura, explica o contexto do povo de Israel e pergunta aos alunos qual seria a reação deles se fossem intervenientes no acontecimento. Admiravam-se? Agradeciam? Que relação estabeleceriam com o alimento daí para a frente? Refere o episódio da multiplicação dos pães por parte de Jesus e pergunta se alguém conhece a oração do Pai-Nosso. Pede que partilhe e explica o significado do “Pão Nosso de cada dia”.	Ppt	15'	

¹⁶⁰A planificação da aula e respetivos materiais de apoio podem ser consultados no Portefólio, 158-163.

			O prof. ajuda os alunos a fazer a síntese da aula.	Ppt	3'	
Proposta de Síntese: O ato de comer é um ato sagrado.						

Esta aula, a número três da Unidade 2, já foi em regime presencial, felizmente.

Depois do acolhimento, com o enfoque na Páscoa e no facto de estarmos todos juntos, presencialmente, convidei os alunos a passar o sumário, que tinha sido escrito no quadro. Em seguida, apresentei uma reflexão sobre o significado simbólico-religioso do alimento e da refeição (explicando o significado de simbólico e religioso), a partir dos elementos pão e vinho, fazendo referência ao pão ázimo e ao maná. Todo este processo, num diálogo contínuo com os alunos.

Quase no final da aula, eu próprio fiz a leitura de Ex 16, sobre o maná, e contextualizamos o episódio bíblico.

Ao chegar à sala de aulas, percebi que não tinha trazido a *pen* onde estava alojado o Ppt, preparado para a aula, que nos ia ajudar a balizar a mesma e a ser suporte didático para os alunos. Que fazer? Avançar com a aula, seguindo a planificação original, tentando tornar o momento o mais dinâmico possível, sem o recurso visual do Ppt. O desafio que se impunha era captar a atenção dos alunos, fazendo da aula um diálogo, o menos expositivo possível. Apesar do transtorno inicial, a aula acabou por ser normal, com a ajuda dos alunos que foram participativos.

Eu, que tenho algum problema com a gestão do tempo, sem o “pêndulo” do Ppt perdi-me na planificação, não chegando a desenvolver como queria a questão do evento do maná, não apresentando as perguntas preparadas para os alunos, e não referindo o milagre da multiplicação dos pães e o significado do “Pão nosso de cada dia”. De qualquer maneira, esta aula, mais coloquial, acabou por não ser “aborrecida”. O que não foi abordado, será feito no início da próxima aula.


Nesta aula aconteceu uma situação que, penso, não resolvi muito bem. Dois alunos (os que participam mais), numa tentativa de serem mais justos para com os colegas, resolveram não intervir em primeiro lugar, para que os outros pudessem fazê-lo. Achei interessante a preocupação e até entendi, não colocando limites. O problema é que isso acabou por trazer algum ruído à aula. Sobre isto, a prof^a Luísa aconselhou-me a usar sempre a técnica do braço no ar e, claro, fazer uma gestão equitativa das intervenções.

Sobre a aula, a Prof^a Luísa concordou com tudo o que disse na autoavaliação, e realçou que demorei muito tempo na questão do pão e do vinho, que quando fiz a leitura do *Êxodo* já era perto das 13h, quase a acabar a aula. Afirmou também que, perante a falta da *pen*,

podíamos ter ido buscar o texto bíblico à *internet*. Sobrou muito pouco tempo para o episódio do maná.

3.4. Aula 4 da UL 3

Quadro 4: Planificação da aula 4 da Unidade letiva 3¹⁶¹

6º ano	Unidade 3: A partilha do pão		Data 13 /04 /2021			
<p>Sumário: O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição: o azeite, sinal de bênção divina; a água, fonte da vida; o cordeiro, símbolo da Páscoa.</p> <p>Aprendizagens essenciais: Compreender a dimensão simbólica da refeição. Descobrir que a partilha dos bens supõe a partilha de si.</p>						
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação Formativa
<p>J. Descobrir a simbólica cristã.</p> <p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p>	<p>1. Descobrir a dimensão simbólica da refeição.</p> <p>4. Reconhecer o valor da solidariedade.</p> <p>6. Tomar consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de si.</p>	<p>O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição:</p> <ul style="list-style-type: none"> - o azeite; - a água; - o cordeiro <p>Texto bíblico:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Jo 4, 1-12 (“água-viva”) (Jesus e a samaritana) 	Acolhimento e sumário	Ppt; Caderno diário	5'	<p>Interesse e participação ativa na aula:</p> <ul style="list-style-type: none"> -comportamento -espírito crítico - reflexão - leitura - capacidade de relacionar conhecimentos
			O prof., com a ajuda dos alunos, faz a síntese da aula anterior.		5'	
			Com o apoio de um Ppt, o professor apresenta uma reflexão sobre o significado simbólico-religioso do alimento e da refeição, a partir dos elementos azeite, água e o cordeiro (o azeite para temperar, curar, iluminar e para as bênçãos; a água para beber, higiene e para os ritos religiosos; o cordeiro, alimento e símbolo da Nova Aliança.	Ppt; manual escolar.	15'	
			O prof. propõe a leitura de Jo 4, 1-12 , o episódio do encontro entre Jesus e a samaritana. A leitura será dramatizada (um aluno faz de Jesus; outro de samaritana). O prof. pede aos alunos que façam o resumo do texto e pergunta se perceberam o que é a “água-viva” de que Jesus fala. Para além da importância espiritual da água para o cristianismo, o Prof. menciona a tragédia da falta de água em algumas zonas do mundo (preocupação da Igreja Católica)	Ppt	17'	
		O prof. ajuda os alunos a fazer a síntese da aula.	Ppt		3'	
<p>Proposta de Síntese O azeite, a água e o cordeiro como símbolos religiosos.</p>						

Porque na última aula não dei todos os conteúdos que estavam na planificação, aproveitamos o tempo da síntese para rever o que foi dado e completar o que faltava, agora com a ajuda dos slides do Ppt (o episódio bíblico do maná, o milagre da multiplicação dos pães e o significado do “Pão nosso de cada dia”).

¹⁶¹A planificação da aula e respetivos materiais de apoio podem ser consultados no Portefólio, 165-170.

Nesta aula continuei a falar do significado simbólico-religioso do alimento e da refeição, desta vez com a referência ao azeite, sinal de bênção divina, a água, fonte da vida, e o cordeiro, símbolo da Páscoa.

Ao falar destes três alimentos, foram apresentadas imagens sugestivas e dada a oportunidade aos alunos para reconhecer e partilhar o que sabiam sobre os mesmos: o azeite para temperar, curar, iluminar e para as bênçãos; a água para beber, para a higiene e para os ritos religiosos; o cordeiro, alimento e símbolo da “Nova Aliança”.

Depois, propus aos alunos a leitura de Jo 4, 1-12, o episódio do encontro entre Jesus e a samaritana. A leitura foi dramatizada (um aluno fez de Jesus; outro de samaritana). Pedi à turma que fizesse o resumo do texto e, em seguida, perguntei aos alunos se perceberam o que é a “água-viva” de que Jesus fala. Seguiu-se um diálogo bastante participado, em que aproveitei para explicar, de uma forma simples, o significado da “água-viva” a que se referia Jesus.

Saindo da importância simbólica da água, mencionei a tragédia da falta de água em algumas zonas do mundo, que constitui uma grande preocupação para a Igreja Católica (referência à “*Laudato si*”). A questão da falta de água deve ser uma preocupação de todos, uma vez que é um bem essencial para a existência da vida. Refleti com os alunos que é um verdadeiro escândalo desperdiçarmos tanta água, quando noutros países, a falta de água leva à morte. Já não houve tempo para a síntese.

Penso que a aula decorreu bem e que os alunos entenderam os conteúdos desta. Neste grupo de alunos é visível alguma diferença no seu desenvolvimento cognitivo. Segundo Piaget, estariam, nesta idade, no período das operações concretas. No entanto, percebe-se que alguns deles já estão a entrar no período das operações formais. É uma idade de transição e isso nota-se na prestação dos alunos. As intervenções na aula mostram sinais dos dois estádios. Assim, temos alguns alunos já com um pensamento mais dedutivo, mostrando alguma capacidade em fazer conexões entre conhecimentos e, por outro lado, aqueles que ainda estão na fase anterior do desenvolvimento, com um pensamento mais concreto. Por isso, nesta aula, e nas anteriores, por abordarem o significado simbólico-religioso do alimento e da refeição, tivemos um cuidado especial com a linguagem para que todos entendessem bem o que se pretendia. Penso que foi conseguido, mesmo aquando da explicação da “água-viva”.


Os alunos participaram bastante e resumiram bem o encontro de Jesus com a samaritana, que foi facilitado pela leitura dramatizada. Uma leitura dramatizada é uma forma eficaz de chamar a atenção para a importância de um texto, porque os alunos vivenciam-na melhor. O objetivo foi concretizado.

A razão de fazer referência à tragédia da falta de água em muitos lugares do mundo, com recurso à “*Laudato si*”, teve como intuito o começar a sensibilizar os alunos para a questão das consequências sociais e éticas das desigualdades. O tema desta unidade, “A partilha do pão”, obriga a uma reflexão sobre estes assuntos e a ajudar os alunos a perceber que os direitos são para todos.

O prof. Bruno Pinto gostou da aula. Disse que os alunos intervêm muito e que a primeira parte da aula foi dada num ritmo calmo. Depois, com o tempo a esgotar-se, acabei por acelerar. A prof^a Luísa concordou. Achou que “corri” no fim da aula, e isso refletiu-se, por exemplo, na questão da purificação, na água-viva. Gostou da dinâmica do diálogo de Jesus com a samaritana e chamou a atenção para o Ppt: em alguns slides, não havia uma uniformização no tamanho das letras.

3.5. Aula 5 da UL 3

Quadro 5: Planificação da aula 5 da Unidade letiva 3¹⁶²

6º ano	Unidade 3: A partilha do pão		Data: 20 /04 /2021			
Sumário A produção e o comércio dos alimentos. Definição de “Comércio justo”. Vídeo sobre esta temática. Introdução à campanha “Por detrás da máscara”						
Aprendizagens essenciais Identificar situações de fragilidade e ameaça à justa distribuição de bens. Assumir a atitude do voluntariado e o valor da solidariedade.						
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação Formativa
O. Amadurecer a sua responsabilidade e perante a pessoa, a comunidade e o mundo. N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.	2. Reconhecer situações sociais nas quais esteja patente a injusta distribuição dos bens. 4. Reconhecer o valor da solidariedade.	A produção e o comércio dos alimentos: - produção - agricultura - comércio -globalização -especulação O comércio justo. Campanha “por detrás	Acolhimento e sumário O prof., com a ajuda dos alunos, faz a síntese da aula anterior, focando sobretudo o símbolo religioso do cordeiro. O prof. pede aos alunos que procurem nos telemóveis o significado de “produção”, “agricultura”, “comércio”, “globalização” e “especulação” (cada aluno procura uma das palavras). Registam no caderno diário e, depois, partilham oralmente com a turma. O prof. esquematiza no quadro as conclusões. O prof. propõe um vídeo: “Comércio Justo” https://youtu.be/Gx9puyyMiXk . Depois da visualização, pergunta aos alunos o que perceberam sobre o conceito de “comércio	Ppt; Caderno diário Ppt Ppt; Caderno diário Ppt; Manual escolar	4’ 5’ 14’ 15’	Interesse e participação ativa na aula: - Comportamento - espírito crítico - reflexão - capacidade de relacionar conhecimentos - autonomia na pesquisa

¹⁶²A planificação da aula e respetivos materiais de apoio podem ser consultados no Portefólio, 171-175.

		da máscara”	justo” e o que está na origem do comércio injusto, pedindo exemplos.			
			A partir da narrativa da injustiça, o prof. introduz a campanha “Por detrás da máscara”.		4’	
			O prof. ajuda os alunos a fazer a síntese da aula.	Ppt	3’	
Proposta de Síntese: A produção e o comércio dos alimentos devem ser justos.						

Iniciei a aula, fazendo uma síntese da aula anterior, focando sobretudo o símbolo religioso do cordeiro. Depois, passei para um novo tema: “A produção e o comércio dos alimentos”.

Pedi aos alunos que procurassem nos seus telemóveis o significado de “produção”, “agricultura”, “comércio”, “globalização” e “especulação”. Pensei nisto, para que os alunos percebessem o significado destas palavras que são muito utilizadas quando se fala do comércio justo. Cada aluno pesquisou uma das palavras. Depois, antes de partilharem com a turma, registaram no caderno diário. Aquando da partilha, sintetizei os conceitos no quadro da sala.

Depois desta dinâmica, projetei um vídeo: “Comércio Justo”. É um vídeo bastante didático que retrata, em banda desenhada, o ciclo do cacau, mostrando a disparidade dos ganhos entre quem produz a matéria-prima e quem, no final da cadeia, vende o produto. O vídeo é enriquecido pelo movimento, pelas cores alegres e pela música. Não há comentários. Depois da visualização deste, perguntei aos alunos o que entenderam por “comércio justo” e o que está na origem do “comércio injusto”, pedindo exemplos. Foi um diálogo muito enriquecedor e os alunos mostraram ter percebido muito bem o filme e o significado de “comércio justo”, que a produção e o comércio devem seguir critérios de justiça.

No fim da aula, a partir da narrativa da injustiça, introduzi, muito ao de leve, a campanha “Por detrás da máscara”, que se irá realizar no Agrupamento de Escolas de Parede, de 27 de abril a 11 de maio, e que estes alunos ajudarão a pôr de pé na próxima aula.

A aula foi muito interessante. Talvez, por ter recorrido à estratégia do trabalho de pesquisa, e pelo uso de um vídeo bastante elucidativo da temática desenvolvida, resultou bastante bem, ultrapassando todas as minhas expetativas. Os alunos conseguiram definir muito bem o verdadeiro significado das palavras propostas e entenderam o conceito de “comércio justo”, expresso por eles numa linguagem simples, mas assertiva. Fiquei muito contentes com a troca de ideias, e com a postura dos alunos ao partilharem, sem se


atropelarem. O diálogo acabou por se prolongar um pouco mais do que previsto, tanto o da partilha do significado das palavras, como o surgido depois da visualização do filme. Assim, sobrou muito pouco tempo para o ponto final que tinha planeado: a campanha “Por detrás da máscara”, e a síntese da aula, com os alunos. Um problema de gestão de tempo, mas que, quanto a mim, não empobreceu a aula, uma vez que foi rica em dinamismo e participação.

O prof. Bruno Pinto partilhou que gostou muito da aula. Talvez por ser mais prática decorreu bem, os alunos estiveram muito interessados e chegaram ao fundamento da questão central. Mais, disse que a minha postura foi de muita serenidade.

A prof^a Luísa salientou como positivos, a partilha da pesquisa, o respetivo registo no quadro, o ser uma aula prática e o envolvimento dos alunos. Como ponto menos positivo, a gestão de tempo. Achou que a preparação para o filme foi demorada.

3.6. Aula 6 da UL 3

Quadro 6: Planificação da aula 6 da Unidade letiva 3¹⁶³

6º ano	Unidade 3: A partilha do pão		Data: 27 /04 /2021			
Sumário: Preparação e montagem da Campanha de solidariedade “Por detrás da máscara”.						
Aprendizagens essenciais: Identificar situações de fragilidade e ameaça à justa distribuição de bens. Descobrir que a partilha dos bens supõe a partilha de si. Assumir a atitude do voluntariado e o valor da solidariedade.						
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação Formativa
O. Amadurecer a sua responsabilidade e perante a pessoa, a comunidade e o mundo. N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.	2. Reconhecer situações sociais nas quais esteja patente a injusta distribuição dos bens. 4. Reconhecer o valor da solidariedade. 6. Tomar consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de si. 7. Valorizar a atitude de	Reflexão e preparação da Campanha “Por detrás da máscara”, a favor das famílias mais necessitadas do Agrupamento de Escolas de Parede. - Construção de mural; -Elaboração das setas indicativas do espaço da recolha	Acolhimento e sumário	Caderno diário	4'	Grau de Participação na campanha:
			O prof., com a ajuda dos alunos, faz a síntese da aula anterior		5'	- Interesse - reflexão
			O prof. apresenta as razões da realização da Campanha “Por detrás da máscara”. Pede aos alunos que partilhem as respostas à pergunta “o que estará por detrás da máscara?”, colocada no <i>classroom</i> , como trabalho para casa.		8'	- capacidade de trabalho - entreadjudada -espírito crítico
			O prof. distribui tarefas : - 2 alunos tratam do mural (no fim, colocam no lugar escolhido) - 2 alunos fazem as setas indicativas (depois afixam nos respetivos lugares) - 1 aluno, com a ajuda do prof., espalha os cartazes da campanha pela escola.		28'	- iniciativa

¹⁶³A planificação da aula e respetivos materiais de apoio podem ser consultados no Portefólio, 176-179.

	voluntariado.	dos alimentos; - Colocação dos cartazes, feitos pelos alunos do secundário, em vários locais da escola.	Os alunos comprometem-se a divulgar a campanha "Por detrás da máscara" a toda a comunidade escolar.			
Proposta de Síntese: A partilha do pão é partilha de si..						

A primeira parte da aula foi na sala, e a segunda, no átrio central da escola. Uma aula prática.

A Técnica de Serviço Social do Agrupamento, perante a situação de fragilidade em que caíram algumas famílias de alunos do mesmo, por causa da pandemia Covid 19, lançou o repto à disciplina de EMRC, na pessoa da prof^a Luísa Carvalho, no sentido de se organizar uma campanha a favor destas famílias. Assim, os alunos de EMRC do ensino secundário ficaram com a incumbência de tratar da parte visual da campanha, o *slogan*, os cartazes, o Ppt de sensibilização a enviar para todos os diretores de Turma e para todas as escolas do Agrupamento, e a logística da campanha na escola sede, a Escola Básica e Secundária Fernando Lopes Graça. Os alunos do 6º ano, montariam a campanha na Escola Básica 2,3 de Santo António e fariam a sensibilização da mesma.

A aula foi a concretização desta campanha. Na primeira parte, dentro da sala, falei com os alunos acerca dos objetivos desta campanha, mostrando a sua real necessidade, e aproveitando para passar a mensagem, integrada na unidade que estamos a trabalhar, de que esta é uma ocasião para sermos "pão para os outros". Depois, a pergunta que se pedia: "O que está por detrás da máscara?". O que pretendia era que os alunos pensassem nas várias possibilidades. A máscara esconde muitos sentimentos, desde a alegria à tristeza. A máscara esconde muitas realidades, desde a riqueza à pobreza. O exercício de entender o que está "por detrás da máscara" é também o procurar "ser pão para os outros".

Para potenciar um bom resultado da campanha, os alunos foram convocados para a divulgação da mesma a toda a comunidade escolar.

De seguida, com a ajuda da Prof^a Luísa e do Prof. Bruno, dividimos tarefas e começamos a trabalhar: preparação dos materiais para o mural e a construção das setas indicativas da campanha. Os cartazes já tinham sido trazidos da Escola Secundária.

Na segunda parte da aula, fomos todos para o átrio central da escola montar o mural, espalhar os cartazes, colar as setas indicativas e posicionar as caixas que receberão os géneros

alimentares e outros donativos (roupa e materiais de higiene para bebés). No mural foram colocadas as muitas respostas que os alunos deram, desta turma e de outras turmas de EMRC, sobre o que pensavam que poderia estar por detrás das máscaras. A ideia era que qualquer aluno da escola, e também os docentes e não docentes, pudessem acrescentar mais frases no mural.


Esta foi uma aula muito diferente. Nesta aula fez-se experiência da “partilha do pão”. Mais do que palavras, os gestos são tudo. Que melhor maneira de explicar esta realidade? Os alunos participaram com entusiasmo nesta iniciativa e trabalharam de uma forma colaborativa, respeitando as opiniões dos colegas e cumprindo os objetivos da tarefa que tinha sido proposta. Muito importante, a campanha foi montada dentro do tempo programado, o que se afigurava difícil, tendo em conta o muito trabalho.

A proposta de síntese para esta aula era “a partilha do pão é partilha de si”. Não chegamos a falar disso, mas tal esteve sempre implícito.

A prof^a Luísa Carvalho salientou a forma como os alunos se envolveram na campanha, mostrando que gostaram muito de a preparar. Mais realçou as muitas mensagens de esperança que os alunos espelharam no mural. O prof. Bruno Pinto destacou o interesse dos alunos, que contribuiu para o bom trabalho.

3.7. Aula 7 da UL 3

Quadro 7: Planificação da aula 7 da Unidade letiva 3¹⁶⁴

6º ano	Unidade 3: A partilha do pão		Data: 04 /05 /2021			
Sumário: A fome e a injusta distribuição dos bens. As causas da fome. O que diz o Papa Francisco. A minha reflexão: Kahoot. Aprendizagens essenciais: Identificar situações de fragilidade e ameaça à justa distribuição de bens..						
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação Formativa
O. Amadurecer a sua responsabilidade e perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	2. Reconhecer situações sociais nas quais esteja patente a injusta distribuição dos bens.	A fome e a injusta distribuição dos bens: - A fome e a subnutrição - falta e desperdício de comida; - Causas da fome; A voz da Igreja (Papa Francisco – “Laudato si”). Kahoot, como exercício de reflexão.”	Acolhimento e sumário	Caderno diário	4'	Interesse e participação ativa na aula: -Comportamento -espírito crítico - reflexão - capacidade de relacionar conhecimentos - desempenho no Kahoot
			O prof., com a ajuda dos alunos, faz a síntese da aula anterior.	Ppt	4'	
			O prof. começa o tema da aula colocando duas perguntas : O que é a fome e a subnutrição? O que significa a distribuição dos bens? Depois de algum debate, apresenta, através do Ppt , números sobre a fome e sobre a subnutrição no mundo.	Ppt	11'	
			No seguimento da apresentação da realidade da fome, o prof. apresenta um vídeo sobre o desperdício de alimentos (https://youtu.be/eLq3GzSDnZc) como sendo uma das causas da fome. Depois, em diálogo com os alunos, nomeia outras causas, apresentando o que diz o Papa Francisco na Carta Encíclica “ Laudato si ”.	Vídeo; Ppt; Manual escolar	13'	
			Para reflexão e consolidação do tema, o prof. propõe um exercício, “A fome: causas”, utilizando o recurso digital Kahoot (www.kahoot.com)		10'	
			O prof. ajuda os alunos a fazer a síntese da aula.		3'	
Proposta de Síntese: A pobreza e a injusta distribuição dos bens levam à fome e à subnutrição.						

A aula nº 7 da UL 3 teve, como tema, a fome e a injusta distribuição dos bens, as suas causas e possíveis soluções.

Depois de ter projetado o sumário, comecei por fazer a síntese da aula anterior, agradecendo o empenho dos alunos na montagem da campanha “Por detrás da máscara”, e sensibilizando-os a continuar a divulgar a mesma por toda a comunidade escolar.

¹⁶⁴A planificação da aula e respetivos materiais de apoio podem ser consultados no Portefólio, 180-187.

Para ir direto ao tema da aula, coloquei duas perguntas aos alunos: O que é a fome e a subnutrição? O que significa a distribuição dos bens?

Depois de algum debate sobre as respostas apresentadas pelos alunos, e refeitas por mim, apresentei, através de um Ppt, números sobre a fome e sobre a subnutrição no mundo.

No seguimento da apresentação da realidade da fome, propusemos um vídeo sobre o desperdício de alimentos, como uma das causas da fome. Depois, em diálogo com os alunos, pensamos noutras causas, apresentando também algumas sugeridas pelo Papa Francisco, retiradas da Carta Encíclica “*Laudato si*”.

Para reflexão e consolidação do tema, pedi aos alunos para responderem ao exercício, como TPC, “A fome: causas”, utilizando o recurso digital *Kahoot*.

A aula decorreu bem, embora tenha havido, novamente, um problema com o tempo, porque o desenvolvimento do tema proposto ultrapassou o tempo previsto e já não foi possível realizar o *Kahoot* na própria aula, nem fazer a síntese da mesma, em conjunto.

Pensei que foi muito importante começar por agradecer o empenho dos alunos na campanha “Por detrás da máscara”, porque estou convencido de que o gesto de agradecimento é profundamente pedagógico. Agradecer é estar atento ao evento que é o outro.

As perguntas iniciais foram colocadas a fim de criar nos alunos o interesse para o que se seguiria: o Ppt, com os números da fome e da subnutrição, e o vídeo sobre o desperdício alimentar. Os alunos pensaram e responderam bem às perguntas, procurando nós, depois, sistematizar os conceitos.

Os números apresentados no Ppt suscitaram um certo “choque”, favorecendo um caloroso debate. Estiveram muito atentos ao vídeo e reagiram à sua mensagem.

O facto de ter ido buscar algumas afirmações do Papa Francisco na “*Laudato si*” para completar a reflexão sobre as causas da fome teve um propósito: os alunos perceberem que a Igreja Católica está atenta a todos estes fenómenos da injusta distribuição dos bens, que os denuncia e que procura dar o seu contributo para um mundo mais justo, alicerçado no ideal da fraternidade e da casa comum.


O *Kahoot* foi idealizado no sentido de os alunos poderem consolidar as aprendizagens de hoje, refletindo sobre as perguntas. Como não houve tempo para fazer em sala, pedi que o fizessem em casa, como TPC. Não muda muito a planificação. A diferença é que não há uma abordagem coletiva aos resultados.

A professora Luísa Carvalho, na reunião de avaliação, disse que a aula correu muito bem, que seguiu a planificação e ouviu as respostas dos alunos às interpelações que coloquei. Os alunos envolveram-se, dando exemplos. Achou interessante e adequado o vídeo apresentado

sobre o desperdício alimentar. Salientou que foi pena não se ter feito o exercício do *Kahoot* durante a aula, pois seria fundamental para que os alunos se apropriassem dos conteúdos lecionados.

3.8. Aula 8 da UL 3

Quadro 8: Planificação da aula 8 da Unidade letiva 3¹⁶⁵

6º ano	Unidade 3: A partilha do pão	Data: 11 /05 /2021				
<p>Sumário: Instituições nacionais e internacionais que lutam contra a fome. Vídeo para pensar. Banco Alimentar e FAO. Voluntariado e solidariedade.</p> <p>Aprendizagens essenciais: Caracterizar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a eliminação da fome. Assumir a atitude do voluntariado e o valor da solidariedade.</p>						
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação Formativa
<p>O. Amadurecer a sua responsabilidade e perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p> <p>N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.</p>	<p>3. Identificar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a eliminação da fome.</p> <p>4. Reconhecer o valor da solidariedade.</p> <p>7. Valorizar a atitude de voluntariado.</p>	<p>Instituições nacionais e internacionais vocacionadas para acabar com a fome:</p> <p>-FAO (Organização para a Alimentação e a Agricultura);</p> <p>-Bancos Alimentares Contra a Fome.</p> <p>Solidariedade e Voluntariado.</p>	Acolhimento e sumário	Caderno diário	3'	<p>Interesse e participação ativa na aula:</p> <p>-comportamento</p> <p>-espírito crítico</p> <p>-reflexão</p> <p>- capacidade de relacionar conhecimentos</p>
			O prof. e os alunos fazem a síntese da aula anterior, com base nos resultados do Kahoot (TPC), para consolidar as ideias chave.	Ppt	10'	
			Para introduzir o tema sobre as instituições que lutam contra a fome, o prof. apresenta o vídeo "One Human Family, Food for All" https://youtu.be/ghU5JEd-XRo Depois da visualização do filme, o prof. solicita aos alunos que encontrem o objetivo do mesmo.	vídeo	10'	
			Antes de falar das instituições, o prof. partilha um vídeo promocional sobre o Banco Alimentar: https://youtu.be/oxtP_DyLYTE Depois, pergunta aos alunos se conhecem o BA ou outras instituições que lutam contra a fome. Aproveita os contributos dos alunos e fá-los refletir sobre o significado da solidariedade e do voluntariado, tão importante nestas instituições. Estas instituições são «pão para os outros»?	Vídeo; Ppt	10'	
			O prof. apresenta, com a ajuda de um Ppt, o que é a FAO, e refere também o papel da Igreja Católica no combate à fome.	Ppt	10'	
		O prof. ajuda os alunos a fazer a síntese da aula.			2'	
<p>Proposta de Síntese: A fome, resultado da pobreza e da injustiça, é combatida por muitas instituições.</p>						

¹⁶⁵A planificação da aula e respetivos materiais de apoio podem ser consultados no Portefólio, 188-192.

Esta foi a aula nº 8 da Unidade Letiva 3, “A partilha do Pão”, e teve como tema “as Instituições nacionais e internacionais que lutam contra a fome”. Era para ser observada, via *Google Meet*, pelos professores orientadores da UCP, Prof. Juan Ambrósio e Prof^a Cristina Sá Carvalho, mas, por problemas técnicos, não foi possível estabelecer a ligação. Tal objetivo passou para a próxima aula, dia 18 de maio.

Depois de uma espera inicial prolongada, por causa das sucessivas tentativas de fazermos a ligação aos Profs. Orientadores da UCP, fiz uma pequena síntese da última aula, pedindo a colaboração dos alunos, e tentamos projetar o vídeo para reflexão, “One Human Family, Food for All”. Como não estava a conseguir, passei a narrá-lo como se tratasse de uma história. Enquanto isto, a Prof^a Luísa solucionou o problema técnico e, assim, foi feita a visualização do filme. Depois, pedis aos alunos que tentassem pensar no objetivo do mesmo. Seguiu-se um pequeno diálogo. A ideia era que os alunos percebessem que, para minimizar o problema da fome no mundo, são necessárias a entreatajuda, a partilha e a solidariedade. Tal é o objetivo de muitas instituições nacionais e internacionais. Não resolvem o problema da fome, mas, ajudam a diminuir a fome e a subnutrição no mundo. Os alunos conseguiram chegar ao âmago da mensagem do vídeo.

Por uma questão de gestão de tempo, não foi passado o filme promocional do “Banco Alimentar Contra a Fome”, como estava planeado. Assim, perguntei aos alunos se conheciam o BA ou outras instituições que lutam contra a fome. Durante o diálogo surgido, aproveitei para apresentar algumas instituições, através de um Ppt (Cáritas, Conferências de S. Vicente de Paulo, Centros Sociais e Paroquiais, Cruz Vermelha e ReFood). Aproveitei os contributos dos alunos e fi-los refletir sobre o significado da solidariedade e do voluntariado, tão importante nestas instituições. Questionei, para fazer a ligação ao coração da Unidade que estamos a trabalhar: Estas instituições são «pão para os outros»? Os alunos responderam afirmativamente.

No fim da aula, já com muito pouco tempo, apresentei, com ajuda do Ppt, a Organização para a Alimentação e a Agricultura (FAO) e os seus cinco objetivos para erradicar a fome no mundo. Já não foi possível fazer a síntese da aula.

Esta foi a aula que correu pior durante este estágio, não porque me perdesse nos conteúdos ou porque os alunos estivessem menos bem. Penso até que consegui minimamente atingir os objetivos. Os alunos, ao contrário do é habitual, apesar de colaborativos, mostraram muita agitação e desatenção. O problema foi a falta de tempo útil para a aula, a tensão gerada no princípio, por causa das tentativas falhadas da ligação *on-line* aos Profs. Orientadores, o

corrupio de tentativas para solucionar, o equacionar e tentar outras respostas, enfim, uma instabilidade gerada que prejudicou o resto da aula, sem dúvida.

De qualquer maneira, foi também uma oportunidade de crescimento, um exercício de humildade e de capacidade de conseguir focar o essencial. No meio das dificuldades surgidas, o mais importante da planificação da aula foi cumprido. Exercício de humildade, porque, penso, é muito importante que, no processo de ensino/aprendizagem, o professor tenha a capacidade de aceitar as suas limitações, saiba enfrentá-las sem subterfúgios, e saiba minimizar os problemas que surgem, alheios à sua vontade, com alguma serenidade. Não sei se foi o caso. Todavia, esforcei-me até ao limite das minhas capacidades.


O vídeo foi muito bem escolhido e os alunos entenderam perfeitamente o seu objetivo. O diálogo sobre as instituições nacionais e internacionais foi muito proveitoso, e os alunos conseguiram perceber a diferença entre solidariedade e voluntariado. Estas duas categorias são muito importantes para o entendimento do que resta da exploração da Unidade 3.

Pela falta de tempo, o conteúdo sobre a FAO foi dado a correr, com a promessa de voltar a ele na síntese da próxima aula.

A professora Luísa realçou a dificuldade de concentração por parte dos alunos. Apesar de eu ter dado o conteúdo central da aula, que era dar conhecimento de instituições nacionais e internacionais que lutam contra a fome, ficou muita coisa por fazer.

3.9. Aula 9 da UL 3

Quadro 9: Planificação da aula 9 da Unidade letiva 3¹⁶⁶

6º ano	Unidade 3: A partilha do pão		Data: 18 /05 /2021			
Sumário: A Última Ceia: a dádiva de Jesus e o gesto do “lava-pés”.						
Aprendizagens essenciais: Explicar o significado dos relatos da Última Ceia. Descobrir que a partilha dos bens supõe a partilha de si.						
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação Formativa
J. Descobrir a simbólica cristã.	<p>5. Reconhecer nos relatos da Última Ceia o seu significado essencial para a mensagem cristã.</p> <p>6. Tomar consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de si.</p>	<p>A Última Ceia, sinal da entrega de Jesus por amor (Mc 14, 17-25).</p> <p>O Lava-pés, sinal do serviço de Jesus por amor (Jo 13, 3-7.13-17)</p>	Acolhimento e sumário	Caderno diário	4'	Interesse e participação ativa na aula:
			O prof., com a ajuda dos alunos, faz a síntese da aula anterior, projetando alguns diapositivos ..	Ppt	6'	-comportamento
			Para introduzir o tema da aula de hoje, o prof. apresenta o quadro de Da Vinci, “ a Última Ceia ”. Pergunta aos alunos se conhecem a obra, e se sabem o que representa. Durante o diálogo estabelecido, mostra outras pinturas do mesmo evento.	Ppt	10'	-leitura -espírito crítico
			O prof. faz a contextualização histórica da Última Ceia e, depois, distribui pelos alunos o texto bíblico de Mc 14,17-25, em suporte papel, pedindo que estes, alternadamente, façam a leitura . Segue-se um tempo de diálogo , para consolidação do texto. O prof. faz a ligação à Eucaristia (Ppt).	Ppt; Texto (A4)	12'	-capacidade de relacionar conhecimentos
			O prof. apresenta, com a ajuda de um Ppt, o episódio do Lava-pés . Projeta o texto de Jo, 13,3-7.13-17). Faz-se uma leitura partilhada. Em seguida, pergunta aos alunos: “Qual o sentido do gesto de Jesus?” Depois do debate, o prof. faz a ponte com os nossos dias, mostrando, visualmente, exemplos de Lava-pés (o serviço aos outros, por amor).	Ppt	11'	
			O prof. ajuda os alunos a fazer a síntese da aula.		2'	
Proposta de Síntese: Ser cristão é seguir e reatualizar o exemplo de Jesus.						

A aula número 9 da UL 3, teve como grande tema a “Última Ceia: a dádiva de Jesus e o gesto do Lava-pés”. Estiveram presentes, via *Google Meet*, os professores orientadores da UCP, Prof. Juan Ambrosio e Prof^ª Cristina Sá Carvalho.

¹⁶⁶A planificação da aula e respetivos materiais de apoio podem ser consultados no Portefólio, 194-201.

As últimas aulas andaram à volta de questões que colocam sérios problemas éticos e políticos ao mundo de hoje: tudo o que tem a ver com a desigualdade, injustiça, comércio desregrado, fome e subnutrição, entre outros. Para minimizar estes males, há instituições no terreno. Algumas delas, pertencem à Igreja Católica. Nesta aula, voltamos a falar da razão fundamental para os cristãos cuidarem do próximo. A inspiração é o próprio Jesus que, na Última Ceia, se entrega por amor e, através do gesto do Lava-pés, mostra o caminho a seguir: o serviço aos irmãos, por amor.

Comecei a aula com a projeção do sumário e a síntese da aula anterior, com a ajuda dos alunos, e acentuando mais a questão da FAO e os seus objetivos, uma vez que tinha ficado incompleto na aula passada. Depois, mostrei, através do Ppt, a pintura de Leonardo Da Vinci, a “Última Ceia”, e perguntei aos alunos se a conheciam. Apesar das hesitações, lá conseguiram identificar. No meio do diálogo, apresentei outras pinturas do mesmo evento bíblico, com a preocupação de mostrar aos alunos que a arte é também uma forma de leitura de uma determinada realidade.

Contextualizei o episódio da Última Ceia e entreguei o texto de Mc 14, 12-25, pedindo que, de uma forma alternada, os alunos fizessem a leitura. Após a leitura, houve um tempo para perceber se tinham entendido e, em seguida, fiz a ligação à Eucaristia, outra vez, com a ajuda do Ppt. À semelhança da Ceia de Jesus, a Eucaristia é um momento de ação de graças, onde Jesus se faz presente no pão e no vinho.

A leitura do Lava-pés (Jo, 13,3-7.13-17) foi projetada e lida por dois alunos. Acabada a leitura fiz a pergunta: Qual o sentido do gesto de Jesus?

Os alunos responderam imediatamente, por palavras diferentes, que o que Jesus queria era que ajudássemos os outros. Entenderam muito bem. Para terminar, apresentei uma série de diapositivos, fazendo a ponte com os nossos dias, mostrando exemplos de Lava-pés. Uma linguagem visual muito acessível à compreensão dos alunos. Por fim, apresentei uma hipótese de sumário: Ser cristão é seguir e reatualizar o exemplo de Jesus.

No final da aula, durante a reunião de avaliação, fui convidado pelo Prof. Juan, a fazer, primeiro, a autoavaliação.

Penso que a aula decorreu bem. Os alunos foram participativos e disciplinados. Tive necessidade de dar algum tempo à questão da FAO, uma vez que não tinha conseguido completar na aula anterior. Senti que dei mais tempo ao Lava-pés que ao momento do partir do pão e da bênção do vinho. Penso que fiz bem a contextualização da Última Ceia, da tradição do lavar os pés, para os Judeus, e a passagem para a Eucaristia e para o serviço, nos

dias de hoje. O Ppt acompanhou bem o desenvolvimento da aula. Desta vez, não tive o problema da gestão do tempo.

O Prof. Juan começou por fazer uma observação a propósito do texto bíblico. Apesar de se referir a Judas, não deveria ter dado tanto enfoque a esta personagem, uma vez que não era essencial. A questão central era tentar perceber, com um olhar de fé, a presença sacramental de Jesus no pão e no vinho. O importante era destacar os gestos e a repetição de Jesus. O fundamental é reatualizar a atitude de Jesus. Tal como Jesus viveu ao serviço aos outros, assim Ele pede que nós façamos o mesmo, sendo pão para os outros, sendo sangue para os outros. O Lava-pés é a reflexão eucarística de João, sobre o serviço, sobre a entrega, não havendo uma dicotomia entre a Eucaristia e o Lava-pés.

Gostou da contextualização que fiz ao Lava-pés, enquadrando a prática do serviço.

A Prof^a Cristina começou por salientar três pontos. Primeiro, que o estudo e a investigação facilitam a clareza dos conteúdos; em segundo, a planificação era simples, mas brilhou melhor quando se assistiu à aula; gostou do Ppt, com uma animação controlada. Acha que, sobre a passagem do Lava-pés para o tempo presente, faltaram alguns diapositivos com as realidades dos alunos (por exemplo, um professor que dá uma aula, o aluno a ajudar em casa, etc.).

Usei uma boa colocação de voz e tenho uma boa relação com os alunos. Consegui mostrar alguma juventude à aula, algo de refrescante.


Depois, situou-se mais no aspeto pedagógico. No geral, tinha usado um bom discurso, que foi pensado. De qualquer maneira, o discurso escrito parece ser melhor, mais organizado. Na oralidade há algumas interrupções. Deu os seguintes exemplos: quando abordei a FAO, usei a expressão, «opera atividades de várias coisas ...»; a propósito do quadro de Dali afirmei «... toda mais...», sem completar. Ao recuperar conhecimentos de aulas anteriores, sobre a Ressurreição de Jesus, a Prof^a Cristina pensa que dei uma resposta meio atrapalhada ao facto de os Fariseus e Saduceus não gostarem de Jesus. Na introdução à Eucaristia, era importante contextualizar mais o “dar graças”. Foi importante salientar que Jesus está naquele que precisa de mim e que é difícil falar na aula da presença sacramental de Jesus.

Segundo a prof^a Cristina, a aula foi bastante rica. Acha-me honesto, por não me sentir incomodado por ser cristão. Pensa que podia explicar porque é que Jesus é o Senhor. Sobre o Lava-pés, afirmou que é para dar prazer à outra pessoa. É importante explicar a experiência inicial, os gestos e os símbolos. É que a nossa vida está cheia de simbólica de outras religiões. É importante dizer que isto é muito importante para os cristãos e as pessoas continuam a ter necessidade do simbólico.

Para acabar, disse que gostou muito da aula e notou que estava preocupado com o tempo. A Prof^a Luísa e o Prof. Bruno não acrescentaram nada mais à heteroavaliação.

3.10. Aula 10 da UL 3

Quadro 10: Planificação da aula 10 da Unidade letiva 3¹⁶⁷

6º ano	Unidade 3: A partilha do pão		Data: 25 /05 /2021			
<p>Sumário: Ser Pão para os outros: a caridade. O exemplo de Madre Teresa de Calcutá: amar, não com palavras, mas com obras.</p> <p>Aprendizagens essenciais: : Descobrir que a partilha dos bens supõe a partilha de si.</p>						
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação Formativa
<p>J. Descobrir a simbólica cristã.</p> <p>N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.</p>	<p>6. Tomar consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de si.</p> <p>7. Valorizar a atitude de voluntariado.</p>	<p>Ser pão para os outros:</p> <ul style="list-style-type: none"> - a doação de si mesmo (Bom samaritano) - o amor (caridade) partilhado com os mais necessitados (1 Jo 3, 17-18) -O exemplo cristão de «pão para os outros»: <ul style="list-style-type: none"> - Madre Teresa de Calcutá. A voz da Igreja: <ul style="list-style-type: none"> -Papa Bento XVI (“<i>Deus Caritas Est</i>”; “<i>Caritas in Veritate</i>”); - Papa Francisco (<i>Evangelii Gaudium</i>”; “<i>Fratelli Tutti</i>”). 	Acolhimento e sumário	Caderno diário	5'	<p>Interesse e participação ativa na aula:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Comportamento - leitura -espírito crítico -capacidade de relacionar conhecimentos -realização da tarefa do envelope
			O prof., com a ajuda dos alunos, faz a síntese da aula anterior, projetando alguns slides .	Ppt	5'	
			Para introduzir o tema da aula de hoje, o prof. pergunta aos alunos se conhecem a palavra caridade ? Qual o seu significado? Então, qual a diferença entre caridade e solidariedade? O prof. sistematiza, recordando, com o Ppt, a “parábola do bom samaritano” e o texto bíblico de 1 Jo 3, 17-18.	Ppt	10'	
			Como exemplo de caridade, o prof. projeta um vídeo sobre a vida da Madre Teresa de Calcutá: https://youtu.be/83AcC9loB8k Depois da visualização, pergunta aos alunos sobre o que mais lhes impressionou. Reflete sobre a frase: «Se não pudeses fazer grandes coisas, faz as pequenas, mas com muito amor!».	Ppt; Texto (A4)	10'	
			O prof., para apresentar o que a Igreja diz, através das palavras dos Papas Bento XVI e Francisco, distribui a cada aluno um envelope e uma folha A4. No envelope , cada aluno escreve o nome de uma das encíclicas (DCE, CIV, EG e FT) sugeridas pelo prof. Na folha A4, escreve duas frases sobre a caridade (projetadas no Ppt), referidas na respetiva obra.	Ppt	13'	
O prof. ajuda os alunos a fazer a síntese da aula.		2'				
<p>Proposta de Síntese: Caridade é amor..</p>						

¹⁶⁷A planificação da aula e respetivos materiais de apoio podem ser consultados no Portefólio, 202-206.

Ao longo desta unidade, falamos da centralidade do amor, na construção de um mundo melhor. Para a Igreja, esse amor tem um nome: caridade. Caridade é ser “pão para os outros”. Nesta aula pretendi introduzir este termo com a revisitação da parábola do bom samaritano, com o texto de 1 Jo 3, 17-18 e com o exemplo de Madre Teresa de Calcutá: amar, não com intenções, mas com obras.

Depois de se fazer o acolhimento e projetar o sumário, iniciei a aula fazendo a síntese da lição anterior, projetando alguns diapositivos, e dialogando com os alunos. Depois, para introduzir o tema da aula de hoje, perguntei aos alunos se conheciam a palavra “caridade” e qual o seu significado. Depois de algum diálogo, os alunos atingiram o sentido, ficando com a certeza de que esta palavra não pertence ao seu dia a dia.

Para melhor compreensão do significado da palavra caridade, recorri, com ajuda do Ppt, à “parábola do bom samaritano” e ao texto bíblico de 1 Jo 3, 17-18. Depois, como exemplo de caridade, apresentei um pequeno filme sobre a vida da Madre Teresa de Calcutá. Após a visualização do vídeo, perguntei aos alunos sobre o que mais os tinha impressionado. Refletimos sobre a frase de Madre Teresa de Calcutá: «Se não pudeses fazer grandes coisas, faz as pequenas, mas com muito amor!».

Para se apresentar o que a Igreja diz sobre a caridade, fiz uma dinâmica. A partir de pequenas frases dos Papas Bento XVI e Francisco, distribuí a cada aluno um envelope e uma folha A5. No envelope, cada aluno escreveu o nome de um dos seguintes documentos papais: *Deus Caritas Est*, *Caritas in Veritate*, *Evangelii Gaudium* e *Fratelli Tutti*. Na folha, escreveram duas frases/síntese sobre a caridade, projetadas no Ppt, referidas na respetiva obra.

Com esta aula quis mostrar aos alunos a diferença que existe, porque existe, entre a palavra caridade e a palavra solidariedade.

Penso que a aula decorreu bem. Dinâmica, muito participada e a planificação foi cumprida. Constato que tenho melhorado no que diz respeito à gestão do tempo.

No princípio, os alunos tiveram alguma dificuldade em responder ao significado da palavra caridade. É natural. Cada vez se usa menos na nossa cultura. Normalmente só se fala de solidariedade. De qualquer modo, há uma distinção. Foi essa distinção que quia realçar.

Sobre a parábola do bom samaritano, porque esteve presente ao longo desta unidade quase desde o início, os alunos não tiveram hesitações. Já assimilaram muito bem a questão do ser próximo para os outros. Estes foram muito participativos.


Ao usar o símbolo dos envelopes para falar das Encíclicas papais e de uma Exortação apostólica, pretendi mostrar aos alunos a importância destes documentos para os cristãos, pois são cartas enviadas pelos Papas a todos. Se são cartas, têm um propósito. Esta atividade

ajudou a realçar a importância que o termo “caridade” tem para a Igreja. O impacto visual dos envelopes pode ajudar os alunos a memorizar o conceito.

A Professora Luísa gostou da aula, do vídeo, da planificação em geral. Fez duas observações, ambas sobre a dinâmica dos envelopes. Em primeiro lugar, a dinâmica devia ser feita no meio da aula, para que houvesse tempo suficiente para o seu desenvolvimento; em segundo lugar, uma opinião: talvez a dinâmica funcionaria ainda melhor se os envelopes já trouxessem o remetente e o destinatário. Cada aluno receberia o seu envelope e, depois, partilhava com os colegas o seu conteúdo.

3.11. Aula 11 da UL 3

Quadro 11: Planificação da aula 11 da Unidade letiva 3¹⁶⁸

6º ano	Unidade 3: A partilha do pão		Data: 01 /06 /2021			
Sumário: A diversidade de carismas no serviço. Quais são os meus dons? Síntese da Unidade 3.						
Aprendizagens essenciais: Descobrir que a partilha dos bens supõe a partilha de si. Assumir a atitude do voluntariado e o valor da solidariedade.						
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação Formativa
J. Descobrir a simbólica cristã. N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.	6. Tomar consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de si. 7. Valorizar a atitude de voluntariado.	Ser pão para os outros: - o amor partilhado com os mais necessitados; -a diversidade de carismas no serviço (1 Cor 12, 4-11): - Quais são os meus dons? O exemplo cristão de «pão para os outros»: - Cáritas. Síntese da	Acolhimento e sumário	Caderno diário	4'	Interesse e participação ativa na aula: -Comportamento - leitura - espírito crítico - capacidade de relacionar conhecimentos - capacidade de síntese
			O prof., com a ajuda dos alunos, faz a síntese da aula anterior, servindo-se do Ppt.	Ppt	4'	
			O prof. projeta o texto bíblico 1 Cor 12, 4-11. Os alunos leem o texto. O prof. contextualiza e explica o texto, proporcionando um pequeno diálogo.	Ppt	10'	
			Usando a aplicação AppSorteos , o prof. suscita uma reflexão sobre os dons dos alunos. Cada um, ao ritmo da aplicação, é convidado a partilhar alguns dos seus dons. https://app-sorteos.com/wheel/69LW5D	AppSorteos	10'	
			Como exemplo de promoção do bem comum, o prof. apresenta um vídeo sobre a Cáritas : https://youtu.be/VMJIBxGZFP4 No fim da visualização deste, o prof. pergunta aos alunos: O que é a Cáritas? É caridade?	vídeo	10'	

¹⁶⁸A planificação da aula e respetivos materiais de apoio podem ser consultados no Portefólio, 207-213.

		UL 3 Autoavaliação	O prof., com a ajuda da turma, faz a síntese da Unidade Letiva 3. No fim, como TPC, pede aos alunos para preencherem a ficha de autoavaliação que será colocada no <i>classroom</i> .	Ppt; Manual escolar.	7'	
Proposta de Síntese: Ser cristão é pôr os nossos dons ao serviço dos outros.						

Esta foi a minha última aula em sala, uma vez que o estágio estava a chegar ao fim. Teremos ainda oportunidade de estarmos juntos, num almoço partilhado, que será no dia 8 de junho, na Quinta da Alagoa, para fazer jus ao tema da UL 3, “A Partilha do Pão”.

Primeiro, convidei os alunos a escreverem o sumário. De seguida, realizei uma revisão da aula anterior, a caridade, nas palavras do Papa Bento XVI e do Papa Francisco. Na sequência dos conteúdos que fomos trabalhando nesta UL 4, a última reflexão foi sobre os dons de cada um, as qualidades que todos temos, que podem ser postas ao serviço dos outros.

Com a ajuda do Ppt, projetei o texto bíblico de 1 Cor 12, 4-11, sobre os carismas, que os alunos leram à vez, seguido dos três primeiros versículos de 1 Cor 13, do hino à caridade. Depois, contextualizei, expliquei os textos e gerou-se um momento de diálogo. Perguntei aos alunos: “Que dons tens tu?”. Para que as respostas fossem organizadas, utilizei uma aplicação digital, a *AppSorteos*, uma espécie de Roda da sorte que, acionada, diz quem vai partilhar. Assim, cada um apresentou um dom, uma característica sua, ao ritmo da aplicação. Rodamos várias vezes, para que todos pudessem partilhar mais do que uma qualidade.

Como exemplo de promoção do bem comum, de exemplo cristão de «pão para os outros», apresentei um vídeo sobre a Cáritas que, para além de apresentar uma instituição sócio-caritativa da Igreja, sintetiza muito bem o significado da palavra caridade. Finda a visualização deste, houve um debate sobre a Cáritas e a caridade.

Por fim, para acabar a UL 4, fez-se a síntese da mesma, com a ajuda do Ppt e em diálogo permanente. Acabada a síntese, pedi aos alunos que, como atividade para casa, preenchessem a ficha de autoavaliação que colocarei no *classroom*.

Penso que a aula correu muito bem. Os alunos participaram bastante e gostaram bastante da estratégia da *AppSorteos*. Consegui surpreendê-los com essa aplicação digital. No entanto, na partilha dos dons, tiveram muitas dificuldades. Não foram espontâneos e acabaram por referir somente características muito básicas, que não implicavam a relação com o outro.

Gostaram também do vídeo, o qual seguiram atentamente, e colaboraram reflexivamente na síntese da UL 4.

A planificação foi cumprida em todos os pontos e a gestão do tempo também foi boa.

A prof^a Luísa salientou o cumprimento da planificação, o envolvimento dos alunos na leitura do texto bíblico, a motivação dos alunos perante a dinâmica da roleta e a atenção destes na visualização do vídeo sobre a Cáritas. Como aspetos menos positivos, a falta da explicação do que é um "dom", o que são "dons", que foi difícil para os alunos descobrirem os seus dons; a cor de fundo do slide, não deixava ver bem a leitura do segundo texto que foi projetado.

Chegados ao fim do ponto 3, sobre a Prática letiva, saliento que esta Prática foi planificada levando em consideração a reflexão desenvolvida nos dois primeiros capítulos deste Relatório. O terceiro capítulo foi a tradução desta reflexão numa linguagem própria para crianças de 11, 12 anos, seguindo o itinerário proposto no manual de EMRC do 6º ano.

4. Sugestões depois da leção

O tema da Unidade 3, “A partilha do Pão”, lecionado na disciplina de EMRC, no 6º ano, tem uma grande importância porque é central no Cristianismo. Falar de partilha do pão é falar da ação cristã na relação com o outro, que se concretiza na caridade, consubstancializada na solidariedade, na justiça, na compaixão e na misericórdia. A mais nobre destas é a misericórdia.

A Unidade está bem organizada, havendo, quanto a mim, um equilíbrio entre os conteúdos e as metas curriculares dos dois domínios presentes, a “Cultura cristã e visão cristã da Vida” e a “Ética e Moral”. O facto de haver mais conteúdos no domínio da “Ética e Moral”, não desequilibra a harmonia, uma vez que os mesmos conteúdos são consequência lógica do domínio da “Cultura cristã e visão cristã da vida”.

Os alunos reagem muito bem, porque estamos a falar de conteúdos de que gostam, que proporcionam atividades muito práticas, colaborativas e, importante, os alunos nesta idade têm um sentido de justiça muito forte, o que facilita na abordagem das questões sociais. Lembremo-nos de que os alunos do 6º ano, apesar de próximos da puberdade, ainda estão na fase de desenvolvimento das operações concretas, no limite do estágio operatório, com a capacidade de abstração ainda um tanto ou quanto limitada. O seu pensamento é prático, lógico e ainda há uma leitura muito literal de alguns temas. No entanto já começam a compreender a existência de conceitos.

É exatamente por já compreenderem a existência de conceitos, que eu sugiro para esta Unidade, A Partilha do Pão, a introdução do conceito de “caridade” de uma forma relevante.

O termo “caridade” é um património cristão que não pode ficar subentendido. Só aparece duas vezes, mas de uma forma quase impercetível: a primeira, numa afirmação da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS, 69);¹⁶⁹ a segunda, quando se refere a denominação da Congregação Religiosa fundada por Madre Teresa de Calcutá.¹⁷⁰ Fala-se de solidariedade, de justiça, de voluntariado, e não se dá relevo à palavra-chave que define o agir cristão na relação com os outros.

No estágio realizado na Escola de Santo António da Parede, falamos da caridade em duas aulas, tendo como referências as Cartas Encíclicas “*Deus Caritas Est*” e “*Caritas in Veritate*” do Papa Bento XVI, e as Cartas Encíclicas “*Fratelli Tutti*” e “*Evangelii Gaudium*” do Papa Francisco. Os alunos compreenderam muito bem o conceito, diferenciando-o da solidariedade.¹⁷¹

Como falar do verdadeiro sentido da caridade? Abordando o tema sem preconceitos, contextualizando, falando da sua etimologia, da sua evolução e das questões levantadas a seu propósito. É pouco só falar de solidariedade. A palavra caridade obriga a olhar para os outros “com o olhar de Deus” e ver nos outros o próprio Deus. Para o Cristianismo, temos de cuidar uns dos outros, não só porque somos todos humanos, mas porque somos todos irmãos, filhos do mesmo Deus e porque Deus assim o ordena..

A segunda sugestão tem a ver com a frase do Papa João Paulo II sobre a água, que devemos ter em conta «a limitação dos recursos naturais, alguns dos quais não são renováveis, como se diz. Usá-los como inesgotáveis, com absoluto domínio, põe em perigo seriamente a sua disponibilidade, não só para a geração presente, mas sobretudo para as gerações futuras» (SRS,).¹⁷² Retirava esta frase sobre a água, que está no contexto do tema “Significado simbólico-religioso do alimento e da refeição”, e substituía-a por uma afirmação da Carta Encíclica *Laudato si*, colocando no desenvolvimento do tema da “Fome e a injusta distribuição dos bens”: «Uma maior escassez de água provocará o aumento do custo dos alimentos e de vários produtos que dependem do seu uso. Alguns estudos assinalaram o risco de sofrer uma aguda escassez de água dentro de poucas décadas, se não forem tomadas medidas urgentes » (LS, 31).

¹⁶⁹Manual do 6º ano, Educação Moral e Religiosa Católica, (Lisboa, : SNEC, 2015), 98.

¹⁷⁰Manual, 115.

¹⁷¹Ver planificações das aulas nº 21 e nº 22.

¹⁷² Manual de EMRC, 6º ano, 93.

A terceira sugestão seria a introdução da figura do Padre Américo, a complementar Madre Teresa de Calcutá, no conteúdo “ser pão para os outros” . A Obra do Padre Américo, por ser em grande parte, dedicada às crianças e jovens, é fácil de ser entendida por alunos do 6º ano. A sua vida é caridade.

Finalmente, penso que se poderia enriquecer a lecionação com uma nova meta curricular, no domínio da “Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida” (I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade) que seria sobre o pensamento da Igreja sobre a caridade, com referências às Cartas Encíclicas *Deus Caritas Est*, do Papa Bento XVI, e *Fratelli Tutti*, do Papa Francisco. Penso que é muito importante passar para os alunos a missão da Igreja. A Igreja não é só o anúncio da Palavra e a celebração dos Sacramentos. É também o serviço da caridade. Como tal, sente «as tristezas dos Homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem» (GS, 1) procurando construir «a Civilização do Amor e da Paz que o Pentecostes inaugurou».¹⁷³

¹⁷³Paulo VI, Regina Caeli, acedido a 20 de julho de 2023, https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/angelus/1970/documents/hf_p-vi_reg_19700517.html.

CONCLUSÃO

Ao lecionar a Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, na Escola 2,3 de Santo António, na Parede, era inevitável introduzir o conceito de caridade. É um património do Cristianismo, como vimos ao longo deste Relatório, que é basilar e que deve ser compreendido e transmitido. Nesta Unidade letiva 3 do manual de 6º ano de EMRC, como já disse anteriormente, só encontramos o termo “caridade” duas vezes, numa afirmação da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* e na denominação da Congregação fundada por Madre Teresa de Calcutá. No entanto, apesar de o termo “caridade” não estar destacado, está subentendido, porque a Unidade letiva fala da partilha do pão, da fraternidade à volta da mesa e do comércio justo, mas também da fome, da falta e desperdício de comida e da injusta distribuição de bens. Para contrariar o egoísmo humano, a partir da Última Ceia, com destaque para o Lava-pés, é apresentada a mensagem fundamental: “ser pão para os outros”. São apresentados exemplos significativos, individuais e institucionais. A palavra que mais caracteriza esta ação é, sem dúvida, a caridade. Daí, ter introduzido o termo “caridade”, pois esse é o que melhor exprime a ação cristã. Ser cristão é ser pão para os outros, que não é só o ato de dar, mas o ato de dar-se, como bem concluímos na Prática de Ensino Supervisionada.

No primeiro capítulo deste trabalho, vimos na encíclica *Deus Caritas Est* do Papa Bento XVI, o significado de caridade. Caridade é amor, é dom que nos foi dado gratuitamente por Deus, que nos faz entrar em comunhão total com Ele e que tem de ser posta à disposição dos outros. A caridade é o cumprimento do Mandamento Novo: amar a Deus e amar o próximo. Por isso, a Igreja, que deve ser uma comunidade de amor, só cumpre a sua missão se refletir este amor de Deus na sua ação. A caridade é um dever da Igreja que «é sempre algo mais do que mera atividade» (DCE, 34). Para ser verdadeira caridade, a ação da Igreja tem de ter um genuíno «amor pelo Homem, um amor que se nutre do encontro com Cristo» (DCE, 34).

Na encíclica *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco fala também da caridade, mas traduzida na fraternidade e na amizade social. A partir da parábola do Bom Samaritano, reflete sobre como construir um mundo aberto, a partir do amor, «um dinamismo de abertura e união para com as outras pessoas. Este dinamismo é a caridade, que Deus infunde » (FT, 91). Este amor não pode ter limites, é universal, sem fronteiras, promotor da justiça e dos direitos humanos. A caridade deve iluminar a vida social, a política, os poderes políticos e económicos, a fim de se chegar a uma nova cultura, a cultura do diálogo e do encontro.

Vimos, no segundo capítulo deste trabalho, a propósito da obra de Madre Teresa de Calcutá, que a caridade é efetivamente algo que todas as culturas percebem. O amor que Madre Teresa dedicava aos mais frágeis era entendido por todos. Apesar dos muitos obstáculos, foram muito mais as graças, fruto do contágio do amor. É que a bondade inspira, «interpela tanto (e tantos) por ser isto: um despojado e paterno magistério da bondade. A bondade que é uma essencial gramática cristã e humana. Todos a entendem».¹⁷⁴

O mesmo podemos afirmar do exemplo do Padre Américo que, a partir do Evangelho, sentindo o cheiro da miséria nos tugúrios dos pobres, empreende uma obra de caridade notável, que inspirou tanta gente.

Tanto o Padre Américo como a Madre Teresa de Calcutá alimentaram a sua fé e o amor incondicional aos outros no amor misericordioso de Jesus Cristo, a novidade dos Evangelhos. Perceberam e viveram «a Magna Carta de todo o serviço eclesial» (DCE, 34), escrita por S. Paulo (Cf. 1 Cor, 13). Entenderam que «a caridade reúne em si e exprime tudo o que Cristo trouxe de novo ao mundo. Onde ela faltar, todos os carismas perdem a sua força e o seu significado, mesmo os mais necessários à vida da Igreja e à comunidade».¹⁷⁵

No terceiro capítulo apresentei a reflexão feita sobre a caridade aquando do estágio, as planificações das aulas, a concretização das mesmas e respetiva reflexão crítica. Durante esse período, o tema do amor ao próximo não foi difícil de expor. Os alunos estavam familiarizados com palavras como “solidariedade”, “ajuda”, “serviço” e “cuidado”. No entanto, não conheciam o termo “caridade”. A partir das parábolas do Evangelho, foi possível introduzir o significado de “caridade”, o que, penso, foi bem apreendido pelos mesmos alunos. No seu estágio de desenvolvimento, no início de abertura aos outros, conseguiram entender facilmente os termos “caridade”, “misericórdia” e “compaixão”. Nesta idade, as crianças estão muito despertas (ou começam a estar despertas) para o outro, o que facilitou o desenvolvimento desta Unidade. Perceberam também o significado simbólico de pão, que não é só um alimento, mas também o seu sentido mais amplo, de amor, ajuda, de doação de si mesmo. Esta é uma idade em que a capacidade de abstração começa a desenvolver-se e, com ela, a capacidade de entender o simbólico.

¹⁷⁴Tolentino Mendonça, *O Hipopótamo de Deus* (Prior Velho: Paulinas, 2021), 56.

¹⁷⁵Hino do amor, acedido a 3 de setembro de 2023, <https://www.dehonianos.org/portal/hino-do-amor0/>.

Ser pão para o outro, não foi só uma novidade, como também foi um conceito de fácil entendimento. Durante as últimas aulas, o uso desta expressão foi frequente, e os alunos mostraram ficar sintonizados com o seu significado.

Propus-me desenvolver o tema da caridade na UL 3, *A partilha do Pão*, porque penso que é um património que deve ser conhecido e vivido. É central nos Evangelhos, portanto, central no Cristianismo. Há muito pouco tempo, o Papa Francisco afirmou na sua visita à Hungria, na Igreja de Santa Isabel da Hungria, em Budapeste, que «precisamos de uma Igreja que fale fluentemente a linguagem da caridade, idioma universal que todos escutam e compreendem, mesmo os mais afastados, mesmo aqueles que não acreditam»¹⁷⁶.

Na sua especificidade, os conceitos de caridade e solidariedade não são difíceis de definir. O que é mais difícil é relacioná-los nas lógicas de ação, porque se cruzam às vezes, porque se afastam em muitas situações, e porque há espaços que são preenchidos por outros conceitos provenientes de diversas fontes.

Pode falar-se de uma solidariedade cristã, mas tem de ser apoiada pela justiça e ser regida pela caridade. A Igreja perante a pobreza, as desigualdades, o sofrimento de tantos povos, as injustiças e tudo aquilo que não dignifica a humanidade, tem de denunciar, despertar consciências e comprometer-se na construção de uma nova civilização, na continuação do que os Papas vêm afirmando desde Leão XIII. Assim, a caridade é entendida não só como algo que resolve um problema imediato, mas como uma ação que também procura soluções estruturais.

Neste contexto, a Igreja tem de olhar para muitas das suas instituições sócio-caritativas e fazer uma atualização, para não se afastar da sua missão, ainda que a sociedade em geral olhe para elas numa forma positiva, assim como a comunidade cristã que custeia muitas delas.

No entanto, mais importante do que saber que nome dar à intervenção social da Igreja, ainda que em muitos campos, é conhecer a lógica que a suporta. E a lógica que a suporta é a do Evangelho, a da caridade, o amor. Mesmo no meio de muitas atribulações, de muitos desvios, deve persistir a lógica do Evangelho. Não foi por acaso que o Papa Francisco decidiu proclamar o Ano da Misericórdia, pondo toda a Igreja a meditar nas obras de misericórdia, a concretização da caridade.

¹⁷⁶Papa Francisco, Encontro com os Pobres e Refugiados na Hungria, acedido a 3 de setembro de 2023, <https://www.osservatoreromano.va/pt/news/2023-05/por-018/capazes-de-falar-com-a-vida-a-linguagem-da-caridade.html>.

Podemos resumir este Relatório dizendo, como o Papa Francisco, que «a caridade cristã não é uma simples filantropia mas, por um lado, consiste em olhar para o outro com os próprios olhos de Jesus e, por outro, em ver Jesus no rosto do pobre. Este é o verdadeiro caminho da caridade cristã, com Jesus no centro, sempre»,¹⁷⁷ e que «não podemos permitir que os algoritmos limitem ou condicionem o respeito da dignidade humana, nem que excluam a compaixão, a misericórdia, o perdão e, sobretudo, a abertura à esperança de uma mudança da pessoa».¹⁷⁸

O amor não é uma palavra vazia. A caridade não é a esmola. A caridade é o modo segundo o qual Deus habita no mundo e em nós. E, por isso, a caridade não pode deixar de se traduzir em atitudes concretas no serviço ao próximo, ao irmão mais necessitado. «Onde há caridade e amor, aí habita Deus», como diz o cântico litúrgico.

Acredito que não podemos deixar de recuperar o verdadeiro significado de caridade, em todos os ambientes e, como tal, também no meio escolar. Como diz Luciano Manicardi, “a Igreja tem a responsabilidade histórica dessa narração da caridade”.¹⁷⁹ Compete à disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica fazê-lo também no meio escolar. Ao suscitar a recuperação do termo “caridade”, apontando para a sua profundidade, e, sobretudo, ao vivê-la, a disciplina de EMRC pode contribuir para uma escola muito mais humana, atenta às necessidades individuais dos alunos, olhando para estes a partir do olhar de Deus que é Amor, que não trata as pessoas como números e não se deixa subjugar pela pressão das estatísticas.

¹⁷⁷Papa Francisco, Angelus, acedido a 5 de setembro de 2023 (23/08/2020),

<https://agencia.ecclesia.pt/portal/vaticano-caridade-crista-nao-e-simples-filantropia-alerta-francisco/>.

¹⁷⁸Papa Francisco, Discurso no encontro com os participantes dos “Minerva Dialogues”, acedido a 5 de setembro de 2023,

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/march/documents/20230327-minerva-dialogues.html>.

¹⁷⁹ Manicardi, *A caridade dá que fazer*, 17.

BIBLIOGRAFIA

Fontes

Bíblia Sagrada. Lisboa: Difusora Bíblica, 1976.

Igreja Católica. *Código do Direito Canónico*. Braga: Apostolado da Oração, 2007.

Igreja Católica. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Cascais: Princípia, 2015.

Igreja Católica. *Catecismo da Igreja Católica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993.

Igreja Católica. *Documentos do Concílio Vaticano II: Constituições, Declarações e Decretos*. Lisboa: Paulus Editora, 2014.

Documentos do Magistério da Igreja

Bento XVI. «Encíclica Caritas in Veritate». Acedido a 6 de maio de 2021.
https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html.

Bento XVI. «Encíclica Deus Caritas Est». Acedido a 15 de maio de 2021.
https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html.

Francisco. «Angelus». Acedido a 23 de março de 2023.
<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-08/papa-francisco-angelus-23-agosto-2020.html>

Francisco. «Angelus». Acedido a 6 de julho de 2023.
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2020/documents/papa-francesco_angelus_20200823.html

Francisco. «Bula Misericordiae Vultus». Acedido a 25 de maio de 2021.
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html.

Francisco. «Carta Apostólica Misericordia et Misera». Acedido a 18 de julho de 2021.
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20161120_misericordia-et-misera.html.

Francisco. «Decreto sobre a Cáritas Internacional». Acedido a 1 de julho de 2023.
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/20221121-decreto-caritas-internationalis.html

Francisco. «Encíclica Fratelli Tutti». Acedido a 2 de junho de 2021.
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html.

Francisco. «Encíclica Laudato Si». Acedido a 14 de junho de 2021.
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html.

Francisco. «Exortação Apostólica Christus Vivit». Acedido a 13 de julho de 2021.
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html.

Francisco. «Exortação Apostólica Evangelii Gaudium». Acedido a 27 de julho de 2021.
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html.

Francisco. «Homilia em Lampedusa». Acedido a 3 de maio de 2023.
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130708_omelia-lampedusa.html.

Francisco. «Homilia da Missa do Galo, 2019». Acedido a 18 de julho de 2023.
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-francesco_20191224_omelia-natale.html.

Francisco. «Mensagem aos Consagrados». Acedido a 13 de julho de 2023.
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/consecrated_life/documents/20230202-messaggio-gm-vitaconsacrata.html.

Francisco. «Mensagem para o 57º Dia Mundial das Comunicações Sociais». Acedido a 7 de junho de 2023.
<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20230124-messaggio-comunicazioni-sociali.html>.

Francisco. «Mensagem de Quaresma de 2015». Acedido a 11 de junho de 2023».
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/lent/documents/papa-francesco_20141004_messaggio-quaresima2015.html.

Francisco. «Mensagem aos Salesianos no Capítulo Geral de 2020». Acedido a 11 de julho de 2023.
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco_20200304_messaggio-salesiani-valdocco.html.

Francisco. «70 anos da Cáritas Internacional». Acedido a 1 de julho de 2022.
<https://agencia.ecclesia.pt/portal/vaticano-papa-assinala-70-anos-da-caritas-internacional-elogiando-acao-junto-dos-pobres-e-mais-vulneraveis/>.

João XXIII. «Constituição Humanae Salutis». Acedido a 24 de agosto de 2021.
https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html.

João XXIII. «Encíclica Mater et Magistra». Acedido a 29 de setembro de 2021.
https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html.

João XXIII. «Encíclica Pacem in Terris». Acedido a 3 de janeiro de 2022.
https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem.html.

João Paulo II. «Encíclica Centesimus Annus». Acedido a 24 de março de 2022.
https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem.html.

João Paulo II. «Encíclica Dives in Misericordia». Acedido a 3 de maio de 2021.
https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem.html.

João Paulo II. «Encíclica Dominum et Vivificantem». Acedido a 3 de maio de 2023.
https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_18051986_dominum-et-vivificantem.html.

João Paulo II. «Encíclica Sollicitudo Rei Socialis». Acedido a 6 de junho de 2023.
https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis.html.

Leão XIII. «Encíclica Rerum Novarum». Acedido a 2 de fevereiro de 2021.
https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html.

Paulo VI. «Constituição Pastoral Gaudium et Spes». Acedido a 3 de março de 2021.
https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html.

Paulo VI. «Decreto sobre o Apostolado dos Leigos Apostolicam Actuositatem». Acedido a 7 de abril de 2021.

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651118_apostolicam-actuositatem_po.html.

Paulo VI. «Encíclica Ecclesiam Suam». Acedido a 23 de junho de 2022.

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651118_apostolicam-actuositatem_po.html.

Paulo VI. «Encíclica Populorum Progressio». Acedido a 10 de junho de 2021.

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651118_apostolicam-actuositatem_po.html.

Papa Paulo VI. «Regina Caeli». Consultado a 4 de junho de 2023.

https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/angelus/1970/documents/hf_p-vi_reg_19700517.html.

Pio XI. «Encíclica Quadragesimo Anno». Acedido a 19 de junho de 2021.

https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragesimo-anno.html.

Estudos e Ensaios

Almendra, Luísa Maria Varela. «Quem é o meu próximo?», *Communio*, n. 2, (2009): 145-156.

Ambrosio, Juan (coord.). *A Misericórdia de Deus: Coração Pulsante do Evangelho*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2016.

Américo. *Notas de Quinzena*. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1986.

Américo. *Doutrina I*. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1974.

_____. *Doutrina III*. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1980.

_____. *Isto é a Casa do Gaiato I*. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1985.

Angélico, José Pedro Lopes. «Horizonte teológico e racionalidade teológica: uma reflexão teológico-fundamental sobre a misericórdia». *Humanística e Teologia* 37, nº1 (2016): 123-143.

Antunes, Manuel Luís Marinho. «O serviço da caridade», *Communio*, n. 2, (2007): 177-196.

- Bianchi, Enzo e Alexandre Freire Duarte. «Jesus, narrativa da misericórdia de Deus». *Humanística e Teologia* 37, nº 1 (2016): 19-28.
- Borges de Pinho, José Eduardo . *Guia para o estudo e aplicação da Encíclica Deus é Amor de Bento XVI*. Prior Velho: Paulinas, 2007.
- _____ «Diaconia e Caridade: uma aproximação eclesiológica». *Communio*, nº 2 (2009): 195-208.
- _____ «A Igreja, casa da misericórdia». *Humanística e teologia*, n. 37, (2016): 29-56.
- Bueno de la Fuente, Eloy. *A Mensagem de Fátima. A Misericórdia de Deus: O triunfo do Amor nos dramas da História*. Fátima: Santuário de Fátima, 2016.
- Carvalho, Cristina Sá (coord.). *Estou contigo. Manual do 6º ano de Educação Moral e Religiosa Católica*,. Lisboa: SNEC, 2015.
- Clemente, Manuel. *Uma casa aberta a todos*. Prior Velho: Paulinas, 2013.
- Costa, Alfredo Bruto da. «Quem são os pobres de hoje?». *Communio*, nº 2, (2009): 135-144.
- Couto, António José da Rocha. «As obras de misericórdia: uma leitura de Mt 25,31-46», *Humanística e Teologia*, n. 37 (2016): 173-185.
- Cunha, Jorge. 2016. «A Misericórdia Como Critério Moral E Pastoral». *Humanística e Teologia* 37 (2016): 159-72.
- Duarte, Alexandre Freire. A Misericórdia Com Os Demais a Partir Da Misericórdia Com Deus. *Humanística e Teologia* 37 (2016): 57-122.
- Duarte, M. P. de Moraes Pinto. *A porta aberta: pedagogia do Padre Américo. Métodos e vida*. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1985.
- Duque, Eduardo. *Mudanças Culturais, mudanças religiosas: perfis e tendências da religiosidade em Portugal numa perspetiva comparada*. Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2014.
- Franco, José Eduardo (Dir.). *O esplendor da austeridade*, Lisboa: INCM, 2011.
- González-Balado, José Luis. *Madre Teresa dos pobres mais pobres*. Lisboa: Paulistas, 1983.
- _____ *Madre Teresa do mundo inteiro*. Apelação: Paulus Editora, 2002.
- _____ *Madre Teresa de Calcutá – Um amor sem fronteiras*. Braga: Editorial Franciscana, 2003.

- Halík, Tomáš. *Paciência com Deus*. Prior Velho: Paulinas, 2019.
- Joaquim, Henrique Manuel Marques. *Lógicas de Acção no Campo Católico: diversidade de Modelos e Práticas no domínio da Acção Social*. Lisboa: UCP, 2011.
- Kasper, Walter. *A Misericórdia*. Cascais: Lucerna, 2015.
- Leal, Luís. *Padre Américo Monteiro de Aguiar e a Renovação do Clero Português na Primeira Metade do Sé. XX*. Porto: CEHR, UCP, 2016.
- Loureiro, João Evangelista. *Um grande educador português do século XX*. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1996.
- Miret Magdalena, Enrique. «Hacia un nuevo sentido de lo sagrado, y la crisis religiosa de la juventud». *Revista de Estudios de Juventud*, nº 53/01 (2001): 73-79.
- Manicardi, Luciano. *A caridade dá que fazer: Atualidade das Obras de Misericórdia*. Prior Velho: Paulinas 2016.
- Mendonça, José Tolentino. *O hipopótamo de Deus*. Prior Velho: Paulinas, 2014.
- Messias, Teresa. «Espiritualidade Cristã e Identidade Crente nas Culturas Juvenis». *Communio* 29, nº 1(2012): 117-118.
- Murillo, Andrès Canteras. «Los nuevos modos de los jóvenes: una interpretation sociológica», *Revista de Estudios de Juventud*, n. 53 (2001).
- Papa Francisco. *O nome de Deus é Misericórdia*. Lisboa: Editorial Planeta, 2016.
- Policarpo, José da Cruz Policarpo. *A Igreja na Cidade*, Lisboa: ICNE, 2005.
- Ramos, José da Rocha. *Padre Américo, Místico do nosso tempo*. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1997.
- Sampaio, Fernando. «Misericórdia e arte de cuidar», em *A Misericórdia de Deus: coração pulsante do Evangelho*, coord. Juan Ambrosio. Lisboa: UCP, 2016, 202
- Santo Agostinho. *Confissões*. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1984, I,1.1.
- Santos, Januário dos. *Madre Teresa de Calcutá*. Cucujães: Editorial Missões, 1995.
- Secretariado Nacional de Educação Cristã. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. EMRC 2014*. Lisboa: SNEC, 2014.
- Sousa, Francisco de Almeida e, *O Padre Américo e a generosidade da cidade do Porto*, in *O Tripeiro*, Novembro 2006.
- Teixeira, Alfredo. «Os “mundos Sociais” da acção sócio caritativa». *Communio*, n. 2 (2009): 209-222.

Van Den, A. «Amor e caridade, no AT e no NT». Em *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1987: 59-64.

Vieira, Domingos Lourenço. «A Solidariedade Cristã: Horizonte de Sentido e Lógica de Acção». *Communio*, nº 2 (2009): 187-194.

Vieira, Domingos Lourenço. *Doutrina Social da Igreja. Introdução à ética social*. Apelação: Paulus, 2013.

Zambonini, Franca. *Madre Teresa – A mística dos últimos*. Prior Velho: Paulinas, 2005.

Documentos da internet

Anónimo. «Dos escritos privados da Santa de Calcutá». Acedido a 19 de julho de 2023. https://www.snpcultura.org/impressao_digital_madre_teresa_escritos_privados.html

Agência das Nações Unidas para os Refugiados. «ACNUR». Acedido a 10 de abril de 2023. <https://www.acnur.org/>

Agência Ecclesia. Consultado a 6 de junho de 2023. <https://agencia.ecclesia.pt/portal/covid-19-vaticano-recorda-padre-giuseppe-berardelli-que-queria-dar-a-sua-vida-pelos-mais-jovens/>.

Agência Ecclesia. «Deus caritas est». Acedido a 24 de maio de 2023. <https://agencia.ecclesia.pt/portal/deus-caritas-est-e-resposta-a-perguntas-concretas-da-vida-crista/>.

Agrupamento de Escolas de Parede. «Projeto Educativo». Acedido a 5 de maio de 2021. <https://www.aeparedede.edu.pt/>.

Cáritas Portuguesa. «Cáritas Portuguesa». Acedido a 2 de julho de 2023. <https://caritas.pt/>

Cáritas. «O que fazemos». Acedido a 4 de julho de 2023. <https://caritas.pt/>

Comunidade de Santo Egídio. «Comunidade de Santo Egídio». Acedido a 17 de julho de 2023. <https://www.santegidio.org/>.

Comunidade de Vida e Paz. «Comunidade Vida e Paz». Acedido a 4 de julho de 2023. <https://www.cvidaepaz.pt/>

Comunidade de Vida e Paz. «Estatutos». Acedido a 5 de julho de 2023. <https://www.cvidaepaz.pt/>

Dehonianos. «Hino do Amor». Acedido a 5 de setembro de 2023. <https://www.dehonianos.org/portal/hino-do-amor0/>.

«Entrevista do Cardeal D. Tolentino à Unisinos sobre a Encíclica Fratelli Tutti». Acedido a 14 de março de 2023.

<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/603661-texto-contexto-e-pretexto-da-enciclica-fratelli-tutti>.

Hartman, Christoph. «Espiritual sim, religioso não». Acedido a 30 de junho de 2023.

https://www.snpcultura.org/espiritual_sim_religioso_nao_tendencia_continua_a_crescer_sobre_etudo_nos_jovens.html.

Instituto da Segurança Social. «Plano DOM». Acedido a 12 de fevereiro de 2023. [Plano DOM - Desafios, Oportunidades e Mudanças - seg-social.pt](https://www.institutosegurancasocial.pt/plano-dom).

Irmãs Hospitaleiras. «Irmãs Hospitaleiras». Acedido a 9 de julho de 2023.

<https://irmahospitaleiras.org/missao>

Irmãs Hospitaleiras. «Congregação das Irmãs Hospitaleiras do Coração de Jesus». Acedido a 9 de julho de 2023.

<https://irmahospitaleiras.org/missao>.

Moura, José Barata. «Vamos brincar à caridadezinha». Acedido a 9 de fevereiro de 2023..

<https://www.youtube.com/watch?v=ZHieMBabirY>.

Obra da Rua. «Obra da Rua». Acedido a <http://www.obradarua.pt/>

«Ordem Hospitaleira de S. João de Deus». Acedido a 5 de julho de 2023».

<https://www.isjd.pt/pt/quem-somos>

Oki, Marihiro. «Testemunho sobre Madre Teresa de Calcutá». Acedido a 20 de julho de 2023.

https://www.snpcultura.org/impressao_digital_madre_teresa.html.

Ecclesia. Programa Ecclesia. «A Obra da Rua do Padre Américo: história e atualidade».

Acedido a 19 de julho de 2023, <https://agencia.ecclesia.pt/portal/programa-ecclesia-do-dia-16-de-novembro-de-2015/>

Salesianos. «Salesianos». Acedido a 11 de julho de 2023.

<https://www.salesianos.pt/quemsomos/ambientes/>.

Sociedade de São Vicente de Paulo. «Sociedade de S. Vicente de Paulo». Acedido a 16 de julho de 2023.

<https://ssvp.pt/>.

Vatican News. «A vida de Frederico Ozanam». Acedido a 15 de julho de 2023.

https://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_19970822_ozanam_po.html.

Wilton, Maria. «Os jovens e a religião». Consultado a 14 de junho de 2023.

<https://setemargens.com/os-jovens-e-a-religiao-crentes-a-sua-maneira/>.